

Imaginária retabular algarvia



Francisco Lameira
Martina del Rio João

2005

- 01 *O retábulo em Portugal. Das origens ao declínio* (impresso).
Francisco Lameira

2006

- 02 *O retábulo da Companhia de Jesus em Portugal: 1619 - 1759* (impresso).
Francisco Lameira

2007

- 03 *O retábulo no Algarve* (impresso).
Francisco Lameira

2009

- 04 *Retábulos nas Misericórdias Portuguesas* (impresso).
Francisco Lameira

2013

- 05 *Retábulos na Diocese de Beja* (impresso).
Francisco Lameira e José António Falcão

2014

- 06 *Retábulos nos Países Africanos de Língua Oficial Portuguesa* (impresso).
Francisco Lameira e João Canha e Sá

- 07 *Retábulos na Diocese de Setúbal* (impresso).
Francisco Lameira e Hélder Rodrigues

- 08 *Retábulos na Diocese do Funchal* (impresso).
Francisco Lameira, Paulo Ladeira e Renato Freitas

2015

- 09 *Retábulos na Arquidiocese de Évora* (impresso).
Francisco Lameira e Artur Goulart

- 10 *Retábulos na Diocese de Viana do Castelo* (impresso).
Francisco Lameira e Paulo Ladeira

- 11 *Retábulos da Ordem dos Carmelitas Descalços* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e frei José Carlos Vechina

2016

- 12 *Retábulos no Estado de Goa* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

- 13 *Retábulos Relicários* (impresso).
Francisco Lameira, Carlos Evaristo e José João Loureiro

2017

- 14 *Retábulos na Diocese de Lamego* (impresso).
Francisco Lameira, Pedro Vasconcelos Cardoso e José João Loureiro

- 15 *Retábulos na Diocese de Leiria - Fátima* (impresso).
Francisco Lameira, José João Loureiro e Virgolino Ferreira Jorge

- 16 *Retábulos em Minas Gerais* (impresso).
Francisco Lameira, Aziz José de Oliveira Pedrosa, Alex
Fernandes Bohrer e José João Loureiro

2018

- 17 *Retábulos no patriarcado de Lisboa* (impresso).
Francisco Lameira e José João Loureiro

2019

- 18 *Retábulos na Província do Norte. Baçaim, Damão e Diu* (impresso).
Francisco Lameira e Mónica Esteves Reis

2020

- 19 *Retábulos nos Açores* (impresso).
Francisco Lameira, José Meco, José João Loureiro e Marta Bretão

- 20 *Retábulos no Mundo Português* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira

- 21 *Retábulos no Pará e no Maranhão* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Isabel Mayer Godinho Mendonça e Renata
Malcher de Araujo

- 22 *Retábulos no Brasil Colonial* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Mozart Bonazzi da Costa e Martina del Rio João

- 23 *Retábulos na Arquidiocese de Braga* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Raúl Sampaio Lopes e José João Loureiro

- 24 *Retábulos na Diocese de Vila Real* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira, José Bernardo Carvalho e Martina del Rio João

2021

- 25 *Retábulos na Diocese do Porto* (impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

- 26 *Retábulos das Almas no Purgatório* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Inês Afonso Lopes e Martina del Rio João

- 27 *Retábulos na Diocese de Bragança - Miranda* (em formato eletrónico).
Francisco Lameira, D. José Cordeiro, Martina del Rio João e
Padre Augusto A. Ferreira Pires

2022

- 28 *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados entalhadores
e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

- 29 *Quando a Fé Transborda - altares geminados e com arco*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João

- 30 *Retábulos nas Dioceses de Coimbra e Aveiro*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Sandra Costa Saldanha e Martina del Rio João

- 31 *Retábulos nas Dioceses de Portalegre-Castelo Branco e Santarém*
(em formato eletrónico).
Francisco Lameira, Martina del Rio João e António Marçal Grilo

- 32 *Imaginária retabular algarvia*
(impresso e em formato eletrónico).
Francisco Lameira e Martina del Rio João



Imaginária retabular algarvia



EDIÇÃO

Departamento de Artes e Humanidades da Universidade do Algarve

PARCERIA

Millennium bcp

DESIGN GRÁFICO

Martina del Rio João

FOTOGRAFIA (Exceto as sinalizadas nas legendas)

Helio Ramos

EDIÇÃO DAS IMAGENS

Martina del Rio João

ISBN: 978-989-9127-08-1

COI: <https://doi.org/10.34623/kd4s-9518>

HANDLE: <http://hdl.handle.net/10400.1/18086>

LOCAL E ANO

Faro | 2022

APOIOS



CAPA: . Santa Margarida. Segundo quartel de Setecentos. Manuel Martins (?). Igreja paroquial de Alte – Loulé.

CONTRACAPA: Santa Ana e a Virgem. Terceiro quartel de Setecentos. Machado de Castro (?). Igreja matriz de São Pedro, em Faro.

Foto Maria del Rio.

Índice:

Apresentação.....	7
Editorial.....	9
Introdução.....	11
Imaginária retabular algarvia	
-Localização.....	19
-Usos e funções.....	24
-Iconografia.....	31
-Encomenda.....	41
-Tipologias.....	51
-Periodização.....	54
- Filiação.....	73
-Materiais e técnicas.....	78
-Produção.....	87
Mapa de localização das esculturas do catálogo.....	114
Catálogo das esculturas selecionadas.....	117
Bibliografia.....	208



São Francisco Xavier. Meados do sec. XVII.
Igreja paroquial de Alte.
Foto Museu Municipal de Loulé.



Menino Jesus Rei. Museu Municipal de Lagos. Segundo quartel do século XVIII. Foto Museu Municipal de Lagos.

Apresentação

Com a publicação da *Imaginária retabular algarvia*, a coleção Promontoria Monográfica História da Arte, já no seu volume 32, abre agora caminho a uma nova linha da história da arte. O valor identitário dos objetos artísticos retabulares no património cultural português ficou bem claro nos volumes anteriores, apresentados nas suas múltiplas geografias, tipologias, funções, iconografias, estruturas materiais e técnicas, em cronologias de muito alargado arco temporal e sob diferentes formas artísticas.

«Parede habitada», o Retábulo recebe o seu título e identificação não só a partir da imagem, isto é, da representação da essência da divindade e da santidade na materialidade da forma, como alberga também outros objetos, que complementam os seus significados e as suas funções devocionais e litúrgicas. Nestas ambivalências e complexidades impunha-se, naturalmente, compreender as máquinas retabulares com as suas imagens e as imagens nos seus contextos retabulares, segundo uma metodologia simples, mas pioneira, que os autores nos trazem neste estudo dedicado em exclusivo à imaginária esculpida.

Apresentando a investigação já sistematizada da localização, dos espaços, dos usos e funções - cultuais, devocionais e catequéticas -, das temáticas iconográficas, das tipologias, das encomendas - desde os intervenientes, as mecânicas do processo até aos universos artísticos das demandas -, assim como as muitas cronologias de todo o conjunto da imaginária algarvia, inventaria-se aqui o panteão sagrado do território, sempre em comprometida articulação com os retábulos. Destaque ainda para a caracterização técnica e formal das esculturas avançada, tal como a detalhada descrição do processo produtivo, abarcando o projeto, a escolha da oficina, custos e pagamentos, acabamentos, vistorias e avaliações, sagração e bênção, renovações, identificação dos diferentes ofícios envolvidos e, apenas no contexto algarvio, a sumula da produção das imagens documentada desde o segundo quartel do século XVI. As datações garantidas pelas fontes históricas de muitas destas esculturas servirão doravante como padrão para aferir dúvidas relativas a cronologias de obras conservadas noutras regiões.

O leitor não encontrará, no entanto, apenas um inventário, a mera confirmação da identidade das imagens esculpidas, uma simples datação, ou a sua contextualização. Acompanhadas por um valioso aparato ilustrativo, expõem-se biografias culturais das esculturas recenseadas, catalogadas de acordo com os parâmetros de análise prescritos, quase todas sustentadas por fontes escritas. Muitas das obras são reconhecidamente fragmentos de um todo perdido no tem-

po, imagens preservadas pelo património imaterial do culto, como contam as devoções associadas; além disso, o seu registo cruza a história dos sistemas retabulares do Algarve plenamente integrados na totalidade e da história retabular portuguesa. Através das biografias destas imagens esculpidas colhe-se assim a memória de perdidos retábulos importados das Midlands inglesas, nos séculos finais da Idade Média, das “máquinas” flamengas, de singulares fragmentos como a Santa Catarina em barro da igreja paroquial da Fonte do Bispo, ou de doações extraordinárias destinadas a revalorizar estruturas mais antigas (como a alabastrina Virgem com o Menino italiana do extinto convento da Graça de Loulé).

A produção escultórica mais apetecida em Portugal nos períodos fino medievais e da Idade Moderna mantém-se claramente representada neste património, em pedra, em barro, em estanho e em madeira policromados, desde a mais antiga Senhora da Orada, passando pelos muitos exemplares dos séculos XVII e XVIII, até à Nossa Senhora d’Alva, de 1809. Para além das importações não portuguesas, as oficinas de Coimbra, com destaque para obras notáveis atribuíveis aos mestres Diogo Pires-o-Velho e Diogo Pires-o-Moço, e mais tarde às oficinas de Lisboa capital do reino, profusamente presentes no património algarvio, são sintomas dos universos de gosto que compuseram a história da imaginária esculpida no Algarve que aqui se revela.

Maria João Vilhena de Carvalho
Museu Nacional de Arte Antiga

Editorial

Dar a conhecer e preservar o património cultural é um desígnio maior da Fundação Millennium bcp que procura assim contribuir para afirmar a nossa identidade nacional. O património constitui essencialmente um legado histórico e, por isso, a Fundação Millennium bcp tem o maior gosto em se associar à Universidade do Algarve para a edição do volume 32 da coleção Promontoria Monográfica História da Arte.

Depois da publicação dos volumes 7, 17, 24 e 25 dedicados aos *Retábulos na Diocese de Setúbal, no Patriarcado de Lisboa, na Diocese de Vila Real e na Diocese do Porto*, respetivamente, que também nos foi dado apoiar, surge agora mais um volume que tem por título a *Imaginária retabular algarvia*.

No vasto espólio remanescente nesta Diocese incluem-se algumas obras de grande valor patrimonial, a maior parte ainda ao serviço do culto nos diversos templos. Cumpre realçar que algumas destas imagens foram concebidas, esculpidas, estofadas e policromadas na região por profissionais competentes, sobressaindo Manuel Martins, considerado na época como *escultor famoso*. Outras foram importadas da Inglaterra, da Flandres, da Itália, de Braga e maioritariamente da cidade de Lisboa.

Apraz-nos apoiar esta iniciativa, promovendo a divulgação deste acervo, na esperança de que as diversas entidades locais (civis e religiosas), em estreita colaboração com as comunidades, se empenhem na sua salvaguarda e preservação.

Felicitemos ainda, com apreço, os investigadores que prepararam a presente publicação: Francisco Lameira, docente na Universidade do Algarve e coordenador desta coleção e Martina del Rio João, investigadora e colaboradora desta coleção.

António Monteiro
Presidente da Fundação Millennium bcp



Nossa Senhora da Piedade / Mãe Soberana. Pouco antes de 1565. Loulé. Foto Susana Paté.

Introdução

Tendo em conta que as esculturas mencionadas neste estudo se destinavam, maioritariamente, aos altares, eram entendidas como imprescindíveis pelos responsáveis religiosos, como se contata, não só nas Constituições Sinodais do bispado do Algarve: *a adoração (...) que se deve a Deus Nosso Senhor e à Virgem Maria Nossa Senhora, aos anjos e santos, a mesma se deve fazer a suas imagens por representarem a eles*¹, mas também noutras intervenções, nomeadamente nas Visitações, por exemplo, na de 1605, é referido: *porquanto pelas imagens veem, os que não têm letras nem conhecimento, do que por elas se significa e representa*².

Algumas destas imagens tiveram grande devoção dos fiéis, que a elas recorriam em casos de necessidade (naufrágios, epidemias, doenças, falta de chuva, etc.). Por vezes, saíam do altar e eram integradas em solenes procissões de grande aceitação popular.

O património remanescente na diocese algarvia é constituído por um considerável e meritório acervo, subsistindo ainda muitos exemplares de grande relevância artística, executados não só na região, mas também importados, na larga maioria de Lisboa e pontualmente de Coimbra, de Braga, da Inglaterra, da Flandres e da Itália.

Este estudo compõe-se fundamentalmente de duas partes. Na primeira, apresenta-se uma abordagem específica à imaginária retabular na região algarvia. Os pressupostos da presente análise são idênticos aos utilizados nos volumes anteriores da coleção. Consequentemente são explanados os seguintes itens: localização, usos e funções, iconografia, encomenda, tipologias, periodização, filiação artística, materiais e técnicas e produção. Na segunda parte surge um catálogo ilustrado com fotografias a cores de noventa exemplares, cuja seleção teve em conta diversos critérios. Em termos geográficos abrange-se o maior número de paróquias, privilegiando-se os principais centros urbanos sem, contudo, descurar os locais mais longínquos, aos quais foi possível aceder. Em relação à cronologia houve a preocupação de testemunhar as diversas conjunturas artísticas, dos finais do século XV aos princípios do XIX. No que concerne à sua qualidade, foi dada preferência

Procissão do Senhor Jesus, em Alvor.
Foto Junta de Freguesia de Alvor.



A lenda do Senhor Jesus de Alvor desenvolveu-se com uma informação do sacristão, da altura, da Igreja de Alvor, que referiu encontrar por vezes pingos de sangue no chão da Igreja que se dirigiam no sentido da porta principal do edifício.

A curiosidade levou-o a fazer vigília durante a noite. Numa dessas vigílias teria visto o Cristo descer da Cruz e dirigir-se para a porta.

Passadas umas horas a Igreja era invadida pela população, em romaria, a agradecer ao seu Senhor o milagre de ter salvo os pescadores que andavam no mar de uma grande tempestade, que subitamente acalmou.

TENGARRINHA, Margarida, *Da memória do Povo – Recolha de literatura popular de tradição oral do concelho de Portimão*, Lisboa, 1999, p. 66.

¹ BARRETO II, 1674, p. 15.

² DUARTE, 2015, p. 14.

à diversidade funcional e morfológica. Finalmente, atendeu-se ao estado de conservação, optando-se, sempre que possível, por imagens que não tenham sido adulteradas.

Resta, por fim, agradecer o empenhamento e a colaboração dos responsáveis dos diversos templos, públicos ou privados, que nos facultaram o acesso e o levantamento fotográfico das esculturas recenseadas. Registamos ainda o importante contributo de algumas instituições e de todos aqueles que gentilmente nos ajudaram ou cederam fotos, a seguir referenciados por ordem alfabética: padre Afonso da Cunha Duarte, diácono Albino Martins, Ana Rosa Sousa, Ana Viegas, Anísio Franco, padre António Antunes, frei António José de Almeida, OP., padre António Rocha, padre Armando Amâncio, Bruno Assis, Bruno Dias, cabido da sé de Faro, Catarina Sagaz, Cátia Pereira, Daniel Santana, David Teves Reis, Dinis Nascimento, Diogo Sousa, Elena Moran, Elvira Gonçalves, Emanuel Sancho, Fernando Dias, padre Fernando Rocha, Francisco Xavier, Helga Serôdio, Hélio Ramos, Inácio Gravanita, Ismael Medeiros, Joana Germano, João Miguel Simões, João Vasco Reis, padre Joaquim Beato, Jorge Correia, padre José Águas, padre José Armando Vieira, José Bernardo Carvalho, José Cabecinha, José Gonçalo Silva, padre José Pedro Martins, padre José Rosa Simão, Junta de Freguesia de Alvor, Junta de Freguesia da Guia, Junta de Freguesia de Monchique, Liliana André, Luís Alberto, Manuel da Costa, padre Manuel Rodrigues, Marco Lopes, Marco Pedro, Marco Sousa Santos, Maria Beatriz Pinto, Maria del Rio, Maria Fernandes, Maria João Vilhena de Carvalho, padre Mário de Sousa, Marta Pereira, padre Miguel Ângelo Pereira, padre Miguel Neto, Município de Alcoutim, Município de Aljezur, Município de Castro Marim, Município de Faro, Município de Lagoa, Município de Lagos, Município de Loulé, Município de Tavira, Museu Municipal de Faro, Museu Municipal de Faro, Museu Municipal de Lagos, Museu Municipal de Loulé, Museu Municipal de Portalegre, Museu do Traje de São Brás de Alportel, diácono Nuno Francisco, Ordem terceira de São Francisco de Tavira, Paróquia de Albufeira, Paróquia de Aljezur, Paróquia de Cachopo, Paróquias de Lagos, Paróquia de Moncarapacho, Paróquia de Odeleite, Paróquia de Odiáxere,



São Sebastião.
Finais do sec. XVI/princípios do XVII.
Igreja paroquial de Salir.
Arquivo Municipal de Loulé- Stills Fotografia.

Paróquia de Olhão, Paróquia de Portimão, Paróquia de Santo Estevão, Paróquia de São Brás de Alportel, Paróquia de Silves, Paróquia de Tavira, Paróquia de São Pedro de Faro, Paróquia de Vila Real de Santo António, Raquel Martins, Rui Parreira, Ruy Ventura, Sandra Costa Saldanha, Santa Casa da Misericórdia de Albufeira, Susana Paté e Virgolino Jorge.



São Bento. Antes de 1758. Igreja paroquial de Estoi. Foto Susana Paté.



Procissão da Mãe Soberana, em 2015. Foto Museu Municipal de Loulé-Luís da Cruz.





Procissão de Nossa Senhora dos Mártires. Foto Município de Castro Marim.





Anjo da Guarda. Cerca de 1726. Gaspar Martins (?). Igreja paroquial de Estoi. Foto Marco Pedro.

Imaginária retabular algarvia

O presente estudo, que surge na continuidade dos volumes anteriores, dedica-se a uma modalidade artística que, apesar de subsidiária dos retábulos, desempenhou um papel de enorme importância religiosa e patrimonial, sobrevivendo em muitos casos à destruição destes últimos equipamentos.

Localização

Independentemente da localização do altar e das diversas funções dos retábulos, as imagens eram colocadas em diferentes sítios, de acordo com a sua importância.

-No interior da mesa do altar

Em determinados retábulos, incluindo o da capela-mor, é possível estar a imagem do Senhor Morto dentro da mesa do altar, por detrás do frontal, como ocorre na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Albufeira (ver p. 158). Já na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho - Olhão, encontrava-se numa capela da nave do lado do Evangelho, da invocação do Espírito Santo³ (ver p. 173).

-Na banqueta

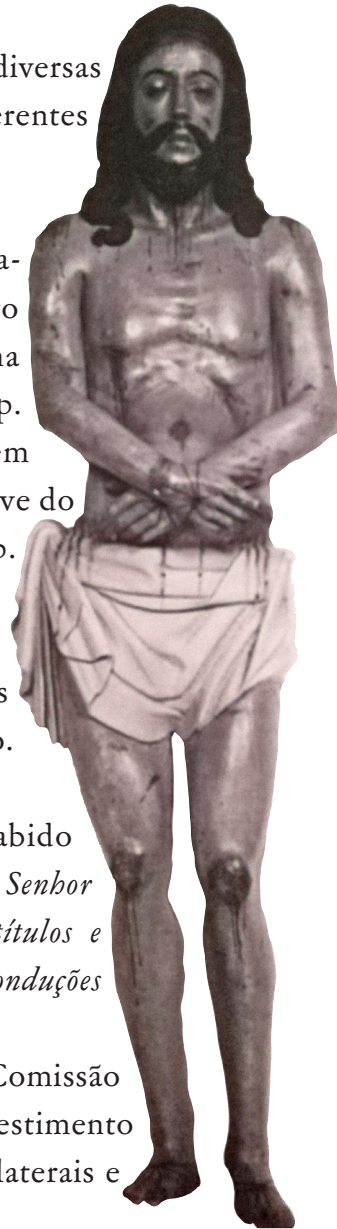
De presença obrigatória, normalmente entre os castiçais, há uma pequena imagem do Senhor Crucificado.

Vejamos alguns testemunhos:

-Para diversos altares da igreja da sé, em Faro, o cabido manda vir de Lisboa, em 1757, *seis imagens de Cristo Nosso Senhor Crucificado, encarnadas, com cruces douradas, esplendores, títulos e cravos, todas estas insígnias de prata, caixões em que vieram e conduções até ao Poço das Naus, que tudo importou 90\$415 réis*⁴.

-Em 1784, Manuel Francisco Xavier ajusta com a Comissão Fabriqueira da igreja paroquial de Olhão a feitura do revestimento em talha do arco triunfal, duas urnas para os retábulos colaterais e três pequenas imagens de Cristo Crucificado⁵.

-Por fim, na visitação à igreja paroquial de São Brás de Alportel, em



Senhor Morto.
Primeira metade do século XVIII.
Retábulo colateral da igreja matriz de Lagoa.

³ DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, fl. 1131.

⁴ Arquivo do cabido da sé de Faro, Livro da Fábrica, de 1747 a 1769, fl. 138.

⁵ LAMEIRA, 2000, p. 328.

1795, o bispo D. Francisco Gomes do Avelar faz a seguinte observação: *vimos que os altares do Senhor dos Passos e Senhora do Pé da Cruz não têm Crucifixos, sem os quais se não deve celebrar neles, pelo que mandamos que do rendimento de suas confrarias se comprem*⁶.

Se na larga maioria das situações estas pequenas imagens do Senhor Crucificado são de madeira, em casos pontuais podem ser de marfim, conforme se verifica na igreja paroquial de Santiago, em Estômbar – Lagoa (ver p. 150).

Embora não seja muito usual a presença de outras esculturas na banqueta, é possível encontrar alguns testemunhos, nomeadamente, no altar-mor da sede do bispado, em Faro, tendo em 1753 o cônego Cristóvão Parker pago nove moedas de ouro de 4\$800 réis que tanto importaram seis anjos que se fizeram para a sé⁷ (ver p. 88).

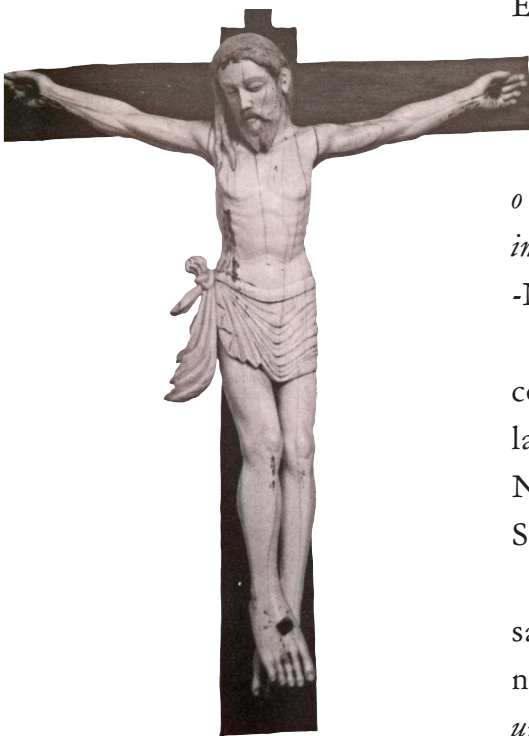
-Nas ilhargas ou no remate do sacrário

Quando os sacrários são monumentais e apresentam uma composição tripartida, podem existir pequenas imagens nos tramos laterais, como ocorre na capela-mor da igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro, onde estão São José (ver p. 68) e São João Baptista (ver p. 176).

Pouco frequente é também a existência de imagens sobre o sacrário, como a que frei Agostinho de Santa Maria refere, em 1716, na igreja matriz de Santa Maria, em Tavira: *a Senhora está colocada em um nicho sobre o sacrário do altar-mor e nela se está manifestando a sua grande antiguidade. É de escultura e a sua estatura serão cinco para seis palmos. Com esta santíssima imagem da Senhora dos Mártires (ver p. 129) tem aquela cidade grande devoção*⁸.

-Num esquite ou em nichos existentes no centro do registo superior do embasamento

Enquanto no retábulo das Almas da igreja matriz de São Pedro, em Faro, no esquite está a imagem de Nossa Senhora da Boa Morte (ver p. 167), no de Nossa Senhora das Dores, na igreja paroquial de São Sebastião de Boliqueime – Loulé surge a imagem do Senhor Morto. Por sua vez no retábulo-mor da ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Loulé, há três nichos: o principal com



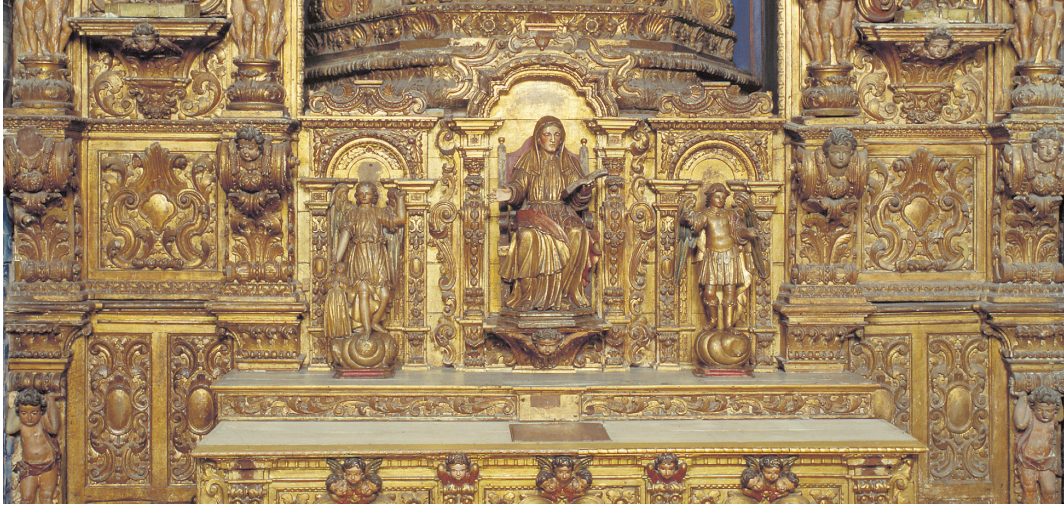
Senhor Crucificado, em marfim. Século XVII. Igreja da Misericórdia, em Faro.

6 DUARTE, 2015, p. 227.

7 LAMEIRA, 1987, p. 22.

8 SANTA MARIA, 1716, p. 424.

Santa Ana (ver p. 180) e os laterais com o Arcanjo São Miguel e o Anjo da Guarda (ver p. 181).



Pormenor do retábulo-mor. 1743. Miguel Nobre. Ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Loulé.

-No nicho central

Se ocasionalmente, se recorria à pintura figurativa ou ao relevo escultórico, na larga maioria dos retábulos, o nicho principal era o local preferencialmente destinado à imagem de vulto do orago. Entre múltiplos testemunhos, indicamos a de Santa Margarida, orago da já destruída ermida homónima, nos arredores de Alte - Loulé (ver capa) e a de São Simão Stock, num dos altares laterais da prestigiada igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Faro, executada em 1777/1778⁹.

-No camarim

Nos retábulos com camarim ou tribuna, independentemente de serem em capelas-mores ou laterais, é possível encontrar imagens de vulto inseridas em dosséis, em maquinetas ou no trono. São exemplos as esculturas da Virgem e de Santa Isabel no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Tavira (ver p. 166); a Senhora do Pé da Cruz, na ermida homónima, em Faro (ver p. 157); Nossa Senhora do Carmo a entregar o escapulário a São Simão Stock no retábulo-mor da igreja da ordem terceira, em Tavira e na capela de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Faro.

Em determinados camarins também é possível encontrar imagens de anjos tocheiros, uns de maiores dimensões, outros mais



São Simão Stock. 1777. Igreja do Carmo, em Faro.

⁹ Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro da Despesa da ordem terceira do Carmo de Faro*, de 1770 a 1809, fl. 39.

pequenos, como se verifica no retábulo-mor da igreja de Santo António, em Lagos (ver página ao lado).

-Em nichos laterais de retábulos com um, dois ou mais corpos

Se até aos finais do século XVI, princípios do XVII, a existência de imagens de vulto perfeito se restringia praticamente à representação escultórica do orago, colocada num nicho central, como ocorre, por exemplo, no retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz de Tavira, a partir de então começa a ser usual a colocação de outras imagens devocionais de vulto perfeito nas ilhargas do nicho central ou então nos tramos laterais, independentemente de terem um ou dois corpos. Exemplos de ambas as situações são o retábulo da igreja de Santo António, em Lagos e o da capela-mor da extinta igreja do colégio da companhia de Jesus, em Faro, atual Teatro Letes, onde estavam as imagens de quatro santos jesuítas, a saber Santo Inácio, São Francisco Xavier, São Luís Gonzaga e Santo Estanislau ¹⁰.

-Em lóculos no interior de retábulos relicários

Apesar de terem sido poucos os retábulos destinados a acolher relíquias, é possível encontrar bustos relicários no interior dos lóculos existentes nestes exemplares, como ocorria no retábulo do Santo Lenho, na igreja da sé, em Faro.

-No ático

A partir do Barroco deixou praticamente de se colocar imagens no remate dos retábulos, solução usada em conjunturas anteriores, como se verifica no retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Faro, em que nos dois nichos que ladeiam a tela central do ático estão as imagens da Virgem e do Anjo São Gabriel, apesar de não serem as originais.

Referimos ainda um testemunho documental, relatado por frei Agostinho de Santa Maria, em 1716, respeitante à imagem de Nossa Senhora da Esperança, do Espinheiro e da Atalaia, então existente na igreja conventual de Santo António dos Capuchos, em Tavira: *Ibe tiraram o padroado e o deram a Santo António (...) fazendo aqueles*

Busto relicário de São Francisco de Assis.
Princípios do século XVIII.
Igreja da sé, em Faro.



¹⁰ GUERRA, 1975, pp. 35 e 40.

religiosos uma tribuna em o retábulo do altar, que não é muito esbelta, lhe fizeram sobre ela um nicho onde colocaram a Senhora da Esperança, com isto satisfizeram o sentimento que os seus devotos mostravam em lhe tirar à Senhora o lugar que se lhe devia¹¹.



Retábulo-mor . 1718. Gaspar Martins. Igreja de Santo António, em Lagos.

¹¹ SANTA MARIA, 1716, p. 416.

Usos e funções

Depois de benzidas, as imagens faziam parte do sagrado, passando a merecer grande respeito e veneração dos fiéis, como veremos nos exemplos a seguir enunciados.

Excetuando as esculturas utilizadas exclusivamente nas procissões e que eram acomodadas em nichos independentes dos retábulos, como os que se encontram numa capela da igreja conventual de São Francisco, em Tavira, encontramos imagens, na sua larga maioria de vulto perfeito, em quase todos os altares, independentemente dos materiais e dos usos ou funções.

Se até aos finais do século XVI, princípios do XVII, como já referimos, só havia uma escultura no nicho central, a partir de então são também colocadas imagens nos tramos laterais, incluindo nos retábulos-mores, em que o trono escalonado se restringia unicamente à exposição solene do Santíssimo Sacramento. Nestes exemplares, a representação escultórica do orago era colocada, maioritariamente no lado do Evangelho, situação que se constata na capela-mor da igreja paroquial de Santiago, em Estômbar - Lagoa e na de São Clemente, em Loulé (ver p. 55). Por acordo celebrado entre franciscanos e dominicanos, as imagens dos patronos de ambas as Ordens passaram a figurar nos retábulos das suas igrejas conventuais, ficando por cortesia no lado do Evangelho São Francisco nas igrejas dominicanas e São Domingos nas franciscanas¹².

Só pontualmente as relíquias eram colocadas em bustos relicários, como os que mencionámos antes na capela do Santo Lenho, na igreja da sé, em Faro. Mais raro ainda era acomodar uma relíquia no interior de uma escultura, subsistindo na região algarvia apenas um único exemplar: Nossa Senhora da Relíquia (ver p. 125), orago de uma pequena ermida na freguesia de Giões - Alcoutim.

Enquanto objetos de culto, as imagens eram consideradas intermediárias do divino, socorrendo através de milagres alguns dos que solicitavam a sua intercessão. Entre inúmeros exemplos mencionamos os seguintes:



Nicho com imagem procissional de São Luís, rei de França, na *Capela dos Santos* da ordem terceira de São Francisco, em Tavira. Foto Elvira Gonçalves.

¹² Informação cedida por frei António José de Almeida, OP.

-Em 5 de julho do ano de 1679, saiu de Faro um barco, dos que tem el-rei naquele porto para guarda da costa, de que era mestre Estevão Gomes e o barco tinha por nome Santo António e Nossa Senhora das Ondas. Chegando este ao estreito de Gibraltar lhe sobreveio repentinamente uma tão furiosa tormenta que se viram perdidos e desconfiados já dos humanos remédios e temendo soverterem-se todos com o barco, recorreram com lágrimas à Senhora do Pé da Cruz para que lhes acudisse. Ouviu a piedosa mãe as suas lágrimas e fez que os ventos se sossegassem e o mar que até ali estava bravíssimo chegando ao céu com suas ondas e outras vezes descobrindo os abismos, se amansou de sorte que não deixaram todos de reconhecer deviam as vidas àquela Senhora, que é mãe da eterna vida. Agradecidos a tão grande benefício, mandaram pintar em um quadro este favor que da Senhora receberam e lhe foram dar as graças e o penduraram na sua capela¹³.



Quadro ou ex-voto. Século XIX.
Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Maria del Rio.

-Dois casados vieram do Cabo de São Vicente em romaria à Senhora da Guia e traziam consigo uma filha muda e confiados nos poderes da Senhora lhe mandaram dizer uma missa, pedindo-lhe se lembrasse deles e da filha, dando-lhe fala. Viu a muda umas redomas de água que estavam sobre o altar da Senhora e por acenos pediu uma delas; deram-lhe e bebendo três vezes sucessivamente, em a terceira se lhe desfez o vínculo e impedimento que padecia na língua e exclamou dizendo: Virgem da Guia valei-me e a Senhora lhe valeu, de sorte que ficou sã e voltaram os pais alegres para sua casa louvando a Deus e à Senhora da Guia na maravilha que obrara¹⁴ (ver p. 149).

-O padre João Marques Pais, cura de Vaqueiros depõe que uma mulher da sua freguesia estando à porta do seu monte, fiando com um fuso de ferro, vindo um filho seu, menino, que caindo sobre o fuso se lhe cravou por uma perna, que lhe passou de parte a parte, que ofendendo-lhe algum nervo se lhe encolheu a perna logo em tais termos que andava de rojo e aplicando-lhe à perna o sagrado escapulário, se lhe estendeu a perna e ficou tão sã como antes¹⁵.

-Em Loulé era grande a veneração a Nossa Senhora dos Pobres ou do Ó, como dizem alguns (...) as mulheres que criam e padecem algum achaque nos peitos, recorrendo à Senhora, alcançam logo pela sua intercessão a saúde que pretendem e em sinal de agradecimento do benefício lhe oferecem peitos



Nossa Senhora do Carmo (falta o escapulário na mão direita da Senhora. Princípios do século XVIII).
Igreja paroquial de Vaqueiros.
Foto padre Manuel Rodrigues.

13 SANTA MARIA, 1716, p. 393.

14 SANTA MARIA, 1716, pp. 401 e 402.

15 SANTA MARIA, 1721, p. 584.

*de cera, como testemunham os muitos que se veem pender na sua capela e lhe mandam dizer missas e as que estão de parto, encomendando-se à Senhora e mandando pedir se lhe deem nove badaladas no seu sino, na mesma hora reconhecem no bom sucesso as assistências da Senhora*¹⁶.

*-Na igreja de São José do Hospital, em Tavira, em 30 do mês de março do ano de 1721, pelas 8 horas para as 9 horas da manhã foi o dia em que o dito São José fez o milagre de suar pelo tempo de duas horas e em 3 de abril suou segunda vez e em 5 do dito mês e ano suou terceira vez (...) se repartiram as relíquias dos sanguinhos com que se limpou o suor e muitas pessoas tocaram muitas contas e relíquias que aplicadas a algumas enfermidades experimentaram conhecidas melhoras e na ocasião dos ditos suores se deu parte ao provisor deste Algarve, o qual mandou que se tirasse o instrumento referido e se examinasse se este suor procederia de alguma causa intrínseca da madeira de que é feita a dita imagem (...) e se fez experiência na madeira e se achou seca, sem humidade alguma, por cuja causa entendeu ser suor sobrenatural*¹⁷ (ver p. 165).

*-Em Portimão, sexta-feira de Endoenças do ano presente de 1588, em esta vila encerrando-se o Santo Sacramento, por estarem em ódio Tomé Gonçalves (...) com Diogo Tomé e seus filhos, todos moradores nesta vila, por uma querela que deles havia dado o dito Tomé Gonçalves (...) fomos a casa do dito Tomé Gonçalves e lhe levámos o Crucifixo do altar com as tochas da confraria acesas, onde o achámos com a sua mulher Catarina Gomes e lhe pedimos por as chagas de Nosso Senhor quisesse perdoar os ditos delinquentes, que presentes estavam, do que o dito Tomé Gonçalves e sua mulher responderam que não haviam de perdoar (...) ao que o senhor provedor e mais irmãos nos pusemos todos de joelhos chorando com muitas lágrimas e brados que perdoasse por amor daquele Senhor, ao que outra vez se mostrou endurecido e jurando outra vez o mesmo juramento se despregou o Cristo da cruz e caiu sobre o rosto e peitos e vendo isto disse que lhe perdoava livremente (...) como o Senhor se despregou de sorte que ficou da cintura para cima e braços como torcidos, na forma que ainda hoje parece que não puderam as mãos chegar aso lugares dos cravos e se fez outra imagem nova (...) e aquela milagrosa imagem se depositou em lugar decente na capela maior até que a devoção do provedor João Pacheco de Sousa lhe mandou fazer a capela acima dita, que ao depois (...) mandou acrescentar com retábulo e nicho entalhado e dourado com sua vidraça*¹⁸.



Crucifixo setecentista com a imagem do milagre ocorrido em 1588. Igreja matriz de Portimão.

¹⁶ SANTA MARIA, 1716, p. 406.

¹⁷ D. VASCONCELOS, 1937, p. 240.

¹⁸ Memória Paroquial, 1734, in VENTURA e MARQUES, 1993, p. 42.

À semelhança do que ocorria noutras localidades, nomeadamente em Lisboa, a imagem de Santo António foi alistada, na qualidade de patrono do Regimento de Infantaria da cidade de Lagos, primeiro como soldado e depois oficial, conforme se constata no seguinte documento: a 24 de janeiro de 1668, D. Pedro II como regente, com o intuito de animar o povo a combater contra Castela, assentou praça de soldado raso a Santo António no Regimento de Infantaria de Lagos. No mesmo dia em que faleceu D. Afonso VI - 12 de setembro de 1683 -, o dito D. Pedro elevou Santo António ao posto honorífico de capitão (...) por se ter, pouco antes, posto corajosamente à frente de um destacamento do regimento, que estava marchando de Juromenha para a guarnição de Olivença, ambas na Província do Alentejo e posto em fuga um forte corpo de castelhanos, em número quatro vezes maior do que a gente do referido destacamento¹⁹. O monarca seguinte, o rei D. João V mandou pagar, a partir de 1733, o soldo de capitão, mantendo-se este contributo até 7 de agosto de 1780, ocasião em que D. Maria I aumenta o donativo para 15\$000 réis mensais²⁰.

Em determinadas circunstâncias, pontuais ou periódicas, certas imagens retabulares eram retiradas dos altares, passando a ser veneradas em eventos ocorridos fora da igreja, em espaços públicos. Vejamos alguns exemplos:

-Em 1712, na cidade de Faro, quando chegou de Lisboa a nova imagem de Nossa Senhora do Carmo, os irmãos festejaram efusivamente o evento: *e assim se dispuseram para a sua colocação, que se fez ainda em a casa da Senhora da Esperança, outra procissão que se fez de noite para que o dia da sua celebridade ficasse mais desimpedido (...) foi aquela noite da véspera da festiva colocação da imagem da Senhora do Carmo muito festiva em toda aquela cidade, não só com as vozes dos sinos, mas com o muito fogo que houve e luminárias em toda ela. No dia da festa*



Santo António. Igreja de Santo António, do Regimento de Infantaria de Lagos. Foto Museu Municipal de Lagos - J. Costa.

¹⁹ LAMEIRA, 2010, p. 7.

²⁰ LAMEIRA, 2010, p. 8.

bouve dois sermões e esteve manifesto o Senhor em todo o dia, exposto nas mãos da sagrada imagem e neste dia foi muito grande o concurso da gente, não só daquela cidade, mas de muitas outras povoações circunvizinhas e foi festa nunca vista naquela cidade, que ficou toda admirada da grandeza e perfeição com que tudo se fez e obrou²¹.

-No dia 15 de maio de 1750, num acórdão da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro, é referido que por ocasião da grande seca com que Deus Nosso Senhor, não só ameaçou a este reino de Portugal, mas a toda a Europa (...) e como as orações do nosso patriarca Elias (ver p. 171) são tão poderosas para alcançarem de Deus Nosso Senhor o remédio de semelhantes necessidades (...) posto o Santo Patriarca em seu andor para ser levado em procissão pública para o convento das religiosas da Assunção desta cidade, se continuaram as preces por outros nove dias (...) trazendo do dito convento para esta nossa igreja a Senhora Santa Clara sucedeu que na madrugada seguinte, dia em que havia de ser a procissão, cobrindo-se o céu de nuvens se desfizeram em tão copiosas chuvas que inundaram a terra (...), tornou neste tempo a chover em tanta abundância que determinou a Mesa suspender a procissão, desmanchando o andor e posto o Santo Patriarca no seu lugar. Tornava continuar a mesma seca e calores, como de antes, por bastantes dias, de tal sorte que precisada a Mesa da necessidade pública dos clamores do povo, tornou a determinar se fizesse a procissão, como antes estava disposto e vindo o Santo segunda vez para o seu andor, em o dia 25 de abril, se começou o céu a cobrir de nuvens, de tal sorte que logo no seguinte dia 26, pela manhã, principiou a chover, de forma que muitos entenderam se não faria a procissão nessa tarde, pelo impedimento da chuva, mas não foi assim porque na tarde fez tempo capaz em que se fez a procissão de preces e penitência, com muita devoção, levando a Ordem nela ao Santo Patriarca em o seu andor debaixo do púlpito para o convento das religiosas da Assunção, como estava disposto e trazendo de lá a Senhora Santa Clara para a nossa igreja, se fizeram em as duas igrejas nove dias contínuos de devotas preces e é para reparar que em todos os dias em que continuaram as ditas preces choveu e em alguns deles com tanta abundância que se inundavam as ruas e se sossegaram os clamores do povo, que davam com grandes júbilos graças a Deus Nosso Senhor e Nossa Senhora que parece não foram servidos naquele aperto

21 SANTA MARIA, 1721, pp. 581 e 582.

despachar as suas súplicas sem que recorressem à intercessão do nosso Padre Elias para que deste modo se excitasse em seus corações a devoção a tão grande Santo (...) concluídas as preces em o dia 5 de maio, em o dia 6 se cantou o Te Deum em ação de graças na nossa igreja com música e instrumentos e grande concurso de gente. Em o dia seguinte recolheram os santos para as suas igrejas em festivas procissões ²².

-Nas Memórias Paroquiais de 1758, o pároco de Alvor diz a respeito da milagrosa imagem do Senhor Jesus (ver p. 11): *não se costuma sair com ela fora, em procissão pelas ruas, senão quando há esterilidade grande de água para os campos e há notícias certas de que já houve ocasião de que tanto que o dito Senhor saiu fora da igreja, repentinamente choveu água em abundância, não parando por isso a procissão, antes com mais alegria a foram prosseguindo, acrescentando aquela milagrosa água* ²³.

-No dia 17 de outubro de 1773, a ordem terceira do Carmo, em Faro, promoveu uma procissão em ação de graças por Santo Ângelo ter sido canonizado ²⁴.

-Em 1789, a confraria de Nossa Senhora do Rosário de Martinlongo – Alcoutim despende 200 réis com um parafuso de ferro que se fez para a Senhora ir no andor, de São Sebastião, na procissão das preces por água, que se fez no presente ano, além das 15 noites de terço pelos campos ²⁵.

-Em Loulé, no dia 30 de abril de 1895, um articulista do jornal O Século, noticiava o seguinte a respeito da procissão da Mãe Soberana (ver p. 14): *os festejos da Piedade estão esplendorosos. O arraial é o melhor que se tem feito na província. A iluminação é brilhantíssima, os fogos de primeira ordem e a procissão verdadeiramente majestosa. A concorrência excedeu a expectativa. Mais de 20.000 pessoas! A banda de caçadores 4 tocou magistralmente. Foi completa a ordem e extraordinário o entusiasmo* ²⁶.

A sacralidade das imagens era tanta que, quando ficavam arruinadas, não podiam ser destruídas, devendo ser tratadas com grande deferência, conforme se constata, nos seguintes testemunhos:

-Em 1565, numa recomendação do visitador da ordem militar de



Santo Ângelo. 1773. Igreja do Carmo, em Faro.

22 PINHEIRO e ROSA, 1972, pp. 112 e 133.

23 DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 379.

24 PINHEIRO e ROSA, 1972, p. 113.

25 Arquivo da igreja paroquial de Martinlongo, Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Martinlongo, de 1668 a 1847 e estatutos dos assentos dos irmãos, 1789-1790, fl. 59 vº.

26 ALEIXO, 2013, p. 68.



Nossa Senhora, orago da igreja da Misericórdia, em Moncarapacho. Foi mandada retirar do altar, na Visitação de 1795.

Santiago à então capela curada de São Bartolomeu de Pexão: *mandamos aos eleitos e mordomos que desfaçam os dois altares que estão junto do arco cruzeiro por serem muito pequenos e neles não se dizer missa e estão muito mal reparados e as imagens que neles estão, mandamos ao padre capelão que as enterre em lugar conveniente por serem muito velhas e não servem para estar nos altares*²⁷.

-Numa das recomendações dadas pelo bispo do Algarve, D. frei Lourenço de Santa Maria (1752 - 1783) na visitação à ermida de Nossa Senhora dos Prazeres, em Alvor: *acho que na dita ermida está uma imagem de São Pedro Gonçalves totalmente indecente e envelhecida, portanto no caso que os mareantes a não queiram reformar, determino se enterre em lugar separado dos defuntos, devendo o reverendo prior assistir a este ato*²⁸.

-Em 1795, na visitação à freguesia de Moncarapacho se refere que *na igreja da Misericórdia se suprimam as duas imagens de Nossa Senhora e Santa Isabel por estarem indecentes, se ponham na sacristia e se cubram*²⁹.

Quando os responsáveis políticos não participavam no culto de determinada imagem, a que estavam obrigados, os dirigentes religiosos da diocese apelavam às autoridades em Lisboa, como se verificou, em 1743, a propósito da falta de empenhamento na promoção da procissão de São Sebastião, em Faro, cuja imagem estava no altar-mor da ermida homónima: *neste cabido propôs o senhor deão que reparava no pouco zelo que obrava o senado da Câmara desta cidade no culto do glorioso mártir São Sebastião, pois não só deixava já de acompanhar a procissão no dia do Santo, tendo especial obrigação de o fazer, mas nem ainda este ano nomearam oficiais da dita Câmara para levar o andor do glorioso Santo como costumavam (...) deu conta o senhor deão da resposta a Sua Excelência sobre a procissão do glorioso mártir São Sebastião e que lhe dizem que o seu parecer era se escrevesse a Sua Majestade que Deus guarde, pela Secretaria de Estado, dando o reverendíssimo cabido conta de todo o procedimento da Câmara sobre a dita procissão*³⁰.

À semelhança do que acontecia noutras regiões do país, esporadicamente algumas imagens podiam ser vítimas de maus-tratos, por represália *por o dito Santo lhes não dar água ou outra coisa que pedem*³¹.

27 MARTINS e CABANITA, 2001 - 2002, p. 205.

28 LAMEIRA, 2000, pp. 310 e 311.

29 Arquivo Paroquial de Moncarapacho, *Livro das visitasões de Moncarapacho*, de 1678 a 1820, 1795, fl. não numerado.

30 Arquivo do cabido da sé de Faro, *Livro dos Acórdãos*, de 1737 a 1743, fls. 144 a 145.

31 CONSTITUIÇÕES, 1534, p. 149.

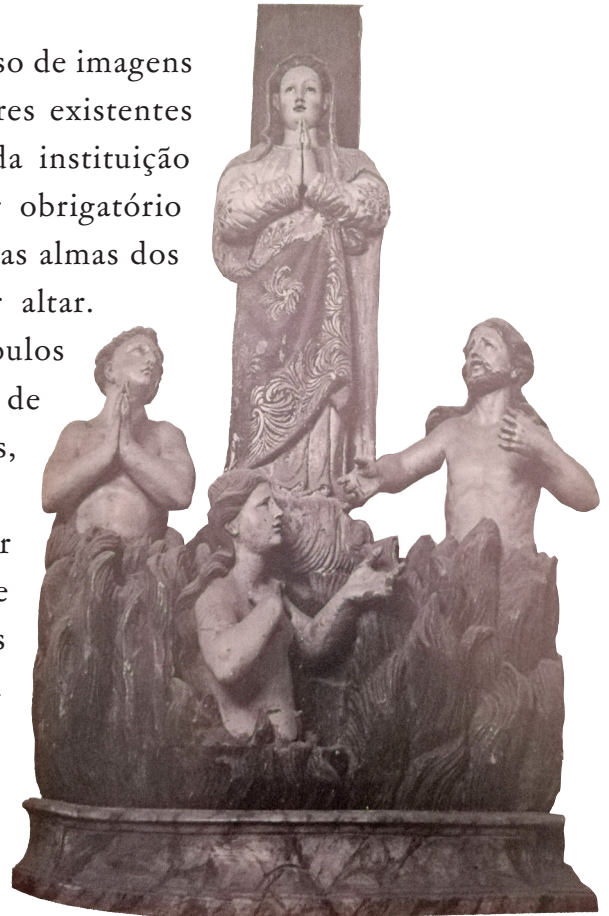
Iconografia

Depois de sagradas, as esculturas colocadas nos altares representavam o divino, como é referido nas Constituições Sinodais do bispado: *a adoração (...) que se deve a Deus Nosso Senhor e à Virgem Maria Nossa Senhora, aos anjos e santos, a mesma se deve fazer a suas imagens por representarem a eles*³².

Se até ao Concílio de Trento (1545 - 1563), o uso de imagens se restringia ao orago de cada um dos poucos altares existentes em cada templo, a partir de 1580, na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé³³, passava a ser obrigatório celebrar missas, quantas mais melhor, para sufragar as almas dos que faleciam, podendo ser oficiadas em qualquer altar. Por conseguinte, intensificou-se o número de retábulos e aumentou exponencialmente a quantidade de esculturas, que ocuparam também os nichos laterais, como veremos nas ilustrações a seguir enumeradas.

Os diversos responsáveis religiosos, quer do clero secular, quer do regular, para além de dinamizarem o culto das representações figurativas associadas à sua instituição, impulsionaram a criação de ordens terceiras e múltiplas confrarias, sejam de jurisdição eclesiástica ou régia. Em todas elas se promovia o culto a determinadas imagens, independentemente de acolherem qualquer pessoa ou de serem restritas a determinados setores socio-religiosos, a saber, mareantes, mesterais ou *mecânicos*, militares, sapateiros, camponeses e escravos de origem africana.

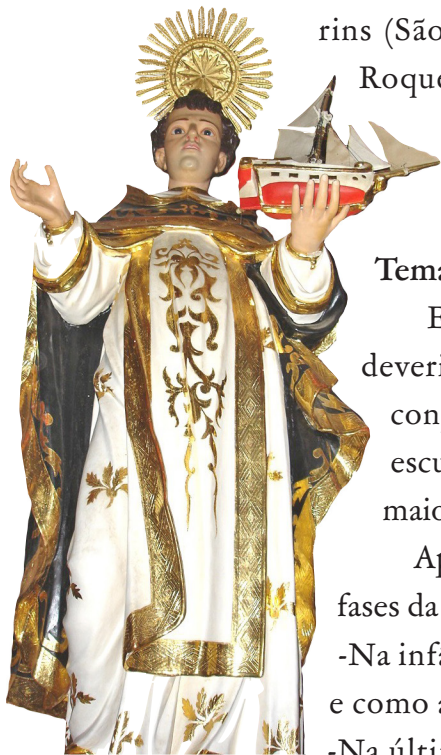
Assim sendo, as esculturas com maior divulgação, na sua maioria com atributos próprios, estavam associadas à vida de Cristo e em particular à sua Paixão; à Virgem Maria, designadamente à Visitação, à Senhora da Conceição, do Monte do Carmo, do Rosário e da Assunção; à salvação das almas do Purgatório, com destaque para o Arcanjo São Miguel e aos santos protetores de doenças e calamidades diversas: pestes e enfermidades contagiosas (São Sebastião e São Lázaro), problemas da garganta (São Brás), dos



Nossa Senhora das Almas. Século XVIII.
Igreja paroquial de São Sebastião, em Lagos.

³² BARRETO II, 1674, p. 15.

³³ OLIVEIRA, 1992, p. 349.



São Pedro Gonçalves Telmo.
Orago da igreja homónima, em Tavira.
Foto Daniel Santana.

rins (São Libório), da vista (Santa Luzia), queimaduras, raiva (São Roque), pragas de insetos (São Pedro do Pulgão), trovoadas (Santa Bárbara), períodos de seca (Santo Elias), terremotos (São Francisco de Bórgia), naufrágios (São Gonçalo de Lagos, Pedro Gonçalves Telmo, São Vicente), etc.

Temática Cristífera

Excetuando as pequenas imagens do Senhor Crucificado, que deveriam existir em todos os altares e assentar na banquetta, conjuntamente com os castiçais, as restantes representações escultóricas de Cristo só existiam em certos retábulos, maioritariamente no tramo central.

Apresentamos, de seguida, alguns testemunhos das diferentes fases da sua vida:

-Na infância, como Menino (ver p. 175), como menino rei (ver p. 6) e como adolescente (ver p. 35).

-Na última semana de vida, o Senhor Crucificado e o Senhor Morto existem praticamente em todas as igrejas paroquiais e monástico-conventuais (ver p. 173 e 187), sendo raras as situações em que a mesma imagem pode desempenhar simultaneamente as duas funções, como ocorre na igreja matriz de Santa Maria, em Tavira e na igreja paroquial de São Sebastião, em Lagos. Outras representações da Paixão são igualmente pouco frequentes. São exemplos o Senhor Preso, orago de um dos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Faro e *o Senhor à Paciência*, outrora existente no altar do Espírito Santo, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho (ver p. 35). Pouco usuais são também as imagens de Cristo Salvador (ver pp. 35 e 139).

Mariana

Em relação às representações da Virgem Maria, foram múltiplas as invocações, enunciando-se de seguida as que se diferenciam pelos atributos, de acor-



Senhor Morto / Senhor Crucificado. Século XVIII.
Igreja paroquial de São Sebastião, em Lagos.

do com as designações que tiveram ao longo dos tempos:

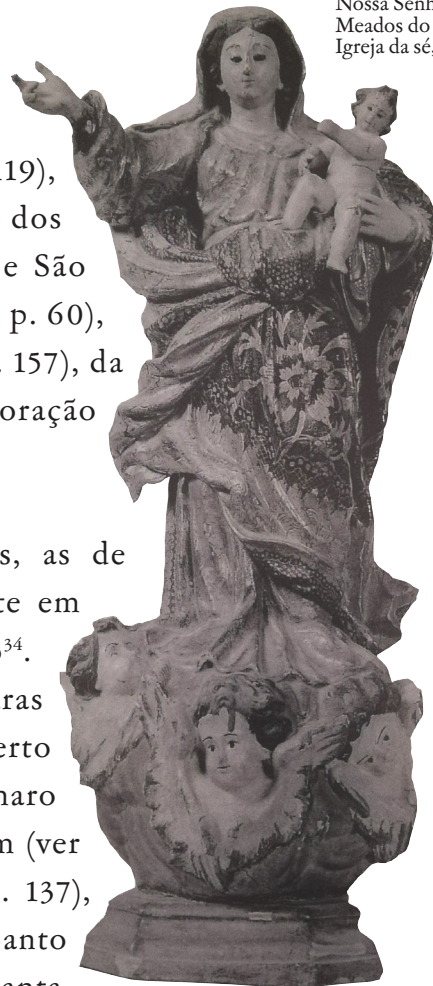
-Nossa Senhora das Almas (ver p. 193), do Amparo (ver p.159), da Assunção (ver p. 83), da Boa Morte (ver p. 167), do Carmo (ver p. 170), Conceição (ver p. 119), das Dores (ver p. 35), da Encarnação (ver p. 153), Mãe dos Homens; com o Menino (ver p. 121), com o Menino e São José (ver p. 53), com Santa Isabel (ver p. 166), do Ó (ver p. 60), do Pilar (ver p. 35), do Pé da Cruz ou da Piedade (ver p. 157), da Relíquia (ver p. 125), do Rosário (ver p. 45), Sagrado Coração de Maria (ver p. 69).

Hagiográfica

Entre as múltiplas representações hagiográficas, as de maior aceitação foram o Arcanjo São Miguel, existente em quase todos os altares das Almas e o mártir São Sebastião³⁴.

Enumeramos, por ordem alfabética, as esculturas recenseadas: Santo Agostinho (ver p. 43), Santo Alberto (ver p. 91), Santo Alberto Magno (ver p. 36), Santo Amaro (ver p. 36), Santa Ana (ver p. 180), Santa Ana e a Virgem (ver contracapa), Santa Ana, a Virgem e o Menino (ver p. 137), Santo André (ver p. 36), Santo Ângelo (ver p. 29), Santo António (ver p. 27), Santo António Menino do coro, Santa Bárbara (ver p. 168), São Barnabé (ver p. 36), São Bartolomeu (ver p. 56), São Bento (ver p. 36), São Bernardo (ver p. 36), São Brás (ver p. 130), Santa Brígida (ver p. 37), São Caetano (ver p. 37), São Camilo de Lélis (ver p. 186), Santa Catarina (ver p. 61), Santa Clara (ver p. 98), São Clemente (ver p. 55), São Crispim (ver p. 47), São Crispiniano (ver p. 151), São Cristóvão (ver p. 37), São Diogo (ver p. 37), São Dionísio (ver p. 86), São Domingos (ver p. 147), Santa Efigénia (ver p. 169), Santo Egídio³⁵, Santo Elesbão (ver p. 197), Santo Elias (ver p. 171), Santo Eliseu (ver p. 50), Santo Estanislau³⁶, Santo Estevão (ver p. 72), Santa Eufémia (ver p. 110), São Faustino (ver p. 37), São Francisco de Assis (ver p. 46), São Francisco de Borja (ver p. 38), São Francisco

Nossa Senhora Mãe dos Homens.
Meados do século XVIII.
Igreja da sé, em Silves.



³⁴ Encontramos imagens de São Sebastião nas seguintes freguesias: Albufeira, Alcantarilha, Alcoutim, Algoz, Aljezur, Alte, Alvor, Azinhal, Bensafirim, Bordeira, Cacela, Cachopo, Castro Marim, Conceição de Faro, Estoí, Estômbar, Faro, Ferragudo, Guia, Lagos, Loulé, Martinlongo, Messines, Moncarapacho, Monchique, Odeixe, Odeleite, Ôlhão, Pexão, Raposeira, Salir, Santa Catarina da Fonte do Bispo, São Brás de Alportel e Tavira.

³⁵ Em 1834, é inventariada no convento da Graça, em Loulé (SIMÕES, 2008a, p. 80).

³⁶ Em 1759, estava na igreja do colégio, em Faro, no retábulo-mor (GUERRA, 1975, pp. 35 e 40).



São Manuel. Princípios do século XVI.
Igreja paroquial de Estômbar.



Pormenor de Santa Rita de Cássia. Cerca de 1780.
Igreja paroquial de Ferragudo.
Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.

de Paula (ver p.38), São Francisco de Régis³⁷, São Francisco Xavier (ver p. 5), São Gabriel (ver p. 124), São Gonçalo de Lagos (ver p. 201), São Gregório³⁸, São Guilherme (ver p. 102), Santo Ildefonso³⁹, Santo Inácio de Loyola⁴⁰, Santa Iria (ver p. 70), Santa Isabel de Portugal (ver p. 38), Santo Ivo⁴¹, São João Baptista (ver p. 176), São João da Cruz (ver p. 107), São João Evangelista (ver p. 38), São João Nepomuceno (ver p. 38), São João de Sahagún⁴², São Joaquim (ver p. 39), São Jorge (ver p. 69), São José (ver p. 68), São Judas Tadeu (ver p. 39), Santa Justa (ver p. 203), São Lázaro (ver p. 39), São Leonardo⁴³, São Libório (ver p. 164), São Lourenço (ver p. 146), São Lucas (ver p. 42), São Luís, bispo (ver p. 60), São Luís Gonzaga⁴⁴, São Luís, rei de França (ver p. 39), Santa Luzia (ver p. 211), São Manuel, Santa Maria Madalena (ver p. 192), Santa Maria Madalena de Pazzi (ver p. 70), São Mamede⁴⁵, São Marcos (ver p. 67), Santa Margarida (ver capa), Santa Marta (ver p. 39), São Martinho (ver p. 79), São Mateus (ver p. 40), São Miguel Arcanjo (ver p. 155), Santa Mónica⁴⁶, São Nicolau Tolentino (ver p. 40), São Paulo (ver p. 64), São Pedro (ver p. 131), São Pedro de Alcântara (ver p. 40), São Pedro Gonçalves Telmo (ver p. 32), São Pedro de Verona (ver p. 40), Santa Rita de Cássia (ver p. 202), São Romão (ver p. 58), São Roque (ver p. 102), São Sebastião (ver p. 120), São Simão Stock (ver p. 21), Santa Teresa de Avila (ver p. 44), , São Telésforo (ver p. 109), São Tiago (ver p. 74), São Tomás de Aquino (ver p. 40), Santa Úrsula⁴⁷, São Vicente (ver p. 54), São Vicente Ferrer (ver p. 40).

Por fim, apresentamos o Anjo da Guarda (ver p. 18) e os anjos tocheiros (ver p. 88).

37 Em 1759, estava na igreja do colégio, em Faro, no altar de Santa Bárbara (GUERRA, 1975, p. 38).

38 Em 1758, era orago de um dos altares da igreja da sé, em Silves.

39 Em 1758, era o orago de uma ermida na Mexilhoeira Grande.

40 Em 1759, estava na igreja do colégio, em Faro, no retábulo-mor (GUERRA, 1975, pp. 35 e 40).

41 Em 1758, era orago de um dos altares da igreja da sé, em Silves.

42 Em 1834, é inventariada no convento da Graça, em Loulé (SIMÕES, 2008a, p. 81).

43 Em 1735, é referenciado na visitação efetuada à igreja paroquial de Paderne - Albufeira.

44 Em 1759, estava na igreja do colégio, em Faro, no retábulo-mor (GUERRA, 1975, pp. 35 e 40).

45 É referido, em 1758, na igreja paroquial de Odiáxere.

46 Em 1834, é inventariada no convento da Graça, em Loulé (SIMÕES, 2008a, p. 80).

47 Em 1759, era o orago de um dos retábulos laterais na igreja do colégio (GUERRA, 1975, pp. 35 e 37).



Menino Jesus. Meados do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Alte.



Senhor à Paciência. Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Moncarapacho.



Nossa Senhora do Pilar.
Primeira metade do sec. XVIII.
Ermida de Nossa Senhora do Pilar, em Algoz.



Salvador. Primeira metade do sec. XVII.
Igreja conventual de São Paulo, em Tavira.



Nossa Senhora das Dores. Terceiro quartel do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Monte Gordo.



Santo Alberto Magno. Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja da sé, em Faro.



Santo Amaro. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Santa Bárbara de Nexse.



Santo André. Meados do sec. XVII.
Igreja matriz de Monchique.



São Bernabé. Meados do sec. XVIII.
Igreja matriz de Santa Maria, em Tavira.



São Bento. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja conventual de Santo António, em Tavira.



São Bernardo. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja conventual de Santo António, em Tavira.



Santa Brígida. Meados do sec. XVII.
Igreja matriz de Monchique.



São Caetano. Segunda metade do sec. XVIII.
Ermida de Nossa Senhora da Boa Hora, em Loulé.



São Cristovão. Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja matriz de Olhão.



São Diogo. Segundo quartel do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Estoi.



São Faustino. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo.



São Francisco de Borja. Dec. de 1750.
Igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo.



São Francisco de Paula. Meados do sec. XVII.
Igreja matriz de Santa Maria, em Lagos.



Santa Isabel de Portugal. Dec. de 1740.
Igreja da Misericórdia, em Alcantarilha.



São João Evangelista. Meados do sec. XVIII.
Igreja matriz de Monchique.



São João Nepomeceno. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja do Carmo, em Faro.



São Joaquim. Meados do sec. XVIII.
Ermida do Pé da Cruz, em Faro.



São Judas Tadeu. Meados do sec. XVII.
Igreja paroquial de Santiago, em Tavira.



São Lázaro. Segunda metade do sec. XVIII.
Ermida do Livramento, em Tavira.



São Luís, rei de França. Segunda metade do sec. XVIII.
Ermida de São Luís, em Faro.



Santa Marta. Primeira metade do sec. XVIII.
Ermida de Santa Marta, em Alcoutim.



São Mateus. 1758.
Igreja da sé, em Faro.



São Nicolau Tolentino. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Boliquêime.



São Pedro de Alcântara. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja matriz de São Pedro, em Faro.



São Pedro de Verona. Finais do sec. XVII.
Igreja da sé, em Faro.



São Tomás de Aquino. Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja da sé, em Faro.



São Vicente Ferrer. Meados do sec. XVIII.
Igreja de São José do Hospital.

Encomenda

À semelhança do que acontecia noutras regiões, assistimos ao envolvimento de todos os setores da sociedade na encomenda de imagens.

O clero secular

Destacamos em primeiro lugar o clero secular, que tinha a seu cargo os serviços mais elementares prestados à população (o batismo, a confissão, a comunhão, o crisma, o casamento, a extrema unção, o enterramento, etc.), ocupando, como tal, um papel muito importante o responsável de cada freguesia ou paróquia, ou seja, o prior, pároco ou vigário, o elo mais próximo da comunidade.

No bispado de D. António Pereira da Silva (1704 -1715) existiam no Algarve sessenta e oito paróquias, estruturadas em onze vigararias.



Mapa do Algarve, mostrando as vigararias com as suas respectivas paróquias. Princípios do século XVIII. Fonte PINTO e PINTO, 1968.

Era da responsabilidade do pároco a administração de todos os bens, edifícios e rendimentos da paróquia, atividades que partilhava com a Comissão Fabriqueira, eleita anualmente entre os fregueses mais competentes. Nessa qualidade tinha, entre outras obrigações, a de promover a encomenda ou a reforma das imagens da capela-mor, ainda que financiadas pelos detentores do padroado da freguesia. Quando não assumiam essa função por iniciativa

própria, os visitantes impunham-na, por vezes repetidamente, como ocorreu na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho - Olhão, primeiro em 1733 e depois em 1738, em que foi recomendado executar uma nova imagem do orago, *pela indecência e antiguidade* da anterior imagem⁴⁸.

Ao bispo e ao cabido competia o pagamento das imagens da capela-mor da sé, como ocorreu em Faro, por volta de 1642, com as três imagens do retábulo: Nossa Senhora da Assunção, São Pedro e São Paulo (ver p. 64); em 1753, com *seis anjos que se fizeram*⁴⁹ para o altar-mor (ver p. 88) e, finalmente, em 1758, com os quatro Evangelistas *que podiam servir para a banquetta do altar-mor*⁵⁰ (ver p. 40).

Indicamos ainda algumas imagens da igreja da sé, custeadas pelas Mesas episcopal e capitular: em 1739, o Senhor Morto⁵¹; em 1742 os dois meios corpos de Santa Bárbara e São Francisco Xavier⁵² e, em 1756, a do *Senhor São Francisco de Bórgia*⁵³.

O clero regular

Até à implementação do Liberalismo, existiram na região algarvia vinte e quatro casas religiosas: conventos, hospícios, colégios, seminários, mosteiros e recolhimentos⁵⁴.

Para além das imagens existentes nos retábulos-mores e nalguns altares laterais das igrejas monástico-conventuais, as diferentes Ordens religiosas custearam a feitura de outras esculturas em templos da sua administração, apontando-se como exemplo as esculturas que os religiosos agostinhos descalços colocaram nos dois tramos laterais do retábulo principal da igreja de Nossa Senhora dos Pobres, em Loulé, que mandaram executar, em 1700, ao mestre entalhador e escultor italiano João Baptista Severino,



São Lucas. 1758. Igreja da sé, em Faro.

48 Arquivo Paroquial de Moncarapacho, *Livro das visitasões de Moncarapacho*, de 1678 a 1820, 1795, fl. não numerado.

49 Arquivo do cabido da sé, *Documento avulso*.

50 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro dos Acórdãos*, 1758 (Informação cedida pelo padre Afonso Cunha Duarte).

51 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro da Fábrica*, de 1711 a 1747, fl. 170.

52 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro da Fábrica*, de 1711 a 1747, fl. 194.

53 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro dos Acórdãos*, de 1751 a 1758, 1756, fl. 145.

54 Estrômar: convento de São Francisco, no Parchal, de franciscanos da Observância. Faro: de São Francisco da Observância, Santo António dos Capuchos da Piedade, Nossa Senhora da Assunção, de clarissas, colégio de Santiago, da Companhia de Jesus, depois de religiosos carmelitas descalços ou marianos, seminário episcopal de São José. Lagoa: de São José, de carmelitas calçados. Lagos: de Nossa Senhora do Carmo, de religiosas carmelitas calçadas, de Nossa Senhora da Glória, de capuchos da Piedade, da Santíssima Trindade, de trinos. Loulé: Nossa Senhora da Graça, de agostinhos calçados, Capuchos da Piedade; de religiosas sujeitas ao bispo, um hospício de religiosos franciscanos e um hospício de agostinhos calçados. Monchique: Nossa Senhora do Desterro, de franciscanos terceiros da ordem da Penitência, de Nossa Senhora do Carmo, nos Pegos Verdes, de monges eremitas. Portimão: colégio de São Francisco Xavier, da Companhia de Jesus, depois de religiosos camilos, de Nossa Senhora da Esperança, de capuchos da Piedade. Sagres: de capuchos da Piedade. Silves: de Nossa Senhora do Paraíso, dos capuchos da Piedade. Tavira: São Francisco da Observância, Santo António dos Capuchos da Piedade, Nossa Senhora da Ajuda, dos eremitas de São Paulo, Nossa Senhora da Graça, de agostinhos calçados, Nossa Senhora do Carmo, dos carmelitas descalços, Nossa Senhora da Piedade, de religiosas cistercienses.

então com oficina abeta na cidade de Faro⁵⁵.

Apesar de grande parte das casas religiosas ter sido alienada e, por vezes, destruída e as imagens dispersas, na sequência da implantação do Liberalismo e da subsequente extinção das Ordens religiosas, remanescem ainda diversas esculturas, maioritariamente colocadas noutros templos da mesma freguesia, como se verifica nos seguintes exemplos:

-Faro - do colégio da Companhia de Jesus: São Francisco de Borja, na igreja conventual dos Capuchos e Santa Bárbara (ver p. 168) na matriz de São Pedro; do colégio dos Marianos: Nossa Senhora do Carmo e São José, na igreja do Carmo e Santa Ana e a Virgem (ver contracapa), na matriz de São Pedro; do convento dos Capuchos: Santo António e São Francisco, ainda existentes no retábulo-mor da igreja.

-Lagos - do convento do Carmo: duas imagens de Nossa Senhora do Carmo, uma de Santo Elias e uma de São José, na igreja matriz de Santa Maria; do convento dos Capuchos: Santo António e de São Francisco, na igreja matriz de Santa Maria e Nossa Senhora da Glória na igreja paroquial de São Sebastião (ver p. 162).

-Loulé - do convento da Graça: a imagem do orago, Santo Agostinho e Santa Catarina na igreja matriz de São Clemente e Nossa Senhora com o Menino na igreja da Misericórdia⁵⁶ (ver p. 142).

-Monchique - do convento do Desterro: a imagem do orago, na ermida de São Sebastião (ver p. 148).

-Parchal - do convento de Santo António: São Francisco - na igreja paroquial de Estômbar - Lagoa⁵⁷.

-Portimão - do colégio da Companhia de Jesus; Nossa Senhora da Encarnação, ainda na igreja; do convento de São Camilo de Lélis, a imagem do orago (ver p. 186), ainda na igreja.

-Sagres - do convento de São Vicente de Sagres, a imagem do orago na igreja paroquial de Sagres (ver p. 54).

-Tavira - do convento da Graça de Tavira: a imagem do orago e San-



Santo Agostinho. Meados do século XVIII. Igreja matriz de São Clemente, em Loulé.

⁵⁵ LAMEIRA, 2000, p. 377.

⁵⁶ SIMÕES, 2008a, p. 81.

⁵⁷ SIMÕES, 2008, p. 173.

ta Rita, na igreja paroquial de Santiago e Santo Agostinho na igreja conventual dos eremitas de São Paulo; do convento do Carmo de Tavira: Nossa Senhora do Carmo e Santa Teresa, na igreja de São José do Hospital; do mosteiro das bernardas de Tavira: São Bernardo (ver p. 36), São Bento (ver p. 36) e Nossa Senhora da Piedade (ver p. 123), na igreja dos Capuchos; do convento dos Capuchos: a imagem do orago no retábulo-mor da igreja; do convento dos eremitas de São Paulo: a imagem do orago e de Santo Antão, abade, ainda no retábulo-mor da igreja.

Instituições detentoras do padroado das freguesias

Como era norma no país *a fábrica, assim de cera para as missas, como ornamentos, retábulos, imagens da capela-mor* era da responsabilidade da entidade(s) detentora(s) pelo padroado da igreja. Por exemplo, na igreja paroquial de Martinlongo - Alcoutim, *as Mesas pontifical e capitular e o comendador* (da ordem de Santiago) *são obrigados a fabricar a capela-mor e os fregueses o corpo da igreja*⁵⁸.

Para a região em estudo os detentores destes benefícios foram a mitra, o cabido, a ordem militar de Avis e de Santiago, a Casa Real, a Casa da Rainha, etc.

Tal como ocorria com os retábulos-mores, também se constata na documentação que algumas imagens para colocar no altar principal eram compartilhadas pelos fregueses, como ocorreu, por exemplo, em 1792, na referida igreja paroquial de Martinlongo em que nas despesas deste ano, *a Fábrica só paga 12\$000 réis da parte que concorre para pagamento da imagem mais nova do Menino Deus, que sua excelência reverendíssima mandou vir de Lisboa, a qual com a armação do seu respetivo ornato importou em oito moedas de ouro, cuja despesa vai repartida pelas confrarias*⁵⁹. Consequentemente, vemos esta despesa ser compartilhada pela confraria de Nossa Senhora da Assunção



Santa Teresa de Ávila. Finais do século XVIII.
Igreja de São José do Hospital, em Tavira.
Foto Município de Tavira.

⁵⁸ Arquivo paroquial de Martinlongo, Livro da fábrica da igreja matriz de Martinlongo, de 1614 a 1817, fl. 59.

⁵⁹ Arquivo paroquial de Martinlongo, Livro da fábrica da igreja matriz de Martinlongo, de 1614 a 1817, fl. 71.

com duas moedas de ouro⁶⁰ e pela confraria do Santíssimo com 12\$000 réis⁶¹.

De seguida, mencionamos algumas imagens de diferentes conjunturas artísticas, outrora ou ainda existentes nos retábulos-mores de igrejas matrizes ou paroquiais e os respetivos donatários: as imagens da Virgem Maria e de sua prima Santa Isabel, na igreja paroquial de Odeleite - Castro Marim, da ordem de Santiago; a de Nossa Senhora com o Menino, na igreja paroquial de Querença - Loulé, também da ordem de Santiago (ver p. 133); imagem de São Sebastião, na igreja paroquial homónima, em Lagos, da Casa real; a imagem de Nossa Senhora da Assunção, na igreja da sé, em Faro, das Mesas episcopal e capitular; a imagem de Santa Bárbara, na igreja paroquial de Santa Bárbara de Nexse - Faro, metade da Casa Real e a outra metade da Casa da Rainha; Nossa Senhora da Encarnação (ver p. 196), na igreja paroquial de Vila Real de Santo António, da Casa real.

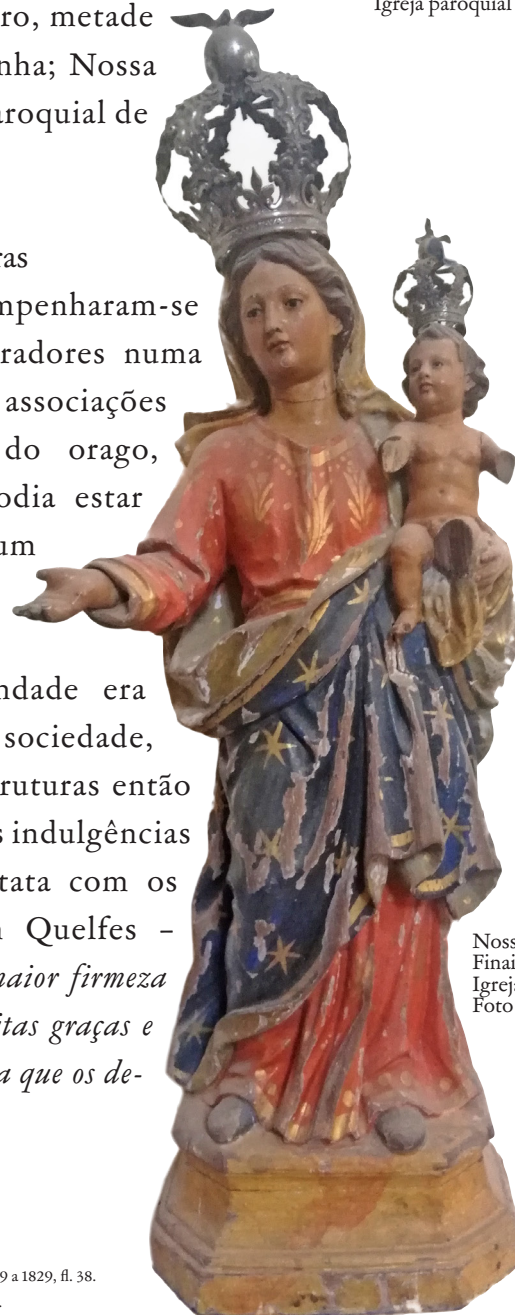


A Virgem Maria e sua prima Santa Isabel. Princípios do século XVI. Igreja paroquial de Odeleite.

Confrarias ou irmandades e ordens terceiras

Os responsáveis de cada paróquia empenharam-se no envolvimento de todos os fregueses (moradores numa freguesia), dos mais ricos aos mais pobres, em associações de carácter religioso, em que a imagem do orago, maioritariamente de vulto perfeito, tanto podia estar numa capela ou altar localizado no interior de um templo da responsabilidade do clero, secular ou regular, como num templo autónomo.

Pertencer, pelo menos, a uma irmandade era essencial para todos os membros de uma sociedade, pois permitia a sua integração nas diversas estruturas então existentes. Entre os benefícios destacavam-se as indulgências e as cerimónias fúnebres, conforme se constata com os devotos de Nossa Senhora do Rosário, em Quelfes - Olhão: *nos estatutos que os irmãos fizeram para maior firmeza da sua confraria, não se contentaram só com as muitas graças e indulgências que gozam os irmãos vivos (...) mas para que os de-*



Nossa Senhora do Rosário. Finais do século XVII. Igreja paroquial de Quelfes. Foto Maria del Rio.

60 Idem, Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Assunção de Martinlongo, de 1769 a 1829, fl. 38.

61 Idem, Livro da receita e despesa da confraria do Santíssimo de Martinlongo, de 1669 a 1868, fl.60 vº.



defuntos também lucrassem muitos sufrágios, dispuseram que pelas almas dos seus irmãos defuntos se aplicasse a cada uma certo número de missas, porque tudo o que se cobra e sobeja da despesa precisa se aplica em missas pelas almas deles e todos os anos se lhe faz um aniversário muito solene, com missa cantada e sermão⁶².

As confrarias ou irmandades, independentemente de serem da jurisdição eclesiástica ou da Coroa, necessitavam de estatutos aprovados pelos responsáveis da diocese, recorrendo aos serviços de um capelão que era remunerado pelas tarefas realizadas.

Cada uma destas associações, predominantemente de leigos, definia nos seus estatutos as condições exigidas aos seus membros. Se algumas estavam restritas a uma determinada profissão (clérigos, militares, homens casados, estudantes, *peças da primeira nobreza*, etc.), outras integravam fiéis de diferentes grupos. Vejamos as mais frequentes:

-As ordens terceiras de Nossa Senhora do Carmo foram as mais relevantes, sobressaindo a da sede do bispado, que tinha entre os seus irmãos, não só moradores da cidade de Faro, mas também de outras localidades algarvias, sempre pessoas de conduta religiosa exemplar, incluindo as mais altas individualidades da região (bispos, governadores e altas patentes militares, membros do cabido, mercadores abastados, etc.). A da cidade de Tavira também atingiu grande notoriedade.

-As ordens terceiras de São Francisco ocuparam também um lugar de proeminência, designadamente as de Faro, Tavira e Loulé.

-As confrarias do Santíssimo e das Almas do Purgatório existiram praticamente em todas freguesias, fazendo parte das primeiras os fregueses de maior relevância.

-As irmandades da Santa Casa da Misericórdia estabeleceram-se nas sedes dos concelhos e nalgumas localidades de maior relevância, por exemplo em Moncarapacho. Se algumas apresentam imagens de Nossa Senhora da Visitação, orago das misericórdias, como se verifica em Tavira (ver p. 166), noutras constatamos a presença de imagens da Paixão de Cristo, por e-

xemplo nos retábulos colaterais da igreja da Misericórdia, em Faro, vemos o Senhor Preso e o Senhor Jesus dos Recolhidos.

-Os Compromissos Marítimos acolhiam os mareantes, isto é, todos aqueles cujas profissões estão associadas ao mar (pesca, navegação e construção naval). No Algarve existiram confrarias de mareantes em Faro, Lagos, Portimão, Tavira, Olhão, Fuzeta, Castro Marim, Vila Real de Santo António, Quarteira, Albufeira, Ferragudo e Alvor.

-As confrarias de militares estão associadas aos regimentos, quer de infantaria, quer de artilharia, existentes na região, a saber, em Lagos: Santo António era o padroeiro do regimento de infantaria e Santa Bárbara do regimento de artilharia; em Faro: São Roque do regimento de infantaria; em Tavira: São Roque, também do regimento de infantaria.

-As confrarias de São Crispim e São Crispiniano eram da devoção dos sapateiros. Curiosamente existiram nas mesmas localidades em que foram concedidos forais aos mouros forros: Faro, Loulé, Silves e Tavira. Lembramos que uma das atividades praticadas por este grupo era o curtume de peles e o fabrico de calçado.

-As confrarias de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos incluíam população de origem africana, escravos e gradualmente livres⁶³. Existiram em diversas localidades algarvias: Aljezur, Lagos, Portimão, Mexilhoeira Grande⁶⁴, Faro – na sé e a que se erigiu na ermida de Santa Maria Madalena com licença e autoridade do reverendo Dr. José da costa, provisor deste bispado do Algarve em 22 de maio de 1716⁶⁵ e em Tavira. Acresce a de Nossa Senhora da Luz, dos pretos, na igreja paroquial de Loulé⁶⁶.

-Algumas edilidades administravam confrarias sediadas em templos autónomos, ficando a seu cargo o culto, incluindo uma procissão anual em que a imagem do orago, acompanhada dos responsáveis do município, percorria determinadas artérias da localidade. São exemplos Santo António do Alto e São Sebasti-



São Crispim. Finais do século XVII.
Igreja matriz de São Clemente.
Museu Municipal de Loulé - Stills Fotografia.

⁶³ FONSECA, 2016, pp. 59 a 63.

⁶⁴ SIMÕES, 2005, p. 132.

⁶⁵ Arquivo do paço episcopal de Faro, *Livro de registo do bispado do Algarve*, de 1672 a 1717, fl. 1.

⁶⁶ MARTINS e CABANITA, 2001 - 2002, p. 238.



São Sebastião. Primeira metade do século XVI.
Igreja paroquial da Bordeira.
Foto Ruy Ventura.

ão, em Faro; São Sebastião, em Tavira; Espírito Santo em Lagos; Santo António, em Aljezur; Nossa Senhora da Piedade, em Loulé e Nossa Senhora da Conceição, em Alcoutim.

-Como protetores da peste e de doenças contagiosas destacaram-se São Sebastião e São Roque, coexistindo nalguns templos ambas as imagens, como ocorria na ermida de São Sebastião, em Faro⁶⁷.

-As confrarias de Nossa Senhora do Rosário foram impulsionadas pelos religiosos dominicanos, regendo-se pelos estatutos da principal agremiação deste reino, situada no mosteiro de São Domingos de Lisboa, como é referida nos estatutos da que estava sediada na igreja paroquial de Martinlongo – Alcoutim⁶⁸.

-As confrarias de Nossa Senhora do Pé da Cruz ou da Piedade também tiveram grande acolhimento na região algarvia, nomeadamente no século XVII. Apontamos como testemunhos de grande valor religioso e patrimonial o orago das ermidas de Faro (ver p. 157), de Loulé (ver p. 10) e de Querença (ver p. 179).

-Casas da câmara e cadeia com capela anexa, dedicada a Nossa Senhora da Consolação dos Presos, como a que existiu em Portimão, nas imediações da igreja matriz e a que subiste em Tavira.

Cada confraria ou irmandade era administrada pelos mesários, escrutinados anualmente, desempenhando essas funções os irmãos ou confrades mais abastados e de maior prestígio. Por exemplo, em Faro, o provedor da Santa Casa da Misericórdia era sempre o bispo, desempenhando alguns prelados simultaneamente o cargo de protetores da anteriormente mencionada ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo.

Particularizamos algumas imagens, de diferentes conjunturas artísticas, mandadas executar por confrarias ou irmandades e ordens terceiras: Nossa Senhora da Piedade, vulgarmente conhecida por Mãe Soberana, em Loulé (ver p. 10); Nossa Senhora (ver página seguinte), na capela das Almas, na igreja matriz de São Clemente, em Loulé; Nossa Senhora da Guia, na freguesia homónima, no

67 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, pp. 71 e 72

68 Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Martinlongo, de 1668 a 1847, fl. 2.

concelho de Albufeira (ver p. 149); Santa Margarida, na freguesia de Alte - Loulé (ver capa); São Pedro Gonçalves Telmo, na igreja do Compromisso marítimo, em Tavira (ver p. 32); São Sebastião, em Martinlongo (ver p. 71).

Instituidores particulares

Os instituidores particulares, independentemente do seu estatuto social, desempenharam um papel importante na encomenda de imagens, evidenciando deste modo a sua devoção e o seu prestígio. Atendendo a que pertenciam a grupos privilegiados e como tal dispunham de largos recursos financeiros, recorriam aos artistas mais credenciados, normalmente com oficina aberta na cidade de Lisboa.

Nobres e clérigos afirmavam-se nas localidades da sua residência, designadamente na instituição de vínculos em capelas sediadas nos templos de maior prestígio ou nas suas próprias habitações, destinadas a servir de sepultura da sua família. Por exemplo, em 1751, João Dias Rosado instituiu uma capela lateral na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro e custeou a construção, não só do retábulo, mas também de três imagens de vulto perfeito: a do orago, Santa Maria Madalena de Pazzi (ver p. 70) e Santo António⁶⁹ (ver p. 190). De igual modo, em 1782, o Dr. José Dias de Sousa, a troco de lhe darem sepultura na capela do Santo Lenho, na igreja da sé, na cidade de Faro, pede e obtém licença para concluir a ornamentação em talha que estava incompleta desde o falecimento do bispo D. António Pereira da Silva, em 1715, colocando nesta capela a imagem de São Francisco de Paula, entregando logo para dar início à obra 256\$000 réis⁷⁰.

Verificamos ainda a integração de alguns clérigos e abastados mercadores em certas agremiações, muitas vezes oferecendo determinada imagem ou patrocinando a sua aquisição ou pintura. Vejamos alguns exemplos:

-Pelos anos de 1690 e tantos (...) um devoto clérigo chamado Manuel Mendes Afonso (...) este foi o que mandou fazer a moderna imagem da Senhora



Nossa Senhora. Cerca de 1591.
Retábulo das Almas, na igreja matriz de São Clemente, em Loulé.

69 LAMEIRA, 2001-2002, p. 183.

70 VALADARES, 1949, p. 34.

da Consolação, na igreja matriz de São Clemente, em Loulé⁷¹.

-Em 1698, na visitação à igreja paroquial de São Brás do Alportel, é referido que na capela de Nossa Senhora do Pé da Cruz, *a imagem da mesma Senhora que mandou, por sua devoção, vir e fazer à sua conta Pedro Fernandes*⁷².

-Na década de 1720 Manuel Rodrigues, irmão da ordem terceira do Carmo, em Faro, ofereceu duas imagens, já estofadas e douradas, com seus resplendores de metal branco, a de Santo Elias (ver p. 171) e Santo Eliseu⁷³.

-Em 1734, António Lopes, morador na aldeia de Moncarapacho - Olhão, oferece uma imagem de Nossa Senhora da Piedade, seguramente mandada vir de Lisboa, que então é colocada na igreja paroquial, enquanto se não edificava a ermida homónima que mandara executar por sua devoção⁷⁴.



Santo Eliseu. 1729. Manuel Martins (?).
Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Marco Pedro.

71 SANTA MARIA, 1721, p. 581.

72 DUARTE, 2015, p. 137.

73 Arquivo da ordem terceira do Carmo, em Faro, *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo*, de 1714 a 1822, 1729, fl. 16.

74 Informação cedida pelo investigador, padre Afonso Duarte.

Tipologias

De acordo com as *Normas de Inventário da Escultura* do Instituto Português de Museus, de 2004, elaboradas por Maria João Vilhena de Carvalho, encontramos nos altares diferentes tipos de esculturas:

-De **vulto pleno**, de **vulto a três quartos** e **meio vulto**, conforme o volume se apresenta trabalhado na íntegra (frente, perfis e costas), em três lados (frente e perfis) com as costas sem trabalho, planas ou escavadas ou apenas na frente⁷⁵. A generalidade das imagens retabulares é de vulto perfeito surgindo esporadicamente algumas que se enquadram nas restantes duas situações, como se verifica, respetivamente, com Nossa Senhora da Piedade, mais conhecida por Mãe Soberana, orago de uma pequena ermida, nos arredores de Loulé (ver p. 10) e com a imagem de alabastro representando Santa Ana e a Virgem, atualmente no Museu Municipal de Faro (ver p. 118).

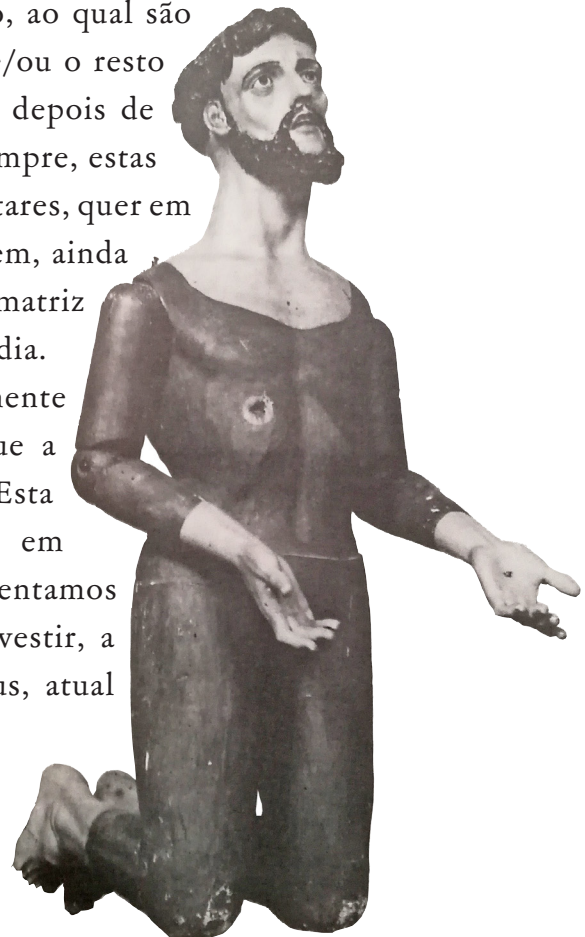
-De vestir

Na generalidade, são de **roca** e, como tal, a figura humana é concebida como um manequim, articulado ou não, ao qual são aplicados cabeça, mão e, por vezes, pés. O tronco e/ou o resto do corpo é definido por ripas de madeira tapadas, depois de vestidas, com roupas em tecidos ou telas⁷⁶. Quase sempre, estas imagens são processionais, guardando-se, quer nos altares, quer em nichos autónomos. Como testemunho de uma imagem, ainda não vestida, mencionamos a que se encontra na atual matriz de Santa Maria, em Lagos, antiga igreja da Misericórdia.

Em menor número, a representação é integralmente esculpida e completada com a roupagem têxtil que a veste⁷⁷, sendo também os membros articulados. Esta solução ocorre de igual modo, maioritariamente, em imagens processionais. A título de exemplo apresentamos mais uma imagem da Paixão de Cristo, ainda por vestir, a da igreja do extinto colégio da Companhia de Jesus, atual Misericórdia, em Portimão.



Cristo.
Igreja matriz de Santa Maria, em Lagos



Senhor Jesus.
Igreja da Misericórdia, em Portimão.

⁷⁵ CARVALHO, 2004, p. 20.

⁷⁶ CARVALHO, 2004, p. 141.

⁷⁷ CARVALHO, 2004, p. 144.

-Busto

Escultura que representa a parte superior do corpo humano, incluindo a cabeça, o pescoço e uma parte variável das costas⁷⁸. Os mais frequentes são os bustos-relicários, como os que existem na igreja da sé, em Faro (ver p. 22), sendo raras as imagens em que se utiliza esta solução. Interessante testemunho, representando o Senhor Jesus das Recolhidas, encontra-se num dos retábulos colaterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia, na cidade de Faro (ver p. 113). Mencionamos ainda os *meios corpos* utilizados *para as velas*, como os vinte que foram ajustados, em 1732, pelo mestre entalhador e escultor fareense Manuel Martins para a igreja de Nossa Senhora do Pé da Cruz, em Faro, executados *à imitação de uns que estão na capela de Nossa Senhora dos Prazeres da santa sé*⁷⁹, desta cidade os quais, infelizmente, já não remanescem.



Meios corpos para as velas. 1732. Manuel Martins.
Igreja do Pé da Cruz, em Faro.
Foto Marco Pedro.

-Cabeça

O termo cabeça identifica a escultura que, em vulto, representa de forma individualizada e autónoma a parte correspondente à extremidade superior do corpo humano⁸⁰. Para além da *cabeça de*

78 CARVALHO, 2004, p. 23.

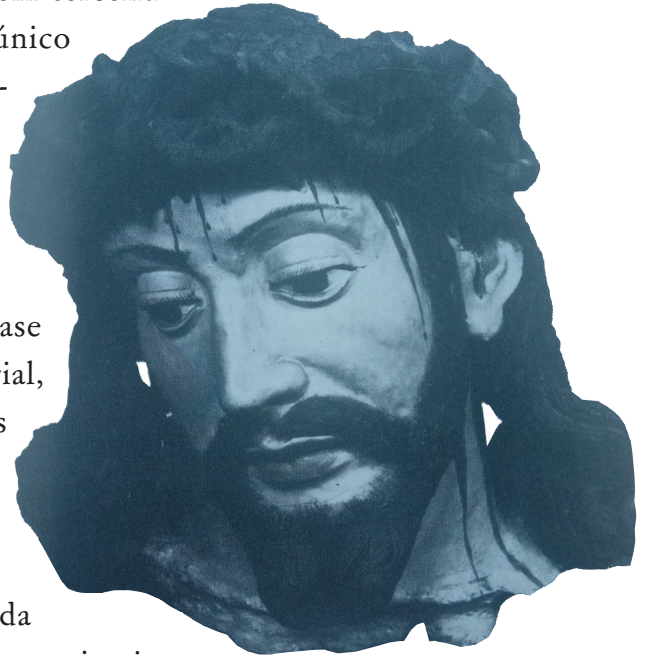
79 LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 388.

80 CARVALHO, 2004, p. 23.

Santo Alberto, metida em um nicho dourado, com sua vidraça, inventariada em 1721, num altar lateral da igreja da venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo, em Faro⁸¹, o único exemplar sobrevivente encontra-se num nicho do registo superior do embasamento do retábulo das Almas, na igreja paroquial de Vila Real de Santo António.

-Grupo escultórico

Reunião de duas ou mais figuras individualizadas sobre o mesmo suporte, quer estejam ligadas por uma base comum, quer tenham uma certa independência material, mas que participam na mesma ação ou estão relacionadas por uma situação que lhes é comum⁸². Os temas mais frequentes são a Visitação, a Sagrada Família e alguns anjos tocheiros. Como exemplos mencionamos a Visitação da igreja paroquial de Odeleite (ver p. 45), a da Misericórdia de Tavira (ver p. 166), a Sagrada Família, na igreja paroquial de Santiago, em Tavira e os anjos tocheiros da igreja paroquial de São Pedro, em Vaqueiros (ver p. 174).



Cabeça de Cristo. Década de 1770.
Igreja matriz de Vila Real de Santo António.



Sagrada Família. Meados do século XVIII. Igreja paroquial de Santiago, em Tavira. Foto padre Miguel Neto.

⁸¹ Livro de inventário da ordem terceira do Carmo de Faro, de 1714 a 1822, 1721, fl. 10 vº.

⁸² CARVALHO, 2004, p. 24.

Periodização

As esculturas existentes nos altares, na sua larga maioria incluídas nos retábulos, foram mais duradouras do que estes últimos, não só por serem portáteis ou amovíveis, mas sobretudo porque ao representarem o sagrado e, muitas vezes, serem objeto de grande devoção dos fiéis, não eram substituídas com muita regularidade.

Enquanto nos retábulos a expressão *ao moderno* era comum, sendo usada periodicamente para diferenciar cada conjuntura da anterior e como tal a clientela mais endinheirada e esclarecida substituída, sempre que possível, o retábulo existente por um exemplar mais atualizado, só pontualmente se utilizava este termo na imaginária, significando somente de feitura recente, conforme se verifica na descrição feita por frei Agostinho de Santa Maria, em 1716, a propósito de Nossa Senhora do Rosário de Quelfes – Olhão: *esta santíssima imagem é muito moderna porque não há mais de dezanove anos que se mandou fazer e colocou naquela igreja*⁸³ e da santíssima imagem de Nossa Senhora da Glória, que hoje se venera na cidade de Lagos, com ser *muito moderna* (pouco antes de 1708)⁸⁴ (ver p. 162).

Mais usuais eram as palavras *velha*, *antiga* e *muito antiga* quando se referiam a esculturas de qualquer uma das conjunturas anteriores. A título de exemplo apontamos a imagem do orago da ermida da Senhora da Conceição, em Alcoutim (ver p. 127) que, em 1518, estava no altar-mor *em um retábulo de portas*⁸⁵ e, em 1554, continuava no mesmo lugar, sendo referida como *velha*⁸⁶. Em 1716, *na catedral igreja da cidade de Silves é tida em grande veneração de todos os moradores daquela cidade a milagrosíssima imagem da Rainha dos Anjos, a Senhora da Conceição (...) é esta milagrosa imagem muito antiga (...) formada em pedra de um rico jaspe branco*⁸⁷ (ver p. 119).

Se, em casos pontuais, a aquisição de uma escultura implicava a edificação de um templo e, mais frequentemente, de um retábulo, noutras situações a feitura ou a renovação de um retábulo implicava a execução de novas imagens. Vejamos exemplos das diversas



São Vicente. Primeira metade do sec. XVII.
Orago da extinta igreja conventual dos religiosos capuchos, em Sagres.

83 SANTA MARIA, 1716, p. 454.

84 SANTA MARIA, 1716, pp. 448 e 449.

85 CAVACO, 1987, p. 45.

86 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 111.

87 SANTA MARIA, 1716, p. 460.

situações:

-Em 1734, António Lopes, morador na aldeia de Moncarapacho – Olhão, oferece uma escultura de Nossa Senhora da Piedade, seguramente mandada vir de Lisboa, que então é colocada na igreja paroquial, enquanto se não edificava a ermida homónima que mandara executar por sua devoção⁸⁸.

-Em 1716, frei Agostinho de Santa Maria refere a propósito da, já mencionada imagem de Nossa Senhora do Rosário de Quelfes: *não havia naquela paróquia imagem da Senhora do Rosário, nem confraria sua (...) aqueles devotos tomaram por sua conta, não só mandar fazer a Lisboa a imagem da Senhora, mas erigir-lhe uma confraria, como de facto fizeram. Feita a sagrada imagem a colocaram em um altar que novamente levantaram e foi tão grande o fervor à vista da sagrada imagem que aqueles novos irmãos conceberam para com a Senhora, que logo lhe erigiram uma nova capela com um muito rico retábulo que também mandaram dourar logo*⁸⁹.

-A 21 de agosto de 1747, o mestre entalhador Francisco de Ataíde e Fonseca, morador na cidade de Faro, assume com os mordomos da confraria de Nossa Senhora da Conceição da igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo – Tavira *para este lhes fazer um retábulo para o altar da Senhora da Conceição da dita freguesia (...) fazendo nele três nichos e o do meio mais fundo, que lhe caba a Senhora da Conceição, imagem nova de seis palmos, com a melhor perfeição da sua arte e três serafins aos pés e sem banquetas, que tudo ele mestre será obrigado como dito* ⁹⁰ (ver p. 182).

Apesar de as imagens serem mais duradouras do que os retábulos, apresentamos de seguida, por ordem cronológica, as características das novas esculturas colocadas nos altares das igrejas algarvias em cada conjuntura retabular, tendo como referência fundamental os dados documentais remanescentes.

Tardogótico

Vigorou nas últimas décadas do século XV e nas primeiras do XVI, correspondendo ao reinado de D. João II (1481 - 1495) e de



São Clemente. 1730. João Amado. Igreja matriz de Loulé.

⁸⁸ Informação cedida pelo investigador, padre Afonso da Cunha Duarte.

⁸⁹ SANTA MARIA, 1716, pp. 454 e 455.

⁹⁰ LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 239 e 240.



São Bartolomeu. Museu Municipal de Faro.
Foto Museu Municipal de Faro.

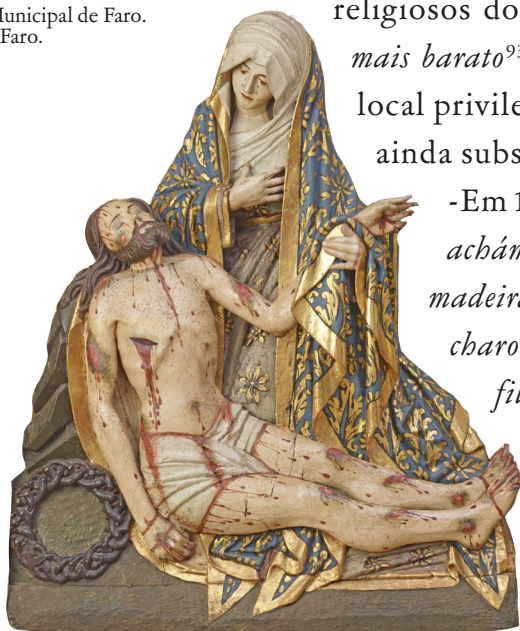
D. Manuel I (1495 - 1521). Neste período coexistem três opções, duas importadas, a saber, da Inglaterra e da Flandres e uma nacional, que concilia elementos da época anterior com outros de influência flamenga.

As imagens importadas da Inglaterra e em particular de Nottingham eram de alabastro, subsistindo somente dois exemplares na região, ambos no Museu Municipal de Faro, um representando Santa Ana e a Virgem (ver p. 118) e o outro São Bartolomeu. Porém, existiram mais espécimes na região, conforme se constata na documentação, apontando-se a título de exemplo as que são referenciadas, em 1554: na igreja de Santa Maria, em Faro, atual sé, no altar de uma das capelas da cabeceira estavam *umas imagens de alabastro, quebradas, dos Mistérios da Paixão*⁹¹; na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim: *saindo do cruzeiro, à mão direita, está um encasamento e nele um altar de alvenaria, tem de comprido sete palmos, de alto cinco e de largo quatro, sobre ele uma imagem de alabastro de Nossa Senhora, de boa estatura*⁹².

As imagens de madeira policromada, importadas da Flandres, tiveram grande acolhimento da clientela portuguesa, como se deduz na opinião expressa, em 1500, por um dos responsáveis religiosos do nosso país: *da Flandres se há de trazer melhor e mais barato*⁹³. Situação idêntica ocorria na região algarvia, local privilegiado das rotas mercantis com aquela região⁹⁴, ainda subsistindo vários exemplos:

-Em 1534, na igreja matriz de Santa Maria, em Tavira: *achámos agora mais na dita igreja um retábulo grande, de madeira, de seis painéis e no meio do dito retábulo está uma charola com a imagem de Nossa Senhora, de vulto, com seu filho no colo*⁹⁵ (ver p. 129).

-Em 1554, na igreja de Santa Maria, em Faro, atual sé, no altar-mor havia *um encasamento, com suas portas da Flandres, lavrado de crestaria, de ouro burnido. Nele uma imagem de Nossa Senhora, de vulto,*



Nossa Senhora da Piedade.
Pormenor de tetábulo proveniente da Flandres.
Museu Municipal de Portalegre
Foto Luís Piorro e Paco Rocha.

91 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, pp. 46 e 47.

92 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 104.

93 CARVALHO e CORREIA, 2009, p. 19.

94 CASTRO, 1762, p. 78.

95 CAVACO, 1987, p. 160.

*junto dela Santa Catarina, da outra banda Santa Bárbara, com os doze Apóstolos de suas ilhargas, muito pequenos. Tem seu guarda-pó, que não soma mais que o encasamento, tem este retábulo de alto seis palmos e largo cinco. Pedem a Sua Majestade os proveja de um retábulo para o altar*⁹⁶.

-Eventualmente originária de uma oficina de Antuérpia é a imagem de Nossa Senhora da Piedade, atualmente colocada num retábulo lateral da igreja conventual de Santo António, em Tavira (ver p. 123), que mostra grandes semelhanças com uma escultura homónima, que se encontra no Museu Municipal de Portalegre (ver página anterior) e de Malines duas imagens de Nossa Senhora, ambas em igrejas paroquiais: uma na de Santo Estevão - Tavira (ver p. 126) e a outra na de Boliqueime - Loulé (ver p. 73).

Em relação às imagens de produção nacional foram na sua generalidade adquiridas em Lisboa e menor número em Coimbra, sendo quase sempre de madeira. Em casos pontuais eram de pedraria, apontando-se como testemunhos, respetivamente, a que é referenciada, em 1518, na ermida de Santa Ana, em Tavira: *um altar na capela de uma só pedra com quatro esteios e uma imagem de Santa Ana com Nossa Senhora e seu filho no colo, de vulto, encerrada com suas grades e detrás do altar está um pano de linho pintado, com uma cortina em cima, branca*⁹⁷ e a que frei Agostinho de Santa Maria refere, em 1716, na igreja da sé, em Silves: *está colocada em a capela colateral da parte da Epístola, é de perfeitíssima escultura, formada de pedra de um rico jaspe branco. Sua estatura são oito palmos e tem em seus braços ao Menino Jesus, que é muito belo*⁹⁸ (ver p. 119).

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

- As figuras apresentam alguns erros anatómicos, utilizando um cânone baixo. Na larga maioria, a altura equivale a seis módulos tomados pela dimensão da cabeça.
- Os corpos são estáticos e rígidos, somente dinamizados pelas vestes que apresentam algumas pregas fluídas.



Santa Ana. Antes de 1518.
Ermida de Santana, em Tavira.



Nossa Senhora da Esperança.
Princípios do sec. XVI.
Igreja de São Pedro, em Faro.

⁹⁶ LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 46.

⁹⁷ CAVACO, 1987, p. 79.

⁹⁸ SANTA MARIA, 1716, p. 460.



São Romão. Princípios do século XVI.
Igreja paroquial do Alferce.

Nas imagens originárias da Flandres, o pregueado é dinâmico, meticulosamente executado e de corte pronunciado.

-Os rostos, grandes e largos, são serenos, de reduzida expressão individual. Os braços, maioritariamente, estão colados ao corpo. Em certas esculturas flamengas já se constata algum realismo anatómico.

-Os atributos estão estreitamente incorporados nos diversos elementos compositivos e as peanhas são muito modestas, quase inexistentes.

Para além dos exemplos anteriormente mencionados, destacamos as esculturas de Nossa Senhora da Orada, em Albufeira (ver p. 121), a Virgem com o Menino, na ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Alcoutim (ver p. 127), Nossa Senhora dos Mártires, primitivo orago da igreja matriz de Santa Maria, na cidade de Tavira (ver p. 129), Nossa Senhora da Conceição, na igreja da sé, em Silves (ver p. 119) e São Romão, orago da igreja paroquial do Alferce - Monchique, executada por um modesto escultor algarvio.

Renascimento

Decorreu no segundo quartel de Quinhentos, abrangendo a maior parte do reinado de D. João III (1521 - 1557). Atendendo ao seu caráter elitista, acabou por coexistir com as opções vigentes na época anterior. Nas manifestações artísticas mais eruditas tornou-se frequente a expressão *ao romano*, conforme se constata em dois testemunhos retirados das Visitações da Ordem militar de Santiago:

-Em 1554, no altar-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Querença - Loulé, estava *um retábulo de cinco painéis, no meio um encasamento com uma imagem de Nossa Senhora, de vulto, de pau* (ver p. 133), *no do Evangelho o Nascimento e no da Epístola a Epifania, nos de riba a Assunção de Nossa Senhora, a Saudação, nos outros a Visitação e Santa Isabel. No banco Santo André, São Pedro, São Paulo, São Tiago. Pilares, molduras, encoroamentos lavrados de romano, dourado de ouro burnido. O guarda-pó é pequeno, pintado de azul, com umas estrelas de ouro e um frontispício com umas vieiras. Ao pé do vulto de Nossa Senhora um sacrário lavrado de romano com seus pilares e porta, bem dourados e no meio da porta um cálice com sua hós-*



Pormenor da Virgem Maria. Pouco antes de 1554.
Igreja matriz de Castro Marim.
Foto Cátia Pereira.

tia, com fechadura, de dentro é pintado de vermelho⁹⁹.

-Em 1565, é recenseada na igreja matriz de Santiago, em Castro Marim, *uma cruz de prata, de feição nova, de obra romana, com um pé redondo e seu Crucifixo de prata e tem umas bolas pequenas de prata nos cantos da mesma cruz*¹⁰⁰, que veio substituir a que existia em 1554, assim descrita: *uma cruz de prata da feição de Avis, lavrada de ramos, nela um Crucifixo e um sol e sobre a cabeça do Crucifixo um pelicano e em um canto São Pedro em uma barca e Nossa Senhora e São João na outra, o cano liso, o nó do meio lavrado de colheres de ramos. Pesou com sua aspa de pau oito marcos*¹⁰¹.

A larga maioria das esculturas era de madeira, subsistindo somente um exemplar de pedra, a de São Pedro, orago de uma destruída ermida, em Portimão, atualmente na igreja matriz desta localidade (ver p. 131).

Na generalidade das situações, só havia uma escultura de vulto em cada retábulo, ocupando o nicho ou *encasamento* existente no centro da composição, sendo os restantes tramos preenchidos por painéis de madeira pintados.

A imaginária remanescente na região foi importada maioritariamente de Lisboa, conhecendo-se somente uma oficina sediada na cidade de Tavira, então o maior centro urbano da diocese.

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

-As figuras apresentam alguma perfeição, deixando de mostrar erros anatómicos. As proporções são próximas da Antiguidade Clássica, com sete módulos tomados pela dimensão da cabeça, conforme constatou o investigador Francisco Henriques, na sua tese de doutoramento¹⁰².

-Os corpos denotam naturalidade, captando um determinado momento, incluindo nas representações onde surge o Menino Jesus. Este surge despido, em estreito contato com a mãe: a ser amamentado, segurando uma madeira de cabelos ou então um fruto, etc.



Virgem Maria. Pouco antes de 1554. Igreja matriz de Castro Marim. Foto Cátia Pereira.

99 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 42.

100 CAVACO, 1987, p. 290.

101 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 102.

102 HENRIQUES, 2015, p. 510.



Nossa Senhora do Ó.
Segundo quartel do século XVI.
Igreja da Misericórdia, em Loulé.

-Os rostos mostram-se serenos, tratados com realismo, por vezes expressando alguns sentimentos.

-Como inovação utiliza-se o contraposto, em que uma das pernas suporta o peso do corpo, ficando a outra ligeiramente fletida. Na generalidade das situações, os braços estão colados ao corpo, quase sempre dobrados, suportando o Menino Jesus ou algum atributo.

-As vestes acompanham a postura do corpo, com algumas pregas que caem com naturalidade.

-Os atributos adquirem alguma evidência, continuando os plintos a ser muito modestos.

Entre os poucos exemplares remanescentes, indicamos Nossa Senhora, na igreja paroquial de Castro Marim; Nossa Senhora, primitivo orago da igreja paroquial de Querença - Loulé (ver p. 133); Nossa Senhora da conceição, na igreja paroquial de Vila do Bispo (ver p. 135) e Nossa Senhora dos Pobres ou do Ó, na igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Loulé.



Atitude anticlássica e decoro tridentino

Período correspondente à primeira fase do Maneirismo. Vigorou no reinado de D. Sebastião (1557 - 1578) e do cardeal D. Henrique (1578 - 1580). À atitude anticlássica sucedeu, após a última sessão do Concílio de Trento, em 1563, uma postura de decoro, que tomava por lema *nihil profanum, nihil inhonestum, nihil insolitum*, em que a imagem é entendida como elemento fundamental da divulgação doutrinária.

A partir de então em todas as dioceses são publicadas novas Constituições Sinodais e consequentemente os prelados passam a dispor de instrumentos eficazes para controlar a prática religiosa da população, quer através das visitas periódicas, quer do seu registo anual nos róis de confessados, estes últimos executados em cada freguesia pelo pároco.

Como acontecia na época anterior, a larga maioria das esculturas era de madeira, continuando a haver uma única escultura de vulto em cada retábulo, ocupando o nicho ou *encasamento* existente no centro da composição.

Se uma parte da imaginária remanescente na região algarvia foi importada de Lisboa, começam a surgir oficinas locais nos principais centros urbanos.

Como características gerais das esculturas deste período e-

numeramos as seguintes:

-As proporções são idênticas às da fase anterior, próximas da Antiguidade Clássica, com sete módulos tomados pela dimensão da cabeça.

-Os corpos, algo estáticos, denotam dignidade e uma atitude majestosa, apresentando os rostos uma grave serenidade, desprovida de quaisquer sentimentos.

-Uso do contraposto, mais acentuado nas esculturas de maior erudição. Os braços estão colados ao corpo, dobrados ou com um dos membros ligeiramente afastado, suportando os atributos.

-As vestes, devidamente adequadas ao perfil da personagem representada, acompanham a posição do corpo, com pregas pouco acentuadas, que caem com naturalidade.

-Os atributos, alguns já amovíveis, são tratados com cuidado, de forma a serem facilmente identificados. Os plintos mantêm-se modestos.

Entre diversos exemplos individualizamos as esculturas da Virgem com o Menino Jesus, em Santo Estevão - Tavira (ver p. 140); São Sebastião, orago de uma ermida homónima em Aljezur (ver p. 138); e São Luís, bispo (ver página anterior) e o Salvador, ambas na igreja matriz de Alcoutim (ver p. 139).

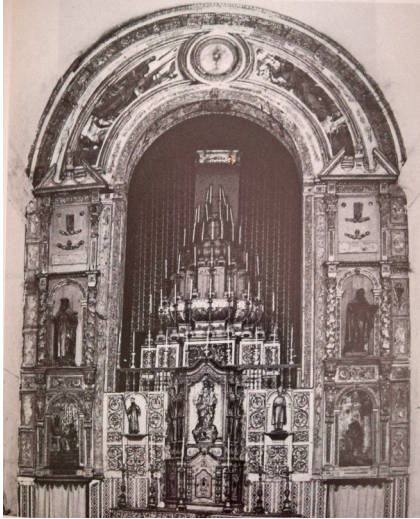


Santa Catarina. Pouco antes de 1565.
Ermida de Santa Catarina, nos arredores de Loulé.
Foto Museu Municipal de Loulé-Helga Seródio.

Prenúncios do Triunfalismo Católico

Período correspondente à segunda fase do Maneirismo. Vigorou, *grosso modo*, no reinado dos dois primeiros monarcas espanhóis, respetivamente D. Filipe I (1580 - 1598) e D. Filipe II (1598 - 1621). À atitude anticlássica e de contenção e decoro sucedem os primeiros sinais de um movimento de renovação, pautado por uma postura triunfalista da Igreja Católica. Na sequência da instituição do Purgatório como dogma de fé, ocorrida em 1580¹⁰³, tornou-se obrigatório celebrar missas, quantas mais melhor, para sufragar as almas dos que faleciam, podendo ser oficiadas em qualquer altar. Por conseguinte intensificou-se o número de retábulos, cada um deles restrito ao seu instituidor, seja coletivo (casas religiosas, igre-

103 OLIVEIRA, 1992, p. 349.



Retábulo-mor da igreja de São Paulo em Tavira. Princípios do século XVII.



Virgem com o Menino. Finais do século XVI. Igreja conventual de São Francisco. Foto Elvira Gonçalves.

jas paroquiais, confrarias ou irmandades e ordens terceiras), seja individual, particularmente os membros das elites.

Entre a diversidade de elementos inovadores ocorridos nos retábulos, salientamos a introdução de esculturas de vulto no interior de nichos existentes em determinados intercolúnios laterais. Consequentemente, a representação figurativa do orago, maioritariamente em escultura, prática comum até então, passa a ser complementada por outras esculturas de vulto, que coexistem com painéis de pintura figurativa.

O retábulo pioneiro na região algarvia que utilizou simultaneamente painéis pintados e esculturas de vulto é o da capela-mor da igreja conventual dos eremitas de São Paulo, em Tavira, apesar de parcialmente adulterado por intervenções posteriores. De referir que este exemplar foi executado nas primeiras décadas de Seiscentos e tomou por modelo, provavelmente, o do colégio de Nossa Senhora do Carmo, em Coimbra, cujo bispo, algum tempo antes, estivera a governar a diocese algarvia. Sobrevivem ainda deste retábulo a primitiva imagem de Santo Antão, abade e a do orago, esta última em mau estado de conservação.

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

- As figuras são alongadas, mais avantajadas do que o natural, adotando *um cânone mais alto*, de acordo com a expressão de Pedro Dias¹⁰⁴. Na larga maioria, a altura equivale a oito módulos tomados pela dimensão da cabeça.
- Os corpos, sem qualquer movimento, denotam majestade e rigidez, acompanhando as vestes, com ligeiros pregueados, a posição do corpo.
- Os rostos, ainda que minuciosos, continuam serenos e com grande dignidade. Os braços estão, maioritariamente, colados ao corpo. Só uma das pernas revela um ligeiro movimento.
- Os atributos, de fácil entendimento, estão estreitamente incorporados nos diversos elementos compositivos.
- As peanhas são modestas, excetuando nas representações da Virgem Maria, que utilizam uma importante inovação, que ganhará

¹⁰⁴ DIAS, 1995, p. 154. Na opinião deste investigador o alongamento das figuras surge como influência da pintura de Rosso Fiorentino, de Pontorno e Parmigiano (DIAS, 1995, p. 136).

progressiva expressão nas conjunturas seguintes: modestas cabecinhas de serafins.

Entre diversos exemplos individualizamos as esculturas de Nossa Senhora da Rocha, orago de uma pequena ermida na freguesia de Porches – Lagoa (ver p. 143), São Domingos, atualmente na igreja conventual dos eremitas de São Paulo, em Tavira (ver p. 145) e Nossa Senhora dos Prazeres, na igreja da sé, em Silves, proveniente da vizinha ermida de Nossa Senhora dos Mártires.

Protobarroco

Período que principia por volta de 1620, no reinado de D. Filipe III (1621 - 1640) e que se prolonga no segundo e terceiro quartéis do século XVII, nos reinados de D. João IV (1640 - 1656) e D. Afonso VI (1656 - 1668).

Dando continuidade às inovações ocorridas na conjuntura anterior, intensifica-se o uso de esculturas de vulto, inseridas em nichos e progressivamente abandona-se a utilização de painéis figurativos pintados. Bem elucidativa é a opinião expressa, por volta de 1625, pelos religiosos agostinhos de Goa a respeito do grandioso retábulo da capela-mor da igreja monástica de Santa Mónica desta cidade: *obra de marcenaria (...) não há em todo o retábulo pintura alguma, mas tudo é obra de relevo (...) e de tudo junto com a mais obra de lavor e frisos deste retábulo resulta que sem haver pintura nenhuma nele, mas tudo assim vultoso se lhe dá a vantagem aos mais retábulos desta cidade (...) em nada inferior aos melhores de Portugal*¹⁰⁵. Preferencialmente, passa a ser dominante a tipologia de corpo único e um só tramo, cujo intercolúnio é ocupado por um nicho onde está colocada a escultura do orago, de razoável ou grande dimensão, único centro de atenção dos fiéis. Como alternativa, surgem os retábulos de composição tripartida, em que orago está colocado no nicho central, destinando-se os nichos dos tramos laterais a mais duas esculturas da devoção da clientela.

De salientar que coube a Pedro Dias a iniciativa de



Nossa Senhora dos Prazeres.
Princípios do século XVII. Igreja da sé, em Silves.



Retábulo-mor da igreja monástica de Santa Mónica.
Cerca de 1625.
Foto David Teves Reis.



Retábulo-mor da igreja da sé, em Faro. 1642.



São Paulo. 1642. Igreja da sé, em Faro.

aplicar o termo protobarroco a algumas esculturas dos meados do século XVII¹⁰⁶.

O exemplar pioneiro na região algarvia a utilizar os nichos laterais exclusivamente preenchidos com esculturas de vulto foi o da capela-mor da igreja do colégio da Companhia de Jesus, na cidade de Faro, executado provavelmente na década de 1630, onde estavam as imagens de quatro santos jesuítas, a saber Santo Inácio, São Francisco Xavier, São Luís Gonzaga e Santo Estanislau¹⁰⁷, nada subsistindo deste conjunto, que tomava por modelo o retábulo-mor da igreja da Casa Professa de São Roque, em Lisboa. Remanesce, no entanto, em Faro um retábulo feito pouco tempo depois, idêntico aos dos jesuítas desta cidade, o da capela-mor da igreja da sé, em que no nicho central está a imagem da Senhora da Assunção e nos laterais, São Pedro e São Paulo.

A madeira é o material mais utilizado na feitura das esculturas, constatando-se a presença de algumas oficinas regionais, não só por executarem imagens mais estáticas, mas também por apresentarem algumas imperfeições no entalhe.

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

- As figuras são mais baixas do que as da fase anterior, adotando um cânone médio, em que a altura corresponde, numas imagens, a seis módulos e meio e noutras a sete, tomados pela dimensão da cabeça.
- Os corpos continuam algo estáticos, sobressaindo os rostos serenos e graves. Uma das pernas apresenta um ligeiro movimento, em contraposto. Os braços preferencialmente estão dobrados, por vezes, um pouco afastados do corpo, segurando os atributos ou expressando algum gesto.
- As vestes acompanham com alguma naturalidade a posição do corpo, sendo tratadas com particular cuidado na cintura e nalguns pregueados.
- Valorização dos atributos, uns incorporados no corpo ou na peanha, outros portáteis ou amovíveis. Com frequência utilizam-se coroas e resplendores de prata.
- As peanhas são modestas, continuando a ser exceções algumas es-

¹⁰⁶ DIAS, 1995, p. 154.

¹⁰⁷ GUERRA, 1975, pp. 35 e 40.

culturas da Virgem Maria, que passam a utilizar mais cabecinhas de serafins e com maior dimensão do que as da fase anterior.

Entre diversos exemplos particularizamos as esculturas de São Domingos (ver p. 147) e de São Roque (ver p. 152), na igreja da sé, em Faro; Nossa Senhora da Guia - Albufeira (ver p. 149), Nossa Senhora das Ondas, na igreja de São Pedro Gonçalves Telmo, em Tavira (ver p. 156) e a de São Francisco, na igreja paroquial de Paderne - Albufeira.

Barroco Pleno

Período que vigou no último quartel de Seiscentos e nos princípios do século XVIII, *grosso modo* no reinado de D. Pedro II (1683 - 1706), prolongando-se nas décadas seguintes, tal como ocorreu nos retábulos. A prosperidade então vivida, decorrente da descoberta de importantes minas de ouro e de diamantes na região de Minas Gerais no Brasil, potenciou a implementação da religiosidade barroca, iniciada nas fases anteriores, assistindo-se então a uma intensa vivência coletiva dos espaços interiores dos templos. Na escultura surge como principal elemento inovador a agitação berninesca.

Na implementação destas inovações na diocese algarvia sobressaiu a intervenção do bispo D. Simão da Gama (1685 - 1703), anteriormente cónego na sé de Lisboa e camareiro-mor do rei. A ligação deste prelado com a corte e a preferência pelas normas aí vigentes foi uma constante no seu bispado, conforme se verifica nos seguintes testemunhos:

-Na visitação que efetuou, em 1688, à igreja paroquial de São Brás de Alportel, constatou *que as imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santo António e São Luís não estão com a perfeição que convém, nem causam devoção alguma, por serem feitas com pouca atenção de quem as obrou e assim mandamos que por conta das confrarias a que tocarem, se façam imagens novas e que as sobreditas se não usem depois das outras acabadas*¹⁰⁸. Na sequência deste evento, a confraria do *Rosário Velho* paga 25\$130 réis pela imagem de Nossa Senhora do Rosário, mandada vir de Lisboa¹⁰⁹.



São Francisco. Meados do Século XVII. Igreja paroquial de Paderne.



Nossa Senhora do Rosário. 1688. Igreja paroquial de São Brás de Alportel.

108 DUARTE, 2005, pp. 131 e 132.

109 DUARTE, 2005, p. 211.

-Em 1695, na visitação à igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho - Olhão manda reformar a imagem de Nossa Senhora da Conceição, recomendando *que se remeta a Lisboa para se reformar, encarnar e estofar*¹¹⁰.

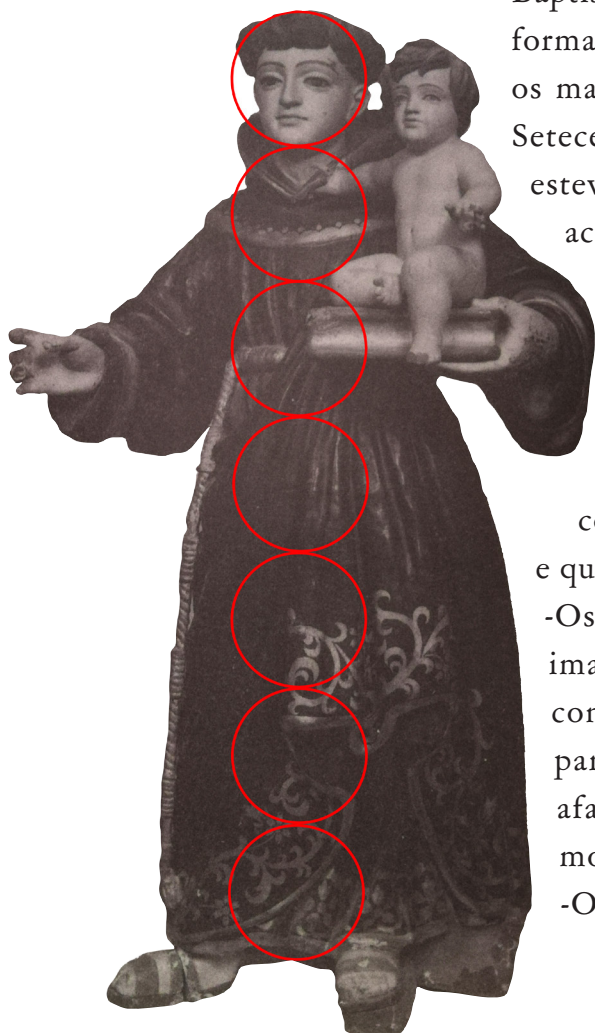
-Nos finais do século XVII, na igreja paroquial de São Sebastião, em Quelfes - Olhão, os devotos de Nossa Senhora do Rosário¹¹¹ tomaram por sua conta não só mandar fazer a *Lisboa a imagem da Senhora, mas erigir-lhe uma confraria*¹¹².

Apesar da forte dependência de Lisboa, acentua-se neste período a participação de mestres entalhadores-escultores algarvios, na sua larga maioria com oficina aberta na sede do bispado. Na origem deste impulso esteve o estabelecimento na cidade de Faro, em 1682, de um mestre escultor italiano, João Baptista Severino, que aqui casou, tendo sido responsável pela formação dos seus cunhados, os irmãos Martins, Manuel e Gaspar, os mais prestigiados escultores da região na primeira metade de Setecentos¹¹³. O aumento exponencial de imagens nos altares esteve na origem da produção serial das esculturas com maior aceitação da clientela, a saber, Nossa Senhora com o Menino Jesus, o Arcanjo São Miguel, o Anjo da Guarda e alguns santos bispos.

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

- As figuras adotam o cânone médio, em que a altura corresponde a sete módulos tomados pela dimensão da cabeça e que corresponde ao cânone de Policleto.
- Os corpos já expressam maior dinamismo, incluindo nas imagens onde surge o Menino Jesus, apesar de os rostos continuarem serenos, alguns já ligeiramente direcionados para cima. Os braços, maioritariamente dobrados, começam a afastar-se do corpo, assim como uma das pernas expressa um movimento mais ousado.
- Os panejamentos apresentam pregas fluídas e mais agitadas,

Santo António. Princípios do Século XVIII.
Igreja paroquial de Pechão.



110 Arquivo Paroquial de Moncarapacho, Livro das visitasões de Moncarapacho, de 1678 a 1820, fl. não numerado.

111 A devoção deste prelado a Nossa Senhora do Rosário foi grande. Na sé de Faro instituiu uma capela com sua tribuna aonde se vê colocada a soberana Rainha da Glória, Maria Santíssima, imagem de muita formosura e de proporcionada estatura e tem muito ricos ornatos e custosos ornamentos (SANTA MARIA, 1721, p. 585. Desanexou de Quelfes e criou uma nova freguesia, em Olhão, dedicada a Nossa Senhora do Rosário, tendo promovido a construção da igreja matriz, conforme se constata numa epígrafe existente no portal principal.

112 SANTA MARIA, 1716, pp. 454 e 455.

113 LAMEIRA, Francisco e del RIO JOÃO, Martina (2022) - Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados mestres entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos, (Promontoria Monográfica História da Arte 28), Faro.

acompanhando os gestos dos braços.

-Se alguns atributos ainda estão estreitamente incorporados nos diversos elementos compositivos, outros começam a ser portáteis. Acentua-se o uso de coroas e resplendores, designadamente de prata.

-As peanhas continuam a ser modestas, excetuando nalgumas representações da Virgem Maria, onde são empregues diversas cabecinhas de serafins com uma dimensão ainda maior do que na fase anterior.

Entre diversos testemunhos indicamos as esculturas de Nossa Senhora do Amparo, na igreja paroquial do Ameixial – Loulé (ver p. 159); Santa Catarina, na igreja paroquial de Quelfes – Olhão (ver p. 160), Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco, em Tavira (ver p. 161) e São Marcos, na ermida de Santo António do Alto, em Faro.

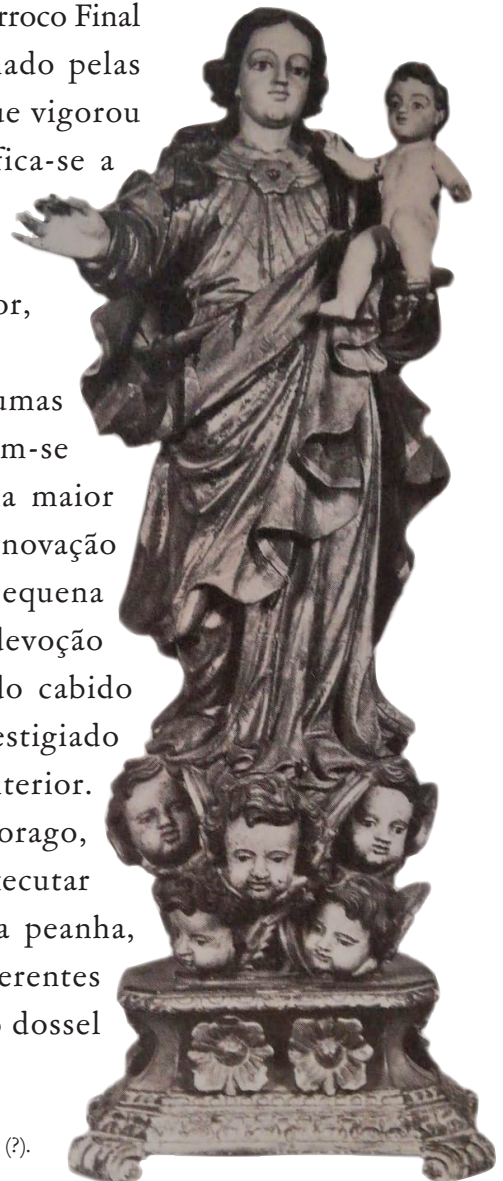


São Marcos. Princípios do Século XVII.
Ermida de Santo António do Alto, em Faro.

Barroco Final

Período de ostentação e de esplendor impulsionado pelas avultadas remessas de ouro e de diamante dos Brasil, que vigorou no longo reinado de D. João V (1706 - 1750). Intensifica-se a vivência coletiva de algumas cerimónias religiosas, quer celebradas nos espaços interiores dos templos, onde surgem elaboradas cenografias, quer no exterior, nomeadamente as procissões.

Tal como aconteceu nos retábulos, algumas características das esculturas da fase anterior mantiveram-se neste período, evidenciando-se entre as inovações uma maior agitação das figuras. Interessante testemunho da renovação então vivida, ocorreu em 1732 na sede do bispado, na pequena ermida de Nossa Senhora do Pé da Cruz, mas de grande devoção popular, em que os mesários da confraria, membros do cabido da sé, encomendaram a Manuel Martins, o mais prestigiado escultor da diocese, a renovação do retábulo da fase anterior. Para envolver a milagrosa representação escultórica do orago, existente no interior do camarim, mandaram então executar um trono de madeira entalhada, assente numa dilatada peanha, pontuada por múltiplas cabecinhas de serafins, de diferentes dimensões e algumas nuvens, rematado por um avultado dossel de perfil mistilíneo (ver p. 157).



Nossa Senhora do Rosário. Manuel Martins (?).
Igreja paroquial de Santiago, em Tavira.



São José. 1741. Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Marco Pedro.

Em termos produtivos, as oficinas estabelecidas, maioritariamente na sede do bispado, cerca de meia dúzia, sobressaindo a de Manuel Martins, *insigne escultor*, satisfizeram a generalidade das necessidades da clientela, diminuindo a aquisição de esculturas a profissionais lisboetas.

A madeira de castanho, proveniente do barlavento algarvio, nomeadamente da serra de Monchique, continuou a ser o material mais utilizado, sendo pontual o uso de imagens de barro. Numa única situação, a imagem, importada de Itália¹¹⁴, é de alabastro (ver p. 185).

Tal como ocorria na fase anterior, manteve-se a produção serial das esculturas com maior aceitação da clientela, a saber, Nossa Senhora com o Menino Jesus, o Arcanjo São Miguel, o Anjo da Guarda e alguns santos bispos.

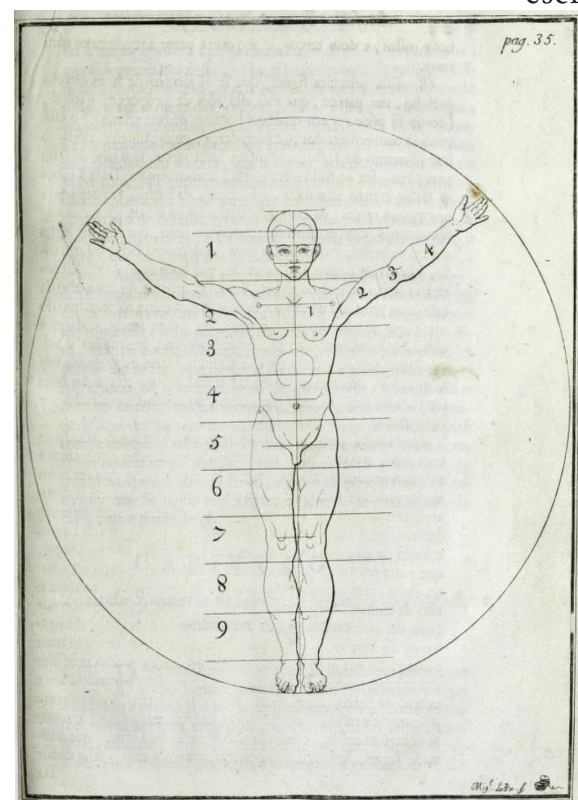
Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

-As figuras tendencialmente mantêm o cânone da fase anterior, em que a altura corresponde a sete módulos tomados pela dimensão da cabeça ou então a nove módulos tendo por referência o rosto. A este propósito, em 1733, o padre Inácio da Piedade Vasconcelos escreve que *esta medida de dez rostos não é tão certa que o natural não possa ter menos sem defeito (...) nós agora mediremos uma figura de um homem com nove rostos e dois terços e em outra parte a mediremos com nove rostos*¹¹⁵.

-Os corpos, flexíveis, apresentam-se dinâmicos, nalguns casos em forma de S. Os rostos serenos, alguns direcionados para cima ou para um dos lados, têm os cabelos ondulados e compridos. Os braços exprimem movimento, afastando-se do corpo e as pernas apresentam-se em contraposto, por vezes algo afastadas.

-As vestes, com pregas fluídas, são tratados com minúcia, designadamente na cintura, ondulando nalgumas zonas.

-A maioria dos atributos é amovível, quase sempre de madeira. Em determinadas imagens são de prata (coroas, resplendores, varas, etc.) ostentando o prestígio do cliente e da figura re-



Fonte VASCONCELOS, 1733, p. 35.

¹¹⁴ Informação prestada pela investigadora Maria João Vilhena de Carvalho.

¹¹⁵ I. VASCONCELOS, 1733, pp. 40 e 41.

presentada. Cumpre ainda referir que diversas imagens da Virgem Maria e sobretudo do Menino Jesus eram adornadas com tecidos luxuosos que se vestiam em ocasiões festivas.

-Acentua-se, particularmente nas imagens da Virgem Maria e de alguns santos, a encenação das peanhas, onde proliferam múltiplos serafins e por vezes meninos esvoaçantes, fénix, dragões, etc., como se verifica na imagem de Nossa Senhora da Conceição, na igreja da ordem terceira de São Francisco, em Faro (ver p. 189), o Menino Jesus, na igreja conventual de São Francisco, em Tavira (ver p. 175) e Santa Margarida, orago de uma pequena ermida nos arredores de Alte - Loulé (ver a capa).

Entre diversos exemplos individualizamos as esculturas de Santa Bárbara, orago de um dos retábulos laterais da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Faro (ver p. 176), Nossa Senhora do Carmo, na igreja paroquial de Cacela - Vila Real de Santo António (ver p. 170) e São Jorge, na igreja paroquial de Alte - Loulé.

Rococó

Período que vigora no reinado de D. José (1750 - 1777) e na primeira década de D. Maria I, fortemente condicionado pela diminuição de recursos financeiros e pela progressiva secularização do culto e declínio da piedade pública. À semelhança do que ocorria nos retábulos, coexistem duas estéticas diferentes, uma divulgada pelos escultores italianos ou de formação italiana, sediados em Lisboa e Maфра e a outra de origem francesa: o Rococó. Esta última, que se tornou dominante, adota a graciosidade, a elegância e a delicadeza. Surgem novos cultos, nomeadamente, o Sagrado Coração de Maria, São Gonçalo de Lagos (ver p. 201) e Santa Rita de Cássia (ver p. 202).

A madeira continuou a ser o material de maior acolhimento, sendo, no entanto, razoável o número de imagens de barro.

Foi diminuto o número de mestres entalhadores-escultores algarvios, sobressaindo Francisco Xavier Guedelha e Manuel Francisco Xavier. Consequentemente, acentuou-se de novo, a aquisição de imagens aos escultores com oficina aberta na cidade de Lisboa, entre os quais Joaquim Machado de Castro.

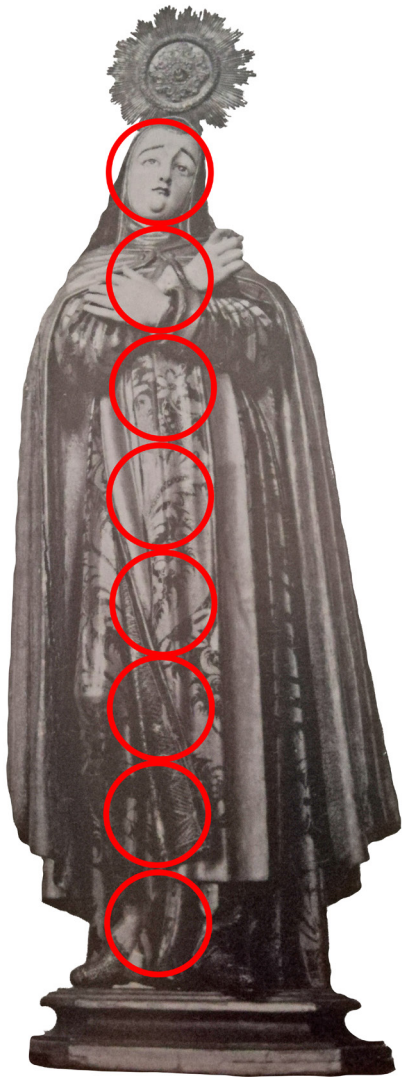
Como características gerais das esculturas deste período



São Jorge. Segundo quartel do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Alte.
Foto Museu Municipal de Loulé.



Sagrado Coração de Maria. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja paroquial de Boliqueime.



Santa Maria Madalena de Pazzi. 1753.
Tomé da Costa e Francisco Xavier Guedelha.
Igreja do Carmo, em Faro.

mencionamos as seguintes:

-As figuras são alongadas, adotando o cânone alto, em que a altura corresponde a oito módulos tomados pela dimensão da cabeça e que corresponde ao cânone de Lisipo.

-Se alguns corpos se apresentam algo estáticos, outros são bastante dinâmicos, por vezes com alguma rotação. Muitos rostos encontram-se parcialmente elevados com o olhar voltado para cima, em contemplação ou então para um dos lados, expressando sentimentos, nomeadamente graciosidade, sofrimento, etc. Os braços afastam-se do corpo, por vezes em atitudes de grande teatralidade. De igual modo, as pernas estão em contraposto, em determinadas situações em acentuado movimento.

-Os panejamentos apresentam-se esvoaçantes ou então abertos lateralmente com expressivas pregas. Por vezes, as mangas pendem excessivamente, como ocorre em diversas imagens de Santa Rita de Cássia (ver p. 202).

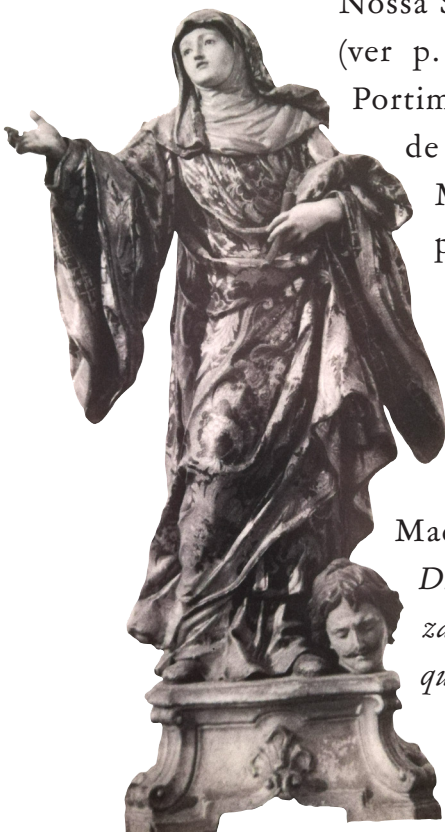
-Os atributos são quase sempre portáteis ou amovíveis. Generaliza-se o uso de coroas e resplendores de prata.

-Na maioria das situações as imagens assentam num modesto plinto. São exceções as representações da Virgem Maria, que apresentam avultadas peanhas, pontuadas por múltiplas cabecinhas de serafins.

Entre diversos exemplos individualizamos as esculturas de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Monchique (ver p. 194), Nossa Senhora das Almas, na igreja matriz de Portimão (ver p. 193), Santo Elesbão, na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro (ver p. 197), Santa Maria Madalena, na igreja da Misericórdia, em Castro Marim (ver p. 192) e Santa Iria, na igreja da Misericórdia, em Faro.

Neoclassicismo

O Neoclassicismo, de caráter elitista e com muita pouca aceitação, vigorou a partir dos finais da década de 1780, prolongando-se nos decénios seguintes. Em 1788, o escultor Machado de Castro, com oficina em Lisboa, declara no seu *Discurso sobre as utilidades do Desenho* que *a escolha da Natureza deve ser conforme ao gosto dos antigos gregos e romanos (...) e que estão todos empregados em estudar as estátuas gregas e por elas o*



Santa Iria. Segunda metade do sec. XVIII.
Igreja da Misericórdia, em Faro.

*reunido belo da Natureza*¹¹⁶. Entretanto, em 1823, Cirilo Volkmar Machado no seu *Tratado de Arquitetura e Pintura* defende a *divisão em oito cabeças*¹¹⁷. Conjuntamente com o Neoclassicismo, assistimos à manutenção de algumas normas vigentes nas décadas anteriores.

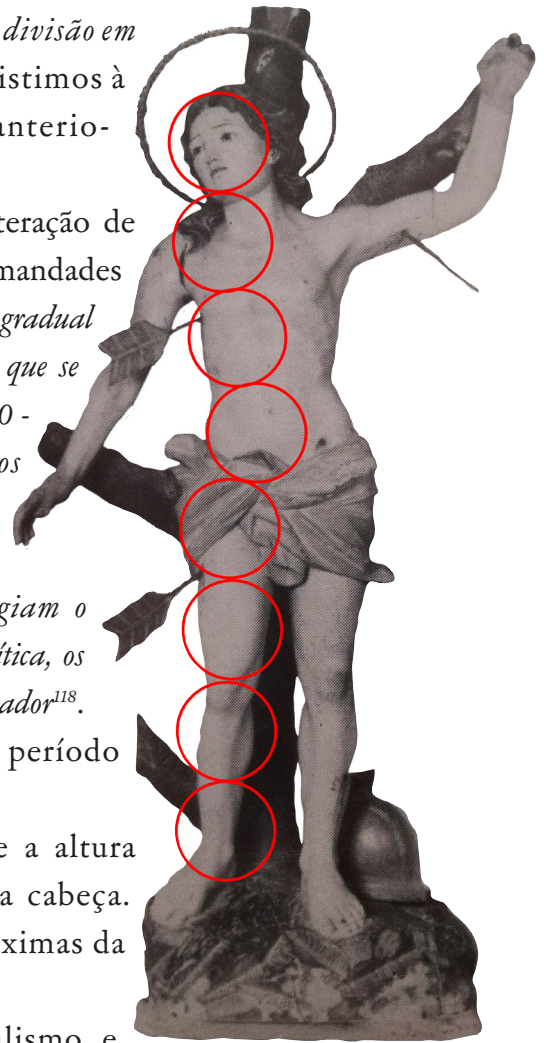
Estas opções estéticas acompanharam a profunda alteração de valores que se instalou na sociedade a partir de 1790. As irmandades perdem adeptos: *a mundividência subjacente a esta transformação gradual de atitudes coincide com o período de difusão das ideias iluministas que se acentua na viragem do século e no decurso da experiência liberal de 1820 - 1823. Sob o impacto das novas ideias, sobem de tom as críticas aos excessos de uma prática religiosa superficial, incapaz de potenciar os valores espiritualmente libertadores do cristianismo. Os ventos da secularização, trazidos pelo movimento das Luzes, contagiam o campo moral e dos costumes e sedimentam, em nome da razão crítica, os primeiros ataques públicos à intolerância e ao rigorismo do clero conservador*¹¹⁸.

Como características gerais das esculturas deste período mencionamos as seguintes:

-As figuras continuam a adotar o cânone alto, em que a altura corresponde a oito módulos tomados pela dimensão da cabeça. De realçar que nalgumas esculturas as dimensões são próximas da escala humana.

-Os corpos apresentam-se dinâmicos, com algum realismo e perfeição anatómica. Sobretudo nas imagens femininas os pés encontram-se descalços, com os dedos alongados. Os rostos voltam a ser mais serenos, em certos casos parcialmente elevados com o olhar voltado para cima ou então direcionados para um dos lados. Os braços afastam-se do corpo, por vezes em atitudes mais dinâmicas. De igual modo, as pernas estão em contraposto.

-As vestes acompanham a postura corporal, apresentando-se menos agitadas e com pregas fluídas.



São Sebastião. 1792.
Ermida de São Sebastião, em Martinlongo.
Foto padre Manuel Rodrigues.



Pormenor de Nossa Senhora da Luz.
Cerca de 1804. Igreja matriz de Lagoa.
Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.

116 CASTRO, 1788, pp. 41 e 48.

117 TIRGOALA, 2015, p. 15.

118 ARAÚJO, 1997, p. 341.



Santo Estevão. Princípios do século XIX.
Igreja paroquial de Cachopo.

-Os atributos são quase sempre portáteis ou amovíveis. Continuam a usar-se coroas e resplendores de prata.

-No embasamento são empregues modestos plintos, incluindo nas imagens da Virgem Maria, em que na parte inferior ainda utilizam volumosos aglomerados de nuvens e cabecinhas de serafins.

Entre diversos exemplos individualizamos a escultura de Santa Justa, orago de uma modesta ermida na freguesia de Martinlongo - Alcoutim (ver p. 203), Nossa Senhora da Luz, na igreja paroquial de Lagoa (ver p. 206), Nossa Senhora d'Alva, na igreja paroquial de Aljezur (ver p. 207), Nossa Senhora da Conceição, orago da matriz de Santa Maria, em Tavira (ver p. 204) e Santo Estevão, orago da igreja paroquial de Cachopo.

A partir do século XIX, surgem nos altares inúmeras imagens de pouca qualidade. Maioritariamente têm reduzida dimensão e representam na sua quase totalidade o Menino Jesus e o Senhor Crucificado.

Por fim, referimos que, a partir dos meados do século XX, inúmeras imagens foram intervencionadas por técnicos sem preparação adequada, que as desvirtuaram, por vezes de forma muito acentuada, mantendo-se infelizmente esta prática nos nossos dias.



Foto Daniel Santana.

Santa Ana. Princípios do século XVI.
Ermida de Santana, em Tavira.. Antes e após o restauro.

Filiação

Tendo em conta a documentação disponível, tão diminua no respeitante à identificação da autoria das esculturas, constatamos que um conjunto significativo da imaginária retabular remanescente na região algarvia foi adquirido no exterior, maioritariamente em Lisboa, tendo sido executado pelas diversas oficinas existentes nessa cidade, incluindo as de maior reputação. Como tal é parte integrante do património escultórico do principal centro produtivo nacional.

Vejam os alguns testemunhos da importação de esculturas:

-No Museu Municipal de Faro estão expostas duas imagens medievais, de alabastro, representando Santa Ana (ver p. 118) e São Bartolomeu (ver p. 56), provenientes da Inglaterra, provavelmente da região de Nottingham.

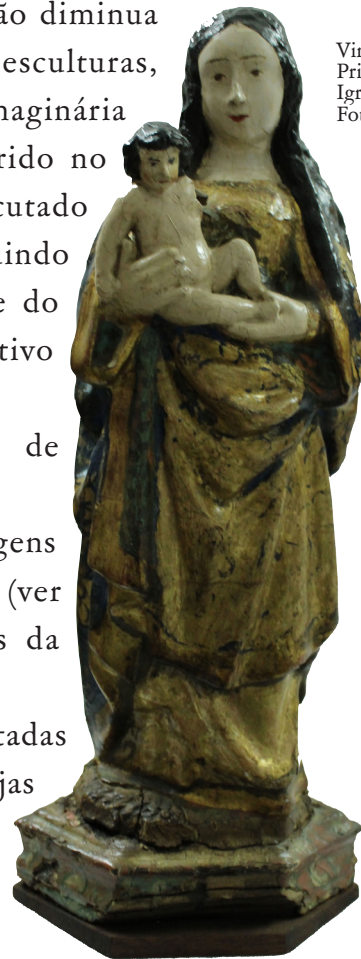
-Maior é o número de esculturas quinhentistas importadas da Flandres, algumas ainda ao culto em diversas igrejas algarvias (ver p. 126).

-Na igreja da sé, em Silves e na igreja paroquial de Castro Marim subsistem duas esculturas de pedra que provavelmente foram adquiridas em Coimbra na oficina dos reputados mestres Diogo Pires-o-Velho e Diogo Pires-o-Moço¹¹⁹, respetivamente, Nossa Senhora da Conceição (ver p. 119) e o Arcanjo São Gabriel (ver p. 124).

-Na igreja paroquial de São Brás do Alportel, em 1688, a *confraria do Rosário Velho* paga 25\$130 réis pela imagem de Nossa Senhora do Rosário, mandada vir de Lisboa¹²⁰ (ver p. 65).

-Na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Silves, a imagem do orago *se mandou fazer (...) em Lisboa, pelos anos de 1690, pouco mais ou menos*¹²¹.

-Em 1693-1694, os mesários da confraria de Santo António do Alto, em Faro, despenderam com *a imagem do Santo, novo, que se mandou vir de Lisboa e caminho 14\$000 réis*¹²².



Virgem com o Menino. Princípios do sec. XVI. Igreja paroquial de Boliqueime. Foto Maria Beatriz Pinto.



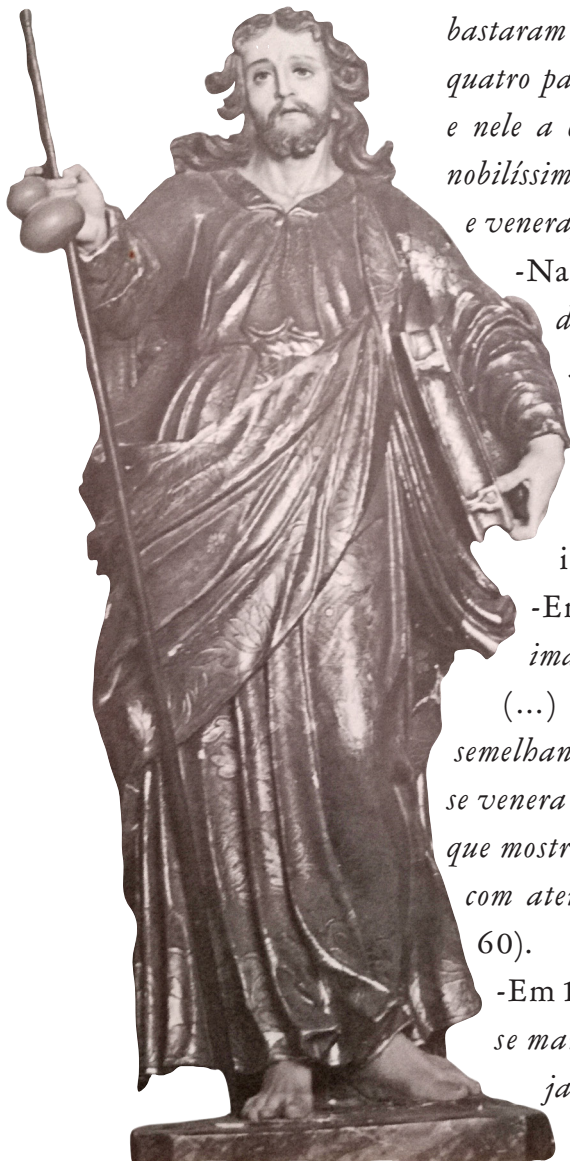
Santo António. 1693. Ermida de Santo António do Alto, em Faro.

119 Informação prestada pela investigadora do MNAA Maria João Vilhena de Carvalho.

120 DUARTE, 2005, p. 211.

121 SANTA MARIA, 1716, pp. 381 e 382.

122 Arquivo Distrital de Faro, Livro das receitas e despesas da confraria e mais coisas necessárias do glorioso Santo António do Alto, de 1677 a 1736, fl. 44 vº.



São Tiago. 1712.
Igreja paroquial de Estômbar.

-Nos finais do século XVII, na igreja paroquial de São Sebastião, em Quelfes, os devotos de Nossa Senhora do Rosário tomaram por sua conta não só mandar fazer a Lisboa a imagem da Senhora, mas erigir-lhe uma confraria. Feita a sagrada imagem, a colocaram em um altar que novamente lhe levantaram (...) com um muito rico retábulo¹²³.

-Em 1708, nas praias de Lagos, na sequência de um naufrágio, veio um caixão em que vinha a imagem da Senhora (da Glória), que custando muito o haver de embarca-la no Rio de Janeiro, nas praias de Lagos bastaram só dois homens para a tirar, sendo tão grande e tão pesada, e quatro para a levarem ao convento e veio sem padecer a menor lesão (...) e nele a colocaram em seu altar-mor (...) mandaram-lhe fabricar uma nobilíssima tribuna na mesma capela-mor, onde se vê com muita majestade e veneração¹²⁴ (ver p. 162).

-Na cidade de Faro, em o mês de agosto do referido ano (1712), chegou de Lisboa a imagem nova (de Nossa Senhora do Carmo), que se havia mandado fazer, que foi obrada com grande perfeição e é de primorosa escultura de madeira¹²⁵.

-Em 1712-1713, a Fábrica da igreja paroquial de Santiago, em Estômbar, paga 24\$480 réis pela imagem de Santiago, incluindo o transporte, que mandou vir de Lisboa¹²⁶.

-Em 1716, na igreja do hospital, em Loulé, se venera uma imagem de Nossa Senhora dos Pobres (...) muito antiga e milagrosa (...) tem esta sagrada imagem, ainda sendo mais pequena, muita semelhança com a imagem da Senhora da Madre de Deus de Lisboa, que se venera nas Descalças de Xabregas, assim naquela reverente inclinação que mostra, como na formosura do seu divino rosto e assim os que a viram com atenção reconhecem ser esta muito parecida com aquela¹²⁷ (ver p. 60).

-Em 1716, na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Silves, se mandou fazer a outra imagem que hoje se venera na mesma igreja, em Lisboa, pelos anos de 1690, pouco mais ou menos¹²⁸.

-Em 1721, em Loulé, no altar-mor desta igreja e convento de Nossa Senhora da Graça se venera outra imagem da Mãe de

123 SANTA MARIA, 1716, pp. 454 e 455.

124 SANTA MARIA, 1716, pp. 447 a 453.

125 SANTA MARIA, 1721, p. 581.

126 SIMÕES, 2008, p. 109.

127 SANTA MARIA, 1716, p. 407.

128 SANTA MARIA, 1716, pp. 381 e 382.

*Deus, com o título da Conceição, formada de alabastro e de perfeitíssima escultura, a qual se vê colocada sobre o sacrário do altar-mor; esta santíssima imagem trouxe de Roma um religioso da mesma Ordem*¹²⁹(ver p. 142).

-O cabido da sé de Faro, em 1757, despense *com seis imagens, de Lisboa, de Cristo Nosso Senhor Crucificado, encarnadas, com cruces douradas, esplendores, títulos e cravos, todas estas insígnias de prata, caixões em que vieram e conduções até ao Poço das Naus, que tudo importou 90\$415 réis*¹³⁰.

-Em 1758, o arcediogo de Lagos trouxe de Lisboa os quatro Evangelistas, *que podiam servir para a banquetta do altar-mor da igreja da sé, em Faro e custaram 61\$500 réis*¹³¹ (ver pp. 40 e 42).

-Em 1765, a confraria de Nossa Senhora da Conceição, da igreja paroquial de Monchique, despense 60\$000 réis com a imagem nova que se mandou fazer a Lisboa¹³² (ver p. 194).

-Em 1773, a irmandade de Nossa Senhora da Graça, da igreja paroquial da Mexilhoeira Grande – Portimão paga 12\$810 réis pela imagem homónima, que mandou vir de Braga¹³³ (ver p. 198).

-Em 1777, os mesários da confraria de Santo António da igreja paroquial de São Bartolomeu de Messines despenderam *com a imagem do Santo, de se fazer e estofar, como se vê no seu altar, 24\$000 réis e com o caixão em que veio o Santo e condução de Lisboa para esta igreja 2\$880 réis*¹³⁴.

-Em 1779-1780, a confraria de Santo António, sediada na igreja paroquial de Santiago, em Estômbar, paga 25\$000 réis pela nova imagem do orago, com resplendor de prata dourada, que mandou vir de Lisboa¹³⁵ (ver p. 199).

-Em 1783, os responsáveis do convento de Santo Agostinho, em Tavira, adquirem na cidade de Braga uma imagem de Nossa Senhora da Graça pela quantia de 20\$930 réis, já preparada e estofada¹³⁶.

-No dia 29 de fevereiro de 1792, o dominicano Francisco de Carvalho, em Lisboa, notifica o prior de Martinlongo – Alcoutim,



Santo António. 1777.
Igreja paroquial de Messines.



Nossa Senhora da Graça. 1783.
Proveniente da igreja conventual de Santo Agostinho, em Tavira.

129 SANTA MARIA, 1721, p. 587.

130 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro da Fábrica*, de 1747 a 1769, fl. 138.

131 Arquivo do Cabido da sé de Faro, *Livro dos Acórdãos*, 1758 (Informação cedida pelo padre Afonso Cunha).

132 Arquivo Paroquial de Monchique, *Livro da Receita e Despesa da confraria de Nossa Senhora da Conceição de Monchique*, 1765, fl. 44 v.º.

133 SIMÕES, 2005, p. 87.

134 Arquivo do paço episcopal de Faro, Livro da receita e da despesa da confraria de Santo António, de São Bartolomeu de Messines (1684-1788), 1777-1778, fl. 229.

135 SIMÕES, 2008, pp. 110 e 111.

136 LAMEIRA, 2000, p. 314.

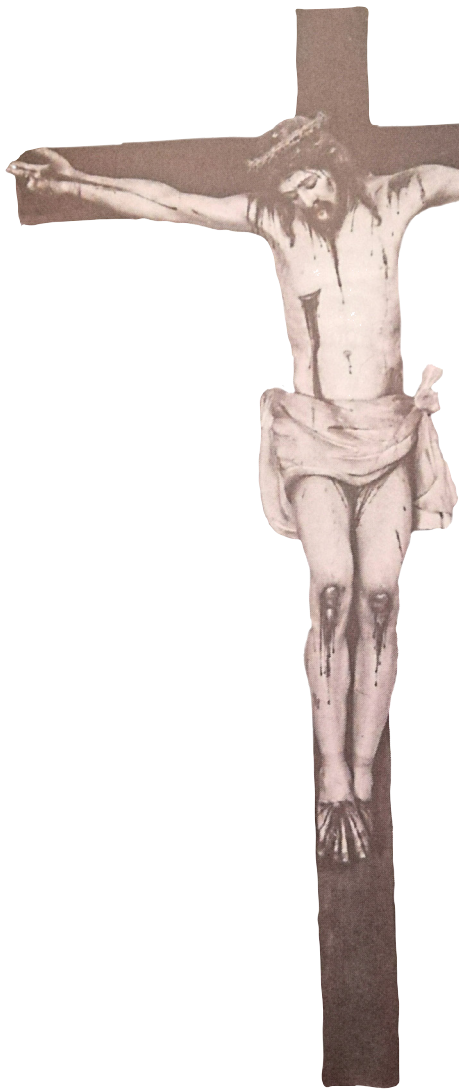
referindo: *fico entregue dos 48\$440 réis pertencente à estátua de São Sebastião*. Desta quantia 46\$400 réis dizem respeito à execução e à policromia, 1\$200 ao resplendor de prata e 800 réis ao feitio deste último¹³⁷ (ver p. 71).

-Em 1792 - 1793, a *Fábrica* da igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Martinlongo - Alcoutim paga 12\$000 réis *da parte que concorre para pagamento da imagem mais nova do Menino Deus, que sua excelência reverendíssima mandou vir de Lisboa, a qual com a armação do seu respetivo ornato importou em oito moedas de ouro, cuja despesa vai repartida pelas confrarias*¹³⁸.

-No dia 3 de junho de 1793, é registada no *Livro da receita e despesa da confraria de Santa Justa*, da freguesia de Martinlongo - Alcoutim a seguinte despesa: *do frete que se pagou ao almocreve Manuel Luís, desta aldeia, por trazer o caixote da nova imagem de Santa Justa da cidade de Faro para a sua ermida a quantia de 1\$200 réis. Da quantia restante (...) mandei ao mordomo de sua excelência reverendíssima para completar o importe da nova imagem de Santa Justa, 12\$000 réis*¹³⁹, seguramente executada em Lisboa, como se constata pela sua qualidade (ver p. 203).

-Em 1804, a *Fábrica* da igreja paroquial da Mexilhoeira Grande - Portimão adquiriu uma imagem nova do Santo Cristo, que veio de Lisboa¹⁴⁰.

O restante espólio da imaginária retabular algarvia foi executado localmente por artistas com oficina aberta nos principais centros urbanos, os mesmos que realizavam os retábulos, não existindo a figura individualizada do escultor, conforme se constata na listagem dos mestres entalhadores/escultores adiante mencionados. Consequentemente, nunca atingiu notoriedade, tendo os profissionais sediados na região executado imagens demasiado hieráticas, desrespeitando os cânones e, por vezes, com erros anatómicos, muito embora com atributos facilmente identificados pelos fiéis. Entre múltiplos testemunhos mencionamos a imagem do Salvador, padroeiro da



Santo Cristo. 1804.
Igreja paroquial da Mexilhoeira Grande.

137 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, pp. 62 e 63.

138 Arquivo paroquial de Martinlongo, Livro da fábrica da igreja matriz de Martinlongo, de 1614 a 1817, fl. 71.

139 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 85.

140 SIMÕES, 2005, pp. 84 e 178.

igreja matriz de Alcoutim (ver p. 139) e a de Nossa Senhora da Caridade (?), em Tavira. Só no século XVIII é que alguma produção escultórica algarvia denota certa qualidade¹⁴¹, tendo sido preferencialmente aceite por grande parte da clientela. Manteve-se, no entanto, fortemente subsidiária da escultura realizada em Lisboa, não só ao tomar por modelo as imagens daí provenientes, mas também por pontualmente se servirem de gravuras avulsas ou estampas originárias dessa cidade, como ocorreu, por exemplo, em Faro, em 1751, quando Miguel Nobre executou por 14\$400 réis a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens para uma capela do convento de São Francisco, desta cidade¹⁴², exemplar que já não sobrevive.



Nossa Senhora da Caridade (?).
Igreja matriz de Santa Maria, em Tavira.
Foto Marta Pereira

¹⁴¹ De entre os profissionais mais reputados salientamos Manuel Martins, considerado na época escultor famoso, o seu irmão Gaspar Martins, João Amado, Miguel Nobre, Francisco Xavier Guedelha, Manuel Francisco Xavier e José da Costa.

¹⁴² LAMEIRA, 1987, p. 31.

Materiais e técnicas

De acordo com o faseamento vasariano, a feitura de uma escultura passava por três etapas: o desenho, a elaboração de moldes e o entalhe da escultura. Depois principiava o acabamento, executado por profissionais com diferente formação – os pintores-douradores. Atentemos ao modo como se desenvolvia este processo, na diocese algarvia, nos quatro momentos indicados.

Desenho e elaboração de moldes

Como referimos antes, na maioria das situações, a encomenda de imagens de vulto era feita a profissionais sediados na região ou então em Lisboa, que tomavam por modelo exemplares já existentes, previamente aprovados pelos responsáveis religiosos e com boa aceitação dos fiéis.

Conforme ocorria com os retábulos, os mestres responsáveis pelas oficinas de entalhe e escultura, depois de as imagens recém executadas ou adquiridas em Lisboa serem benzidas e colocadas nos altares das igrejas, iam analisá-las e, caso fossem inovadoras, elaboravam um desenho para servir de modelo a futuras encomendas. Era então normal as oficinas disporem de dossiers ou pastas com os rascunhos das esculturas mais frequentes (Cristo Crucificado, a Virgem Maria, santos bispos, etc.).

Deste modo se justifica a existência de grupos de imagens executadas em série a partir do mesmo modelo, que podiam ser usadas por diferentes profissionais. Exemplo ilustrativo desta situação são as dezasseis imagens de santos bispos que atribuímos a partir da identificação de dois deles: São Clemente (ver p. 55) e São Pedro (ver p. 172), ajustadas conjuntamente com o retábulo-mor da igreja matriz de São Clemente, em Loulé, em 1730, pelo mestre entalhador João Amado, inicialmente sediado em Faro e posteriormente em Loulé. As restantes esculturas encontram-se nas seguintes igrejas paroquiais: São Pedro, no Ameixial (ver p. 104) e em Querença, ambos no concelho de Loulé, em Santa Catarina da Fonte do Bispo – Tavira, em Moncarapacho – Olhão, em Albufeira, em Vaqueiros – Alcoutim e em Budens – Lagos. São Luís nas ermidas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Boa Hora e no Ameixial, todas no concelho de Loulé e na ermida homónima, em Faro. São Brás: em Loulé e no Alportel



Desenho executado por Machado de Castro para Nossa Senhora da Encarnação, orago da igreja homónima, em Lisboa.



São Pedro. Segundo quartel de Setecentos. Igreja paroquial de Moncarapacho. Foto Martina del Río.

- São Brás e São Martinho, em Estoi - Faro.

Acresce a aquisição de projetos de esculturas ou então de estampas ou gravuras, maioritariamente adquiridos em Lisboa, que serviam de referência na encomenda de algumas imagens. Vejamos testemunhos de ambas as situações:

-Em 1753, o cabido de sé de Faro despende a quantia de 6\$400 réis *com um escultor de Lisboa de fazer uns riscos*¹⁴³, provavelmente destinados às imagens dos seis anjos grandes encomendados por esta entidade para o altar-mor da igreja da sé. De anotar que estas esculturas foram realizadas, pouco depois, pelo profissional mais competente na diocese (ver p. 88), curiosamente o que introduziu o formulário rococó na região algarvia no ano anterior, no *arco* ou enquadramento arquitetónico do retábulo, então da invocação de São Vicente Ferrer, na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, na cidade de Faro, tendo também esculpido, nesse ano de 1753, mais duas imagens para o mesmo retábulo: *o Senhor Santo António* (ver p. 190) *e a Senhora Santa Maria Madalena de Pazzi*¹⁴⁴ (ver p. 70).

-Em 1751, o mestre Miguel Nobre, com oficina aberta na cidade de Faro, executou *uma imagem da Senhora Mãe dos Homens para a capela do convento de São Francisco, em Faro*¹⁴⁵, exemplar que já não subsiste e que muito possivelmente foi executado a partir de uma gravura divulgada por frei João de Nossa Senhora (ver p. 87), religioso franciscano do convento de Santa Maria de Jesus, em Xabregas - Lisboa¹⁴⁶.

Foi pouco frequente na região algarvia a execução de projetos ou riscos de novas imagens, assim como a feitura de moldes em barro, de pequena dimensão, aliás à semelhança do que ocorria no resto do país, como se verifica nas palavras do padre Inácio de Vasconcelos, em 1733: *o fazer figuras desta matéria é coisa que poucos usam por ofício e é mais para curiosos que para escultores de madeira, porque alguns destes vi eu em certa ocasião que não sabiam como haviam de pôr as mãos no barro, nem tirá-las dele*¹⁴⁷.



São Martinho. Segundo quartel de Setecentos. Igreja paroquial de Estoi.

143 Arquivo do cabido da sé de Faro, Livro da Fábrica, de 1747 a 1769, fl. 65.

144 LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 183.

145 LAMEIRA, 1987, p. 31.

146 SALDANHA, 2011, p. 14.

147 I. VASCONCELOS, 1733, p. 51.

Imagem da procissão do Triunfo.
1731. Manuel Martins.
Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Marco Pedro



No Algarve, é plausível que o mestre Manuel Martins, então designado por *escultor famoso*, soubesse fazer moldes de barro, solução que deve ter utilizado na maior encomenda de imagens jamais feita nesta diocese, com um preço superior, só no entalhe, a 100\$000 réis e que diz respeito ao núcleo das imagens da Procissão do Triunfo, encomendadas pela mais prestigiada associação de leigos, *a venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo*, em Faro, que felizmente ainda subsistem em bom estado de conservação.

Execução

Na maioria das situações, a madeira foi o material utilizado, surgindo como alternativas menos frequentes o barro, a pedra (calcários e alabastros), o marfim e o estanho. Raramente, coexistem diferentes materiais, como ocorre na imagem de Santo António existente no paço episcopal, em Faro, em que o corpo é de madeira, mas a cabeça, as mãos e os pés são em marfim (ver p. 188).

-Madeira

A generalidade das imagens era de madeira, atendendo a que era o material mais abundante na região, sendo a serra de Monchique um grande centro produtor de madeira de castanho, que abastecia não só o Algarve, mas também o Alentejo e a região fronteiriça espanhola.

Se determinadas esculturas assentam num plinto individualizado, outras incorporam na sua parte inferior uma peanha mais elaborada, com nuvens e/ou cabecinhas de serafins e pontualmente com anjos esvoaçantes, o crescente da lua, um globo terrestre, uma serpente, um dragão, uma mitra, um cão, etc.

Em determinados casos a peanha é amovível, tendo sido acrescentada posteriormente, conforme se constata na imagem do orago da capela de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Faro ou então no pagamento efetuado, em 1771, pelos mesários da ordem terceira de São Francisco, em Faro, ao mestre Miguel Nobre *por uma peanha para Santa Isabel por 1\$200 réis*¹⁴⁸. Particularizamos ainda a imagem de Nossa



Peanha de imagem.
Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja da Misericórdia, em Portimão.

148 LAMEIRA, 1987, p. 32.

Senhora dos Prazeres, orago de um dos retábulos laterais, na igreja da sé, em Faro, na qual avultam dois anjos de pequenas dimensões, amovíveis, anexados à peanha por grampos de ferro.

-De roca e/ou de vestir

Apesar de não serem muito frequentes, o baixo preço levou a que alguma clientela escolhesse esta opção, como referimos anteriormente. A título de exemplo mencionamos as imagens de São José e Nossa Senhora, na igreja do hospital de São José, em Tavira (ver p. 165) e a do Senhor dos Passos, na matriz de São Pedro, em Faro. Algumas esculturas de vulto de perfeito, nomeadamente as que representam a Virgem com o Menino, este último, apesar de ser esculpido, encarnado e estofado, pode ser vestido, como ocorre, por exemplo com *a imagem de Nossa Senhora do Carmo, em Faro, de primorosa escultura de madeira (...) tem ao soberano Deus menino sobre o braço esquerdo, que é de rara formosura, como a imagem da Senhora, o menino é portátil e o vestem ricamente com meias e sapatos*¹⁴⁹.

Na documentação encontramos algumas referências aos tecidos e a outros adereços utilizados: *hábito de tafetá e cabeleira, vestida de calbamaço com seu capelo e manto*, etc.

-Pedra

Na região algarvia são poucas as esculturas em materiais pétreos ainda subsistentes nos altares das igrejas. Foram mais frequentes nos séculos XV e XVI, conforme se constata na documentação remanescente, designadamente nas Visitações da Ordem de Santiago. Nestas encontram-se algumas alusões, quer a retábulos e esculturas de alabastro, quer a esculturas de calcário, as primeiras importadas de Inglaterra, as segundas de Lisboa ou de Coimbra. Vejamos alguns exemplos de ambas as situações:

-Em 1518, na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim, sobre o altar-mor está *a imagem e Nossa Senhora de vulto, de pedra, com o Menino Jesus no colo e junto do altar o Anjo Gabriel, de pedra, pintado de novo, muito bom* (ver p. 124). Por sua vez, *na parede da igreja da parte Norte está um altar metido dentro da parede, com uma imagem nova, de Nossa Senhora da Saudação, de vulto, de pedra, nova, muito boa*¹⁵⁰.



Senhor dos Passos. 1744. Miguel Nobre (?). Igreja matriz de São Pedro, em Faro.

149 SANTA MARIA, 1721, p. 581.

150 CAVACO, 1987, p. 32.



Santa Catarina. Princípios do século XVI.
Igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo.

-Em 1554, na igreja de Santa Maria, em Faro, atual sé, numa das capelas da cabeceira, sobre o altar estavam *umas imagens de alabastro, quebradas, dos Mistérios da Paixão*. Por sua vez, numa *capela fora do cruzeiro, da invocação de Santiago: nela um altar de alvenaria, do tamanho dos outros, sem retábulo, com duas imagens de pedra, velhas*¹⁵¹.

Pontuais são as esculturas de alabastro de épocas posteriores, normalmente importadas, como a que subsiste na igreja da Misericórdia, em Loulé (ver p. 142) e no Museu Municipal de Lagos (ver p. 185).

-Barro

Nos séculos XVI e XVII foi residual o número de esculturas de barro, apontando-se como testemunhos respetivamente a imagem de Santa Catarina, orago da igreja paroquial de Fonte do Bispo – Tavira e Nossa Senhora do Repouso (ver p. 85), padroeira de uma pequena ermida na cidade de Faro, construída em 1716 e que anteriormente estava colocada num nicho existente numa das portas das muralhas¹⁵².

No século XVIII, o número destas esculturas foi muito maior, estando uma parte associada às monjas barristas cistercienses do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, em Tavira. São exemplos as seis imagens que existem na igreja da Misericórdia, em Castro Marim, incluindo Santa Maria Madalena (ver p. 192) e a Cabeça de Cristo Sofredor, esta última de madeira e barro, colocada num nicho do embasamento do retábulo das Almas, na igreja paroquial de Vila Real de Santo António (ver p. 113).

-Marfim

Originárias maioritariamente do arcebispado de Goa, representam sobretudo Cristo Crucificado, de pequenas dimensões, como os quatro que são referidos no *Livro do Inventário da ordem terceira do Carmo*, em Faro¹⁵³ e os que subsistem em diversos templos da região. Entre outros exemplos, salientamos o que se encontra no retábulo da capela-mor da igreja paroquial de Santiago, em Estômbar – Lagoa, o de maiores dimensões (54 x 52 cm) na região algarvia (ver p. 150).



Cristo Crucificado abençoando o Mundo.
Sec. XVIII.
Sacristia da igreja paroquial de Estômbar.
Foto Município de Lagoa-Ismael Medeiros.

151 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 47.

152 SANTA MARIA, 1716, p. 466.

153 1729, fl. 23^o.

-Estanho

São raras as imagens de estanho, apresentando quase sempre reduzidas dimensões. Esta situação não impedia que fossem colocadas nos altares de algumas igrejas. Como testemunho referimos a imagem do Senhor Preso (40 x 14 cm) existente no paço episcopal, em Faro, a de Nossa Senhora do Verde (42x18 cm) que, em 1758, se encontrava na igreja paroquial homónima, atualmente na igreja paroquial de Alvor – Portimão e a do Menino Jesus que é referenciada, em 1758, na igreja paroquial do Salvador, em Alcoutim¹⁵⁴.

-Pasta de papel

A escultura do Senhor Jesus de Alvor – Portimão, orago de um dos retábulos colaterais da igreja paroquial do Divino Salvador, ainda hoje de grande devoção dos fiéis, é um exemplar ímpar na região algarvia por ser feito em pasta de papel (ver p. 213).

-Olhos de vidro

A mais antiga referência à utilização de olhos de vidro em esculturas no Algarve remonta a 1731, tendo então sido aplicados pelo mestre pintor Clemente Velho de Sarre, com oficina aberta em Faro, nas imagens da procissão do Triunfo¹⁵⁵, encomendadas pela ordem terceira do Carmo (ver p. 80).

É, no entanto, nos finais do século XVIII que se generaliza esta atitude, que é aplicada, não só nas novas imagens, mas também em muitas esculturas de épocas anteriores. Entre inúmeros testemunhos mencionamos a despesa efetuada, em 1799/1800 na aquisição de *dois olhos de cristal para Nossa Senhora da Assunção* – 1\$320 réis, imagem dos princípios do século XVII, orago da igreja paroquial de Giões – Alcoutim.

-Coroas, resplendores e outros adereços de diferentes materiais.

Se a maior parte dos adereços, portáteis ou amovíveis, são de madeira, encontramos referências a diversas peças de prata: *coroas, resplendores, diademas, espadas, penas, bandeiras, cruces, cravos, balanças, navios*, etc. e a outros materiais: *metal branco, lata branca, latão*, etc. Por sua vez alguns rosários colocados na mão de Nossa Senhora eram de vidro.



Nossa Senhora do Verde. Finais do século XVII. Igreja paroquial de Alvor.



Nossa Senhora da Assunção. Princípios do século XVII. Igreja paroquial de Giões. Foto padre Manuel Rodrigues.

¹⁵⁴ DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 116.

¹⁵⁵ LAMEIRA, 1987, p. 38.

Como curiosidade referimos que, em 1770, o cabido da sé de Faro mandou fazer a casa de prata que Santo Elias sustenta na mão esquerda, *por acudir com a sua intercessão a Deus com água de misericórdia*¹⁵⁶ (ver p. 171).

Menos usual é a presença de adereços em ouro. Atentemos a alguns exemplos:

-No inventário, de 1764, do hospital do Espírito Santo, em Tavira, é referido que a imagem *de Nossa Senhora tem uma cruz de ouro e um anel de diamantes e coroa de prata*¹⁵⁷ (ver. 165).

-Em 1822, a imagem de Nossa Senhora das Vitórias, orago de um retábulo lateral da igreja matriz de São Pedro, em Faro, administrado pela Casa do compromisso Marítimo, tinha brincos de ouro¹⁵⁸.

-Atualmente, algumas imagens de maior devoção ostentam fios e cordões de ouro doados pelos fiéis como gratidão por terem sido satisfeitos os seus pedidos. A título de exemplo destacamos os que existem na imagem de Nossa Senhora da Piedade ou *Mãe Soberana*, em Loulé e na Nossa Senhora dos Mártires, orago da igreja paroquial de Castro Marim.

-Mantos

A utilização de vestidos nas imagens não era do agrado dos responsáveis religiosos, pois dava origem a abusos. No entanto, não era proibido o uso de mantos, conforme se verifica nas constituições Sinodais do bispado do Algarve, de 1674: *mandamos que as imagens que se fizerem de vulto sejam de corpos inteiros, vestidos e ornados da mesma madeira em forma que escusem pôr-lhes vestidos e toucados e isto se guardará precisamente sem exceção nem dispensação alguma em as imagens da puríssima Virgem Maria Senhora Nossa, pelos abusos que de ordinário há em os vestidos com que as compõem, contrários à sua santíssima modéstia e compostura, porém não proibimos os mantos*¹⁵⁹.

Vejamos alguns exemplos de imagens, de madeira, de vulto perfeito, que eram cobertas com mantos têxteis:

-Na igreja paroquial da Luz de Tavira, a *imagem de Nossa Senhora da Luz* (ver p. 122) *é de escultura de madeira estofada e por ornato se lhe*



Por menor de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim. Finais do século XVI. Foto Cátia Pereira.

¹⁵⁶ PINHEIRO E ROSA, 1972, p. 114.

¹⁵⁷ PINTO e PINTO, 1968, p. 106.

¹⁵⁸ Faro, Arquivo da igreja de São Pedro, Livro do inventário da Casa do Compromisso Marítimo, 1822, fl. 2.

¹⁵⁹ BARRETO II, 1674, p. 16.

*põem, pela devoção dos que a servem, ricos mantos de seda*¹⁶⁰

-Na igreja da sé, em Faro, na capela de Nossa Senhora do Rosário, são referidos no inventário de 1854, *dois mantos de seda, um destes com estrelas, pertencentes à imagem do orago, que está na capela*¹⁶¹.

-Na ermida de São Sebastião, em Faro, a imagem de Nossa Senhora de Belém tinha *uma mantilha branca forrada de azul*¹⁶².

Apesar de ser muito pouco usual, também algumas imagens de pedra ou de barro podiam ser vestidas. Como testemunhos mencionamos a *imagem de Nossa Senhora, de vulto, de pedra com um Menino Jesus no colo*, referenciada, em 1518, na capela-mor da ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim¹⁶³. Na visitação seguinte a este mesmo templo, em 1534, é referido: *tem agora mais do conteúdo da visitação passada: dois saios de Nossa Senhora, de damasco branco, de veludo preto, novos; um saio de veludo preto do Menino Jesus e uma carapuça do mesmo veludo; uma camisa de pano de linho, de Nossa Senhora; outro saio de tafetá amarelo, que tem vestido o Menino Jesus; uma camisa de pano de linho, mourisca, lavrada de seda vermelha, que tem Nossa Senhora*¹⁶⁴. Por sua vez, a Senhora do Repouso na cidade de Faro, é esta sagrada imagem formada em barro, como a Senhora de Entre Ambas as Águas, porém a sua estatura não passa de dois palmos, sobre o braço esquerdo tem ao Menino Deus. O seu ornato é um manto de tela e ambas as imagens têm coroas de prata, dádivas dos seus devotos e favorecidos¹⁶⁵.

Nossa Senhora do Repouso.
Museu Municipal de Faro.
Foto Museu Municipal de Faro.



Acabamento

Após o entalhe, a escultura era complementada com alguma policromia. *De uma maneira geral, a policromia de uma escultura pode dividir-se em duas áreas fundamentais: a zona da carnação (rosto, membros superiores, membros inferiores), que pode incluir a representação de cabelos e barbas, e a zona do estofado, que equivale à representação das vestes*¹⁶⁶.

Nos princípios do século XVIII, frei Agostinho de Santa



Pormenor de Cristo Crucificado.
Igreja paroquial de Estômbar.
Foto Município de Lagoa-Ismael Medeiros.

¹⁶⁰ SANTA MARIA, 1716, p. 419.

¹⁶¹ FONSECA e SABÓIA, 2001 - 2002), p. 122.

¹⁶² Arquivo Distrital de Faro, Livro da receita e despesa de São Sebastião desta cidade de Faro, de 1788 a 1830, fl. 90 v.º.

¹⁶³ CAVACO, 1988, p. 32.

¹⁶⁴ CAVACO, 1988, p. 129.

¹⁶⁵ SANTA MARIA, 1716, pp. 467.

¹⁶⁶ BARATA, 2008, p. 6.



São Dionísio. 1741. Manuel Martins (?).
Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Marco Pedro.

Maria, no Santuário Mariano distingue nas esculturas que menciona duas situações distintas: a pintura *com rosas e matizes de ouro*, que designa *ao antigo* e as *estofadas*¹⁶⁷. Esta última técnica atingiu um grande virtuosismo a partir do século XVII¹⁶⁸.

*A descoberta de ouro no Brasil, na região de Minas Gerais faz com que este material seja abundante na escultura portuguesa deste período, diminuindo a sua qualidade e quantidade aplicada a partir da segunda metade do século XVIII, por motivos de esgotamento das minas daquela região*¹⁶⁹. Raras vezes, as imagens eram prateadas. Um exemplo ocorreu, em 1801, quando o cabido da sé de Faro despendeu 56\$000 réis com o pintor José Ferreira da Rocha, de Tavira, *para prata e trabalho de pratear os quatro Evangelistas da capela-mor*¹⁷⁰.

Em certos templos encontramos referências às imagens estarem cobertas por cortinas, como se verifica nos seguintes exemplos:

-Em 1518, na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim, *a imagem de Nossa Senhora da Saudação de vulto, de pedra, nova e muito e sobre o altar uma cortina de sarja vermelha, velha*¹⁷¹.

-Em 1716, na ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Vale Judeu, no termo de Loulé: *o altar-mor em que está colocada a Senhora. Vê-se recolhida em um nicho, fechado com vidraças e cortinas para maior reverência e veneração*¹⁷².

-Em 1767, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, da Mexilhoeira Grande - Portimão foram comprados *vinte e cinco côvados de tafetá carmesim para as cortinas da tribuna (...)* e *mais três côvados de tafetá roxo para as duas cortinas dos dois nichos da capela de São Guilherme*¹⁷³.

167 SANTA MARIA, 1716, pp.416 e 459.

168 CARVALHO e CORREIA, 2009, p. 80.

169 BARATA, 2008, p. 16.

170 Arquivo do cabido da sé de Faro, Livro de acórdãos, de 1789 a 1820, 1801, p. 47.

171 CAVACO, 1987, p. 32.

172 SANTA MARIA, 1716, p. 444.

173 SIMÕES, 2005, p. 168.

Produção

Até uma escultura ficar totalmente concluída, pronta para ser benzida e colocada num altar, eram diversas as tarefas a realizar, como veremos de seguida.

Obtenção do projeto e do modelo

Apesar de ser muito diminuta a informação documental relativa a este aspeto, é possível deduzir que raramente se executaram na região riscos ou projetos para imagens, assim como moldes de barro, de pequena dimensão, que permitissem ao cliente visualizar a escultura pretendida. Deveria ser prática comum da clientela solicitar uma determinada imagem que copiasse uma escultura já existente num determinado templo, normalmente na sede do bispado e como tal previamente aprovada pelos responsáveis religiosos da diocese.

Só em casos pontuais, o cliente cedia ao mestre uma gravura, normalmente originária de Lisboa, para servir de modelo à imagem que pretendia, como ocorreu seguramente, como referimos antes, em 1751, quando um dos religiosos do convento de São Francisco, em Faro, solicitou ao mestre Miguel Nobre, sediado nesta cidade, a feitura de uma imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens¹⁷⁴, que infelizmente já não subsiste.

Escolha da oficina e custo do feitiço

Quando um determinado cliente pretendia adquirir uma nova escultura tinha duas possibilidades: escolher um mestre entalhador sediado na região, maioritariamente residente na cidade de Faro ou então optar por um escultor forasteiro, quase sempre de Lisboa. Na primeira opção o montante a pagar era mais modesto, apesar de a escultura não ter tanta qualidade. Quer num caso, quer noutro, o ajuste entre ambas as partes, isto é, entre o cliente ou o seu representante e o mestre da oficina, deveria ser quase sempre oral, não subsistindo na região em análise qualquer escritura notarial relativa a esta situação.



Fonte SALDANHA, 2011, p.14.

¹⁷⁴ LAMEIRA, 1987, p. 31.



Anjo tocheiro. 1753. Francisco Xavier Guedelha.
Igreja da sé, em Faro..
Foto Maria del Rio.

Uma das cláusulas ajustadas dizia respeito ao preço do entalhe da escultura. Se em relação aos honorários praticados na diocese algarvia, a documentação permite-nos tomar conhecimento dos mesmos, o mesmo já não acontece com os escultores forasteiros, designadamente da cidade de Lisboa e, em casos pontuais, da cidade de Coimbra e de Braga, pois nas notas de pagamento só é referido o custo global da imagem, incluindo o estofamento.

Tomando como referência os honorários do mestre entalhador e escultor Francisco de Ataíde, morador em Faro que, por um dia de trabalho na obra do retábulo de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Faro, recebia 400 réis¹⁷⁵, para executar uma escultura no valor de 9\$600 réis seriam necessários vinte e oito dias, pouco mais de quatro semanas.

Vejamos então os preços praticados no Algarve:

-Em 1709, a imagem de Nossa Senhora da Conceição (alt. 52 cm), da sé de Silves: 5\$675 réis¹⁷⁶ (ver p. 163).

-Em 1710, a imagem de São Libório (alt. 81 cm) da igreja paroquial de São Brás do Alportel: duas moedas de ouro, de cada 4\$800 réis cada, no total 9\$600réis¹⁷⁷ (ver p. 164).

-Em 1751, a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens da igreja conventual de São Francisco, em Faro: custou 14\$400 réis¹⁷⁸

-Ainda em 1751, para a igreja do Carmo, em Faro: 14\$400 réis pela imagem de São Vicente Ferrer e 18\$000 réis por duas imagens, com 90 cm de altura, uma de Santo António (ver p. 190) e a outra de Santa Maria Madalena de Pazzi¹⁷⁹ (ver p. 70).

-Em 1753, 7\$200 réis por cada um dos seis tocheiros (120 cm) do retábulo-mor da sé, em Faro¹⁸⁰.

-Em 1769, 14\$400 réis pela imagem de Nossa Senhora da Assunção, orago da igreja paroquial da Mexilhoeira Grande -

¹⁷⁵ LAMEIRA, 1987, p. 11.

¹⁷⁶ Arquivo paroquial de Silves, Livro da despesa da renda do pé do altar que as Mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves, de 1699 a 1729, fl. 25 vº.

¹⁷⁷ Informação inédita cedida pelo investigador Marco Sousa Santos.

¹⁷⁸ LAMEIRA, 1987, p. 31.

¹⁷⁹ LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 184.

¹⁸⁰ Arquivo do cabido da sé de Faro, documento avulso.

Portimão¹⁸¹ (ver p. 195).

A quitação

Após o entalhe da escultura, a mesma era entregue ao cliente. Em situações normais, este processo terminava com um termo de quitação em que ambas as partes assinavam um documento, desobrigando-os de um contrato oral que os ligou durante algum tempo. Para exemplificar referimos a escritura de quitação, ocorrida a 30 de maio de 1753, em que o escultor farenses Francisco Xavier Guedelha passou a seguinte declaração: *recebi do muito reverendo senhor cônego Cristóvão Parker, fabriqueiro da santa sé, nove moedas de ouro que tanto importaram seis anjos que se fizeram para a dita sé e de como estou pago, recebi a dita quantia e passei o presente*¹⁸² (ver página anterior).

Atividades complementares

Após a execução do entalhe da escultura, as imagens eram complementadas pela pintura no século XVI e pelo estofamento e douramento nos séculos XVII e XVIII, tarefas realizadas por profissionais com diferente formação: os pintores-douradores. Por vezes, a sua intervenção era mais dispendiosa do que o feitiço da própria escultura.

Vejam os preços praticados na região algarvia pelo desempenho destas atividades, em diferentes épocas:

-Em 1712, os mesários da ordem terceira do Carmo, em Faro, quando receberam a imagem de Nossa Senhora do Carmo¹⁸³, encomendada em Lisboa, dispenderam pouco depois **38\$000 réis** que por ordem da mesa pagou ao pintor António Dias, de pintar e estofar (...) pondo o dito pintor tudo à sua conta¹⁸⁴.

-Em 1717, o pároco da Bordeira, então no termo de Lagos, paga **14\$400 réis** pelo estofado da nova imagem do orago, Nossa Senhora da Encarnação¹⁸⁵.

-Ainda em 1751, os descendentes do instituidor de uma capela



Bordeira. Nossa Senhora da Encarnação. 1717. Foto Ruy Ventura.

181 SIMÕES, 2005, pp. 169 e 171.

182 Arquivo do cabido da sé de Faro, documento avulso.

183 SANTA MARIA, 1721, p. 581.

184 Livro da receita e da despesa da ordem terceira do Carmo, de 1712 a 1809, fl. 92.

185 VENTURA, 2015, p.36.

privativa na referida igreja do Carmo, em Faro, da invocação de São Vicente Ferrer pagam 14\$400 réis: *três moedas de ouro, de 4\$800 réis cada, por estofar o Senhor São Vicente Ferrer e pouco depois pelas imagens dos nichos das ilhargas, 12\$000 réis, por estofar duas imagens, uma de Santo António e outra de Santa Maria Madalena de Pazzi, para o retábulo de São Vicente Ferrer*¹⁸⁶, cada uma por 6\$000 réis.

-Em 1769, 12\$400 réis por estofar a imagem de Nossa Senhora da Assunção, orago da igreja paroquial da Mexilhoeira Grande – Portimão¹⁸⁷ (ver p. 195).

-Em 1801, o mestre pintor José Ferreira da Rocha, sediado na cidade de Tavira, recebeu do cabido da sé de Faro, 56\$600 réis pela prata e pelo trabalho de pratear os quatro Evangelistas da capela-mor¹⁸⁸.

Também em relação aos valores cobrados pelos pintores-douradores forasteiros não é possível ter acesso a eles, pois as esculturas mandadas vir de fora, na maioria das situações, já vinham estofadas, registando-se na documentação somente o custo total da imagem. A título de exemplo mencionamos a escultura de Santo António, destinada à igreja paroquial de São Bartolomeu de Messines – Silves, *que se vê no seu altar*, em que a confraria homónima pagou *de se fazer e estofar 24\$000 réis*, acrescidos de 2\$880 réis *com o caixão em que veio o Santo e condução de Lisboa para a sua igreja*¹⁸⁹ (ver p. 75).

De anotar que na região algarvia a escultura mais cara foi Nossa Senhora da Conceição, orago da igreja paroquial de Monchique, adquirida em Lisboa, em 1765, pela elevada quantia de 60\$000 réis¹⁹⁰ (ver p. 194).

Vistoria

Depois de totalmente concluída a imagem e antes de se colocar no altar de determinado templo, procedia-se à sua vistoria, normalmente realizada pelo provisor do bispado ou seu representante, como se constata nas *Constituições do bispado do Al-*

186 LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 184.

187 SIMÕES, 2005, p. 171.

188 LAMEIRA, 1987, p. 36.

189 Livro da receita e despesa da confraria de Santo António de São Bartolomeu de Messines, de 1684-1788, p. 229.

190 Arquivo Paroquial de Monchique, Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Conceição de Monchique, 1765, fl. 44 v.º.

garve: mandamos que em nossas igrejas e ermidas deste nosso bispado ou outro lugar, ainda que seja isento, se não ponham imagens (...) sem primeiro serem vistas por nós ou por nosso provisor ou visitador ou pelos párocos que primeiro nos darão conta ou ao nosso provisor, aos quais encarregamos vejam e examinem se nas ditas imagens ou pinturas há alguma coisa indecente ou que de algum modo vá contra a tradição da Igreja ou sentido das Escrituras sagradas e sem este exame e licença, mandamos aos priores, vigários e curas com pena de vinte cruzados em que os havemos por condenados (...) não consintam em suas igrejas ou ermidas do seu distrito se ponham imagens algumas de novo e havendo algumas já pintadas e esculpidas, nas quais por imperícia dos oficiais ou por outra razão esteja pintada ou esculpida alguma coisa indecente, mandamos aos párocos que logo no lo façam a saber para que com conselho de pessoas doutas e pias as mandemos tirar dos altares ou emendar na forma que parecer (...) e por todos se saiba o que em matéria de tanta importância tem disposto e como nos encarrega a vigilância e cuidado neste particular e que nos dá faculdade para procedermos ainda contra os regulares que se delinquirem, excedendo o que nesta Constituição se ordena¹⁹¹.

No caso de algum prior deixar colocar imagens nos altares da igreja, sem a necessária vistoria, corria o risco de ter que as mandar substituir, caso não tivessem a perfeição necessária, como ocorreu na visitação do bispo D. Simão da Gama, em 1688, à igreja paroquial de São Brás de Alportel: *achamos que as imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santo António e São Luís não estão com a perfeição que convém, nem causam devoção alguma, por serem feitas com pouca atenção de quem as obrou e assim mandamos que, por conta das confrarias a que tocarem, se façam imagens novas e que as sobreditas se não usem depois das outras acabadas¹⁹².*

Bênção das imagens

Após a conclusão das diferentes etapas, era obrigatório benzer cada imagem, antes de ser colocada no altar, complementando-se esta cerimónia, por vezes, com procissões. Vejamos dois exemplos: *em 30 do mês de maio deste presente ano de 1716 se benzeram as duas imagens do Senhor Santo Alberto e Nossa Madre Santa Teresa de Jesus e as benzeu na sé desta cidade o reverendo cônego José de Frias e Costa, provedor deste bispado e foram colocadas no altar*



Santo Alberto. 1716. Igreja do Carmo, em Faro.

¹⁹¹ BARRETO II, 1674, p. 17.

¹⁹² DUARTE, 2015, pp. 131 e 132.

de Nossa Senhora do Rosário da mesma sé, até dia do Corpo de Deus, no qual de tarde foi toda a ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo buscá-las em procissão e nela vieram para a igreja de Nossa Senhora da Esperança e à bênção das ditas imagens assumiram o reverendo comissário e dois religiosos mais, carmelitas, como também muitos irmãos terceiros da nossa ordem¹⁹³. Em 1752, depois de o mestre entalhador Miguel Nobre, com oficina aberta na sede do bispado, ter executado a imagem de Nossa Senhora Mãe dos Homens, os religiosos do convento de São Francisco, em Faro, promoveram uma procissão no dia 23 de junho, tendo o cabido da sé emprestado capas e outras alfaias¹⁹⁴.

A renovação de imagens

Contrariamente aos retábulos, que eram renovados ou substituídos com alguma frequência, nomeadamente pelas entidades mais abastadas e esclarecidas, as imagens mantinham-se ao culto muito mais tempo, adquirindo algumas vezes o estatuto de milagrosas e como tal eram insubstituíveis. Interessante testemunho é a imagem quinhentista de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim, tida desde sempre em grande veneração, tendo sido renovada várias vezes, mas nunca substituída. Já nos princípios do século XVIII é referido *é muito grande a veneração em que aquele povo tem a esta milagrosa imagem da Rainha dos Mártires*¹⁹⁵. Nas *Memorias Paroquiais de 1758*, o pároco refere: *tem no arrabalde esta vila, dentro das muralhas, a ermida de Nossa Senhora dos Mártires, imagem milagrosa*¹⁹⁶. Ainda hoje se promove anualmente a procissão (ver. p. 16), com grande adesão dos fiéis, expondo a imagem os diversos fios e cordões de ouro doados à Senhora (ver p. 84).

As imagens eram então renovadas na sequência de algum acidente ou então passadas algumas ou mesmo muitas décadas, quando mostravam sinais de degradação da madeira ou da policromia, sendo constantes as recomendações dos visitantes para a obrigatoriedade de as renovar ou então de mandar fazer novas esculturas. São exemplos de ambas as situações, as inter-



Nossa Senhora dos Mártires. Finais do sec. XVI.
Igreja matriz de Castro Marim.

¹⁹³ LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 185 e 186.

¹⁹⁴ PINEIRO E ROSA, 1972, pp. 113.

¹⁹⁵ SANTA MARIA, 1716, p. 445.

¹⁹⁶ DICCIONARIO GEOGRÁFICO, 1758, p. 1504.

venções realizadas, respetivamente, na igreja da sé de Faro e na ermida então existente no interior do castelo de Paderne – Albufeira. A primeira situação ocorre na sede do bispado, na sequência do terramoto do ano anterior, tendo sido efetuada por dois profissionais: uma, em 1756, pelo mestre pintor José da Silva quando concertou *as mãos de Nossa Senhora da Assunção por 1\$200 réis, as mãos de São Miguel e dois anjos e encarná-los 1\$440 réis, o Santo Cristo e encarná-lo 2\$000 réis e o Santo Cristo do altar-mor 900 réis, custando tudo 5\$540 réis*¹⁹⁷. A outra, em 1763, pelo mestre entalhador António Ferreira de Araújo, tendo sido pago *pelo concerto dos anjos do altar-mor, trinta e um dias e meio a 300 réis cada*¹⁹⁸, executados poucos antes pelo seu colega Francisco Xavier Guedelha. Na visitação a Paderne – Albufeira, realizada a 30 de outubro de 1704, é dito que *a imagem da Senhora do Castelo está indecente, por haver muitos anos que naquela igreja assiste, sem reforma alguma (..) mandem fazer uma imagem nova com a mesma invocação ou mandem reformar a imagem que de presente está na dita igreja*¹⁹⁹. Na visitação seguinte, ocorrida a 17 de janeiro de 1711, volta a informar: *achei a Senhora do Castelo, pelos muitos anos, está indecente (...) mande vir uma imagem nova e encomendará se faça com toda a perfeição*²⁰⁰.

Algumas imagens quinhentistas foram sendo renovadas periodicamente, como ocorreu com a Nossa Senhora da Conceição, orago da igreja paroquial de Martinlongo – Alcoutim (ver p. 132): em 1607, mandada reformar a sua pintura; em 1661-1662, novamente encarnada; em 1754-1755, mais uma vez encarnada por 12\$000 réis²⁰¹.

Em determinadas circunstâncias, o visitador recomenda mesmo o local exato onde se deve mandar intervencionar a imagem, como se verifica na visitação à igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho – Olhão, em 1695, a propósito da imagem de Nossa Senhora da Conceição: *que se remeta a Lisboa para se reformar, encarnar e estofar*²⁰².



Nossa Senhora da Conceição. Cerca de 1695. Igreja da Misericórdia, em Moncarapacho.

197 LAMEIRA, 1987, p. 40.

198 LAMEIRA, 1987, p. 10.

199 Arquivo paroquial de Paderne, Livro das visitações da igreja de Nossa Senhora da Esperança de Paderne, de 1660 a 1831, fl. não numerado.

200 Idem, ibidem, fl. não numerado.

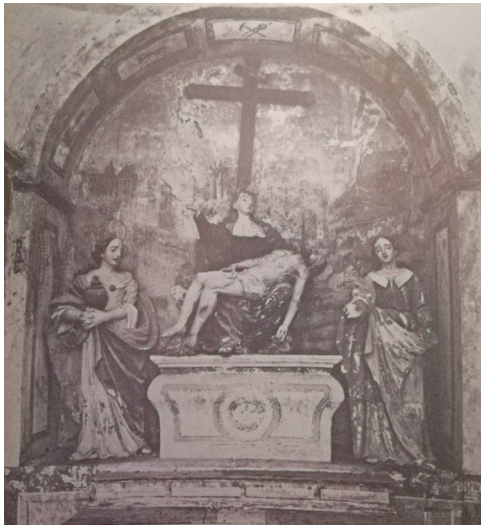
201 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 61.

202 Arquivo paroquial de Moncarapacho, Livro das visitações de Moncarapacho, de 1678 a 1820, 1695, fl. não numerado.

Ofícios mecânicos

Como ocorria na maior parte do país, também na diocese algarvia a mão-de-obra que esculpia as imagens para colocar nos altares era a mesma que entalhava os retábulos, tal como os pintores-douradores que encarnavam e estofavam as esculturas também desempenhavam idênticas funções nos retábulos. Todos eles eram mesteirais ou *mecânicos*, como então se dizia.

Como exceção mencionamos os religiosos de algumas congregações que tinham entre os seus membros profissionais que sabiam entalhar e esculpir imagens, satisfazendo sobretudo as necessidades da sua casa e pontualmente de outros clientes. Por exemplo, Pedro Dias refere que *a Companhia de Jesus devia ter os seus escultores próprios, pois para além de uma iconografia religiosa que obedecia a modelos bem definidos, há algo mais na imaginária retabular, um certo ar de família*²⁰³, sendo então provável que as esculturas outrora existentes nos colégios de Faro e de Portimão tenham sido executadas por escultores jesuítas de Lisboa. Consta que as religiosas bernardas do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, em Tavira, eram reconhecidas barristas²⁰⁴, podendo ser da sua autoria algumas esculturas existentes não só nesta cidade, mas também no Sotavento algarvio.



Retábulo com esculturas em terracota, proveniente do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, em Tavira.

Se excetuarmos alguns artistas oriundos de outras regiões, por exemplo o escultor italiano João Baptista Severino de Lisboa e o pintor António Dias, proveniente da cidade de Lisboa, eram os mestres algarvios, estabelecidos sobretudo na sede do bispado, os principais executantes das diversas imagens colocadas nos altares.

À semelhança e tomando por modelo o que se passava na capital do reino, os *mesteres* estavam estruturados em corporações de ofícios ou artes mecânicas. Cada ofício estava regulamentado por regimentos aprovados pelos municípios, servindo os de Lisboa de referência aos restantes²⁰⁵. Deste modo, ninguém deveria trabalhar numa profissão mecânica sem ser previamente examinado, obtendo, em caso de aprovação, uma carta passada pela edilidade. Nas visitas efetuadas nos princípios do século

²⁰³ DIAS, 1995, p. 153.

²⁰⁴ SANTOS, 2014, p. 193.

²⁰⁵ De referir que o primeiro Regimento dos ensambladores, entalhadores e imaginários de Lisboa remonta a 1549, tendo sido sucessivamente reformulado ao longo dos séculos seguintes (LANGHANS, 1945).

XVII, ainda era recomendado *não deem as ditas obras* (imagens e pinturas de retábulos) *a pintor, dourador, imaginário que não seja aprovado para isso pelo senhor bispo, sob pena de pagarem os custos delas de suas casas*²⁰⁶.

No Antigo Regime, a oficina ou loja constituía a principal unidade produtiva, sendo formada por um mestre, vários oficiais e normalmente um ou dois aprendizes. A sua dimensão variava conforme houvesse falta ou excesso de profissionais.

O mestre assumia os trabalhos e as respetivas responsabilidades, dirigia as tarefas de cada membro, pagava aos oficiais e ensinava os aprendizes. Em caso de incumprimento dos prazos chegava a ser preso.

Os oficiais eram os profissionais encartados, que já tinham feito exame e ficado aprovados. Quando quisessem, podiam abrir a sua oficina ou tenda, no entanto, na maioria das situações continuavam a trabalhar no local onde fizeram a aprendizagem.

Os aprendizes eram os principiantes e, durante quatro ou cinco anos, pagavam para aprender. Decorrido este tempo começam a receber semanalmente pequenos honorários. Quando se submetiam a exame e eram aprovados, passavam a oficiais.

Anualmente, entre todos os mestres residentes num determinado município, eram escolhidos dois deles, os juízes do ofício, para fazer cumprir os regulamentos, competindo-lhes examinar os aprendizes quando queriam passar a oficiais, participar na governação concelhia, designadamente no acompanhamento das posturas camarárias relativas aos mesteirais. Conforme mencionaremos adiante, no século XVIII, desempenharam cargos para a edilidade fareense os mestres Gaspar Martins e Miguel Nobre, filho.

Convém ainda referir que algumas imagens foram executadas por profissionais com menos perícia, sendo por esse motivo rejeitadas, como se verificou na igreja paroquial de São de Alportel, em 1688, como mencionámos anteriormente, quando o visitante, o próprio bispo D. Simão da Gama, mandou retirar dos altares da igreja *as imagens de Nossa Senhora da Conceição, Santo An-*

²⁰⁶ DUARTE, 2015, p. 60.

tónio e São Luís, por serem feitas com pouca atenção de quem as obrou (...) e que as sobreditas imagens se não usem depois das outras acabadas. Quatro anos depois, na visitação seguinte, a imagem antiga de São Luís ainda se conservava no altar, sendo que a sua indecência foi justa causa para sua ilustríssima mandar fazer outra, como com efeito se fez, muito perfeita e ao padre cura logo tire do altar a imagem antiga e a ponha aonde se não veja a imperícia do artista que a fez²⁰⁷. Ainda neste templo, mas em 1798, o bispo D. Francisco Gomes do Avelar refere que na ermida de São Sebastião há uma imagem de São Libório que necessita muito de ser novamente estofada pelo que mandamos que, com possível brevidade, se faça estofar e recomendamos que seja por oficial hábil que bem a estofe, para que não suceda cair-lhe logo o estofado, como temos visto em muitas outras imagens²⁰⁸.

Estrutura produtiva

Tendo em conta os profissionais que identificámos, é possível ter uma ideia, ainda que parcial, do número e da localização das oficinas que executaram esculturas para a diocese algarvia. As mais antigas referências documentais remontam ao segundo quartel do século XVI, ocasião em que na cidade de Tavira, então o maior centro urbano da região, se encontra sediada a oficina de Nicolau Juzarte. A partir desse momento vão surgindo mestres entalhadores/escultores noutras localidades algarvias (Lagos, Loulé, Monchique e Faro, tornando-se esta última cidade, a partir da sua elevação a sede do bispado, o local mais atrativo para se fixarem as oficinas com maior reputação. Excetuamos, em determinados períodos, alguns barristas, cuja identidade se desconhece. Para além das religiosas cistercienses do mosteiro de Nossa Senhora da Piedade, em Tavira, é provável que em certos conventos franciscanos, designadamente no de Monchique, alguns frades praticassem esta modalidade.

No entanto, a clientela mais esclarecida e abastada recorria com relativa frequência a artistas estabelecidos na cidade de Lisboa, passando somente os mestres residentes na região algarvia a desempenhar um papel bastante mais ativo na primeira metade

207 DUARTE, 2015, pp. 131, 132 e 133.

208 DUARTE, 2015, p. 228.

de Setecentos.

Independentemente da formação e dos locais da sua habitual residência, apresentamos, de seguida, por ordem alfabética, os dados recolhidos ²⁰⁹.

António de Caminha (antes de 1708)

Escultor natural de Aveiro, que emigrou para o Brasil, onde tomou o *hábito de terceiro de São Francisco*, no Rio de Janeiro e aí fazia *vida de penitente e eremítica*. *Era, por arte ou por curiosidade e génio natural, insigne escultor e tudo o que obrava era com muita singularidade (...) desejava fazer uma imagem sua de grande perfeição para a trazer a Portugal, para onde desejava voltar (...) porém o mais certo é que o mesmo ermitão obrou a imagem da Senhora da Glória e na fábrica dela gastou anos e se alguém o ajudou, foi um filho seu, clérigo, que também era muito curioso em a mesma arte da escultura*. Em 1708, nas praias de Lagos, na sequência de um naufrágio, *veio um caixão em que vinha a imagem da Senhora, que custando muito o haver de embarcá-la no Rio de Janeiro, nas praias de Lagos bastaram só dois homens para a tirar, sendo tão grande e tão pesada e quatro para a levarem ao convento e veio sem padecer a menor lesão (...) e nele a colocaram em seu altar-mor (...) mandaram-lhe fabricar uma nobilíssima tribuna na mesma capela-mor, onde se vê com muita majestade e veneração*²¹⁰. Ainda subsiste, mas na capela-mor da igreja paroquial de São Sebastião desta cidade (ver p. 162).

António Ferreira de Araújo (1763)

Mestre entalhador e escultor com oficina aberta na cidade de Faro. Em 1763 trabalhou para a igreja da sé, em Faro, tendo então executado o *concerto dos anjos do altar-mor, trinta e um dias e meio a 300 réis cada*²¹¹. De anotar que os referidos anjos tinham sido esculpidos, poucos antes, pelo seu colega Francisco Xavier Guedelha (ver p. 88) e ficado danificados no terramoto de 1755.

Custódio de Mesquita (1699 - 1727)

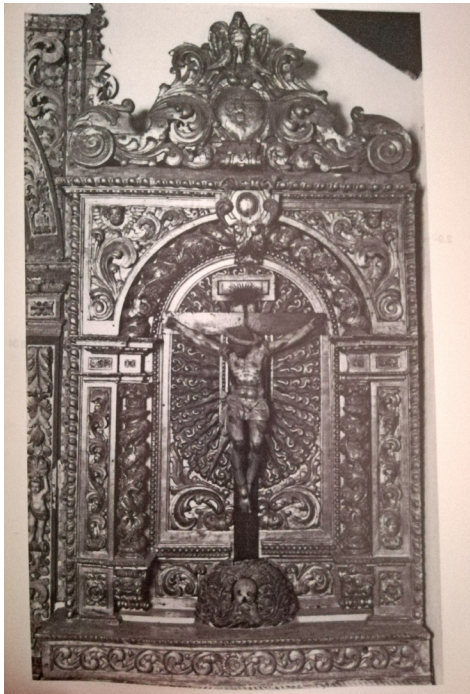
Mestre entalhador e escultor *natural de Painzela, arcebispado de Braga*. *Contraí matrimónio*, na cidade de Faro, na freguesia de São Pedro, em 1699²¹², onde fixa a sua oficina. Em 1709, reside em Monchique, executando vários trabalhos, não só no Barlavento al-

²⁰⁹ As datas apontadas entre parênteses curvos, à frente do nome de cada artista, correspondem à primeira e à última obra do referido profissional, mas somente na região em estudo, indicando-se o ano do falecimento, quando temos conhecimento.

²¹⁰ SANTA MARIA, 1716, pp. 447 a 453.

²¹¹ LAMEIRA, 1987, p. 10.

²¹² Informação cedida pelo investigador Marco Sousa Santos.



Retábulo colateral, na igreja paroquial da Bordeira. 1727. Custódio de Mesquita.



Santa Clara. Meados do sec. XVIII. Dâmaso Franco (?). Igreja de São Francisco, em Faro.

garvio, mas também no Sudoeste alentejano.

Em 1727, entalha dois retábulos colaterais na igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, na Bordeira - Aljezur²¹³, devendo ter realizado também a imagem do Senhor Crucificado, orago de um dos altares colaterais.

Por afinidades formais com esta última escultura, atribuímos a Custódio de Mesquita a imagem do Senhor Crucificado, padroeiro de um retábulo colateral na igreja paroquial de Nossa Senhora da Encarnação, na Raposeira - Vila do Bispo.

Dâmaso Franco (1754 - f. 1761)

Mestre entalhador, escultor e debuxador com oficina aberta na cidade de Faro. Pertenceu à ordem terceira de São Francisco, onde executa, em 1754, os quatro retábulos gémeos do transepto deste templo. Remodelou parte desta obra, após o terramoto do ano seguinte²¹⁴, tendo provavelmente executado algumas das imagens dos oragos, nomeadamente Santa Isabel de Portugal e Santa Clara.

Diogo Pires, Velho e Moço (finais do sec. XV - início do XVI)

Escultores com oficina aberta em Coimbra, nos finais do século XV, princípios do XVI, provavelmente pai e filho. Por afinidades com obras da sua autoria, atribuímos respetivamente a estes profissionais duas esculturas de pedra: Nossa Senhora da Conceição, na sé, em Silves (ver p. 119) e o Arcanjo São Gabriel, atualmente na igreja paroquial de Castro Marim (ver p. 124).

Domingos Madeira (1742 - 1768)

Mestre entalhador e escultor com oficina aberta na cidade de Faro. Pertenceu à confraria das Almas, na igreja matriz de São Pedro e à venerável ordem terceira de Nossa Senhora do Monte do Carmo²¹⁵.

A 25 de outubro de 1742, de parceria com o seu colega de profissão, Miguel Nobre, também morador na cidade de Faro, compromete-se com os mesários da irmandade das Almas, na igreja matriz de Santa Maria, em Lagos, a fazer um retábulo para a sua capela, assim como uma imagem de São Miguel²¹⁶ (ver p. 177).

²¹³ VENTURA, 2015, p. 17.

²¹⁴ LAMEIRA, 2000, p. 325.

²¹⁵ LAMEIRA, 1987, p. 25.

²¹⁶ Arquivo Distrital de Faro, *Livro de Notas do tabelião de Lagos*, António Guerra, 1742.

Feliciano José Lopes Correia (1809)

Escultor com oficina aberta na cidade de Lisboa. Era afilhado de casamento de Machado de Castro²¹⁷. Na opinião de Ruy Ventura, é possível ter executado, em 1809, a imagem de Nossa Senhora d'Alva²¹⁸, padroeira da matriz de Aljezur (ver p. 207).

Francisco de Ataíde e Fonseca (1747)

Mestre entalhador e escultor, morador na cidade de Faro. Pertenceu à ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo²¹⁹, tendo sido escolhido, em 1738, pela vereação da Câmara *para cobrar o rol dos quatro e meio por cento da freguesia da sé*²²⁰. Foi responsável pela formação seu filho Diogo Tavares e Ataíde, prestigiado mestre canteiro e debuxador.

Em 1724, quando trabalha na obra da tribuna da capela de Nossa Senhora do Rosário, na igreja da sé, em Faro²²¹, é possível ter executado os dois anjos tocheiros, então colocados nas ilhargas da imagem do orago.

No dia 21 de agosto de 1747, assume com os mordomos das confrarias de Nossa Senhora das Dores e de Nossa Senhora da Conceição a feitura de um retábulo para o altar de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo – Tavira, incluindo *a Senhora da Conceição, imagem nova, com a melhor perfeição da sua arte e três serafins aos pés e sem banquetas*²²² (ver p. 182).

Francisco Martins Xavier (1743)

Mestre entalhador e escultor morador na cidade de Faro. Quando casou na igreja matriz de São Pedro, foram testemunhas os reputados mestres Manuel Martins e seu irmão Gaspar Martins. Pertenceu à confraria das Almas, na igreja matriz da sua residência, à irmandade da Misericórdia e à ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo²²³. Foi responsável pela formação do seu filho e continuador da sua oficina, Manuel Francisco Xavier.

A 16 de fevereiro de 1743, ajusta com o juiz da irmandade das



Anjo Tocheiro. Cerca de 1724.
Francisco de Ataíde (?).
Igreja da sé, em Faro.

217 VENTURA, 2021, p. 960.

218 VENTURA, 2021, p. 960.

219 LAMEIRA, 1987, p. 11.

220 SANTANA, 2018, p. 63.

221 LAMEIRA, 1987, p. 11.

222 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 239 e 240.

223 LAMEIRA, 1987, p. 43.

Almas, na igreja matriz de Portimão a feitura de um retábulo para a sua capela, assim como *mais duas imagens, uma do Senhor Crucificado, outra de São Miguel Arcangelo*²²⁴, subsistindo somente esta última (ver p. 178).

Francisco Xavier Guedelha (1741- f. 1773)

Mestre entalhador e escultor residente na cidade de Faro. Aprendeu a profissão na oficina do reputado mestre Manuel Martins, tendo assinado o testamento deste último, *por ele testador não ser capaz de o fazer com a sua própria mão*²²⁵. Conjuntamente com Tomé da Costa, genro do referido Manuel Martins, deu continuidade à sua oficina de entalhe e escultura. Em 1741 tornou-se irmão da confraria das Almas na igreja matriz de São Pedro, tendo nela exercido várias funções: escrivão em 1753 e deputado em 1764, 1769 e 1770²²⁶.

A 20 de fevereiro de 1751, de parceria com o seu colega Tomé da Costa, passa um recibo declarando que se encontram pagos da quantia *de três moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma* por terem executado a imagem, já inexistente, de São Vicente Ferrer, orago de uma das capelas laterais da igreja do Carmo, em Faro. Por sua vez, a 3 de novembro de 1753, estes dois profissionais declaram ter recebido 18\$000 réis pela execução de mais duas imagens para o mesmo retábulo: Santo António (ver p. 190) e Santa Maria Madalena de Pazzi²²⁷ (ver p. 70).

Em 1753 recebe *do cônego Cristóvão Parker nove moedas de ouro da quantia de 4\$800, que tanto importaram seis anjos que se fizeram para a sé*, em Faro²²⁸ (ver p. 88).

Em 1754, de parceria com Tomé da Costa, assume a feitura dos dois retábulos colaterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Faro²²⁹, devendo ter executado duas imagens que ainda aí se encontram: o Senhor Preso e o busto do Senhor Jesus das Recolhidas (ver p. 113).

Atribuímos à oficina dirigida por este profissional de parceria com Tomé da Costa, as seguintes imagens: São Sebastião, na ermida homónima, em Faro; Santo António, na igreja paroquial



Santo António de Lisboa. Cerca de 1751.
Igreja paroquial do Algoz.

224 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 229 e 230.

225 LAMEIRA, 2000, p. 396.

226 LAMEIRA, 1987, p. 22.

227 LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 183.

228 LAMEIRA, 1987, p. 22.

229 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 169 a 171.

do Algoz – Silves e dois anjos tocheiros, na ermida de Nossa Senhora da Boa Hora, nos arredores de Loulé.

Gabriel Domingues da Costa (1705 - f. 1721)

Mestre entalhador originário do bispado do Porto, mas com tenda aberta na cidade de Faro a partir dos meados do século XVII, onde *tem, em sua casa, oficiais que sempre estão obrando*. Pertenceu à irmandade da Santa Casa da Misericórdia, à ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo e foi familiar do Santo Ofício a partir de 1692, referindo uma das testemunhas inquiridas que só voltou à sua terra natal *vindo em romaria a Santiago da Galiza*²³⁰.

Em 1705, de parceria com António Rodrigues Mendes, assumiu a feitura de um retábulo para a capela de Nossa Senhora da Conceição, na igreja conventual de São Francisco, em Tavira²³¹, sendo provavelmente da sua autoria a imagem do orago (ver p. 161).

Gaspar Martins (1709 - f. 1746)

Reputado mestre entalhador, escultor e debuxador residente em Faro, na então Rua dos Capuchos. Aprendeu a profissão na oficina do seu cunhado, o italiano João Baptista Severino, morador nesta cidade desde 1683. Em 1712, toma o hábito da ordem terceira do Carmo, em Faro, tendo sido eleito em 1719 *vigário do culto divino*. Pertenceu ainda à confraria do Santíssimo da igreja matriz de São Pedro. De referir que em 1723, foi nomeado pela rainha D. Mariana, na qualidade de donatária do termo de Faro, para tesoureiro do concelho.

Em 1709, recebe dos responsáveis da igreja da sé, em Silves *oito moedas novas* pela execução da escultura de Nossa Senhora da Conceição²³² (ver p. 163).

No ano seguinte executa a imagem de São Libório para a igreja paroquial de São Brás de Alportel²³³ (ver p. 164).

No dia 21 do mês de janeiro de 1726, ajusta com os mesários da irmandade das Almas da igreja paroquial de São Martinho, em Estoi, a feitura do retábulo e de duas imagens, a de São Gregório e a de Santa Bárbara, já inexistentes, pela modesta quantia de



Brasão setecentista da cidade de Faro.
Foto Marco Lopes.

²³⁰ Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitação do Santo Ofício*, maço 2, nº 13, 1692, fl. 15.

²³¹ LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 50 a 253.

²³² Arquivo paroquial de Silves, *Livro da despesa da renda do pé do altar que as Mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves*, de 1699 a 1729, fl. 25 vº.

²³³ Informação inédita cedida pelo investigador Marco Sousa Santos.



São Roque. Cerca de 1740. Gaspar Martins (?).
Igreja paroquial de Santiago, em Tavira.

75\$000 réis. Têm sido atribuídas a este profissional duas esculturas ainda existentes neste templo, o Arcanjo São Miguel e o Anjo da Guarda (ver p. 18), seguramente destinadas ao referido retábulo²³⁴.

No dia 30 de julho de 1730, assume com mesários da ordem terceira do Carmo de Tavira a feitura do retábulo para a sua capela, sita na igreja conventual dos eremitas de São Paulo, pela quantia de 240\$000 réis. Nesta escritura comprometia-se também *a fazer à sua custa duas imagens, uma de Santo Elias e outra de Santa Teresa, que tenham três palmos cada uma*²³⁵, só subsistindo esta última. Atribuímos a este profissional mais duas imagens existentes neste retábulo: Nossa Senhora do Carmo e um santo Papa.

Em 1740, ajusta com os responsáveis do regimento de infantaria de Faro a execução do retábulo da ermida de São Roque, então situada na Rua da Sapataria, tendo muito provavelmente executado a imagem do orago. Na segunda metade de Setecentos, com a transferência do dito regimento para Tavira e dos equipamentos religiosos que administrava, a ermida deixou de funcionar, tendo sido vendida em hasta pública em 1803. A referida escultura de São Roque pode corresponder à que se encontra na igreja paroquial de Santiago, em Tavira.

Após o seu falecimento, numa escritura de ajuste de contas celebrada, a 12 de junho de 1747, entre a viúva deste profissional e o mestre João Baptista, é referida a *obra de Alcantarilha, que o dito seu marido ficou devendo 20\$000 réis*. Pensamos tratar-se do retábulo-mor da igreja da Misericórdia desta localidade, sendo possível que as representações escultóricas de São Francisco e da rainha Santa Isabel (ver p. 38), existentes neste exemplar possam também ser da autoria.

Atribuímos a este profissional as seguintes esculturas: em Faro, na igreja do Carmo: São João Baptista (ver p. 176), São José (ver p. 68) e dois anjos tocheiros, na sé: São Brás e na matriz de São Pedro: o Anjo da Guarda. Na igreja paroquial da Mexilhoeira Grande: São Guilherme. Na ermida de São João de Deus, em Monchique: Santa Teresa. Na igreja paroquial de Salir: São Luís.



São Guilherme. Dec. de 1740.
Igreja paroquial da Mexilhoeira Grande.

²³⁴ RIO JOÃO, 2021, p. 261.

²³⁵ LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 255 a 257.

João Amado (1709 - f. 1772²³⁶)

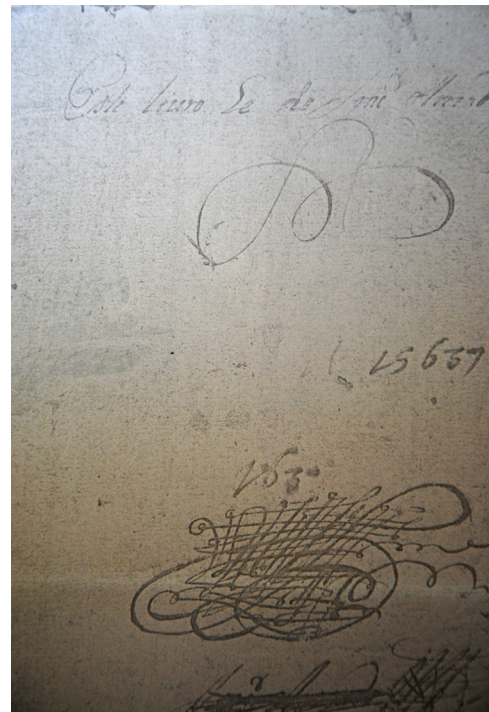
Mestre entalhador, escultor e debuxador, inicialmente com oficina aberta em Faro, na Rua de São Francisco. É provável que tenha aprendido o ofício com João Batista Severino, italiano que se estabeleceu nesta cidade na década de 1680. Casou na igreja da sé com Maria da Costa e pouco depois nasceram os filhos. Em 1709, um deles tem por padrinho o reputado mestre entalhador Gaspar Martins²³⁷. A partir de 1729 fixa-se em Loulé, primeiro às *Portas do Céu*, depois na *Fonte dos Canos*. Pertenceu à confraria de Nossa Senhora da Luz, na igreja matriz de São Clemente, chegando a desempenhar as funções de *recebedor*. Manteve, no entanto, estreitas relações pessoais e/ou profissionais na cidade de Faro, onde se inscreveu como irmão na ordem terceira de São Francisco, em 1754²³⁸.

Em 1729, adquiriu um exemplar da *Regla de las cinco ordenes de arquitectura* de Jácome Vignola, publicado em Madrid em 1693²³⁹. Na primeira página deste livro, existente na Biblioteca Municipal de Faro, surge a seguinte inscrição manuscrita: *Este livro é de João Amado*²⁴⁰. Deu continuidade à sua oficina o filho João da Costa Amado, também sediado em Loulé.

A 30 de dezembro de 1730, assume a feitura do retábulo-mor da igreja paroquial de São Clemente, em Loulé, assim como dois santos: São Clemente (ver p. 55) e São Pedro²⁴¹ (ver p. 172). É possível executado para a tribuna dois anjos tocheiros ainda subsistentes.

No dia 19 de junho de 1738, compromete-se com os mesários da confraria de Nossa Senhora da Luz, em Loulé, a executar o retábulo para a sua capela, assim como *três imagens: Jesus, Maria e José, as quais são de boa estatura*²⁴². Nada subsiste desta intervenção.

Em 1739, ajusta o entalhe do retábulo de uma capela lateral, da invocação de São Brás, na matriz de São Clemente, em Loulé²⁴³,



Página do tratado de Jácome Vignola, autografada pelo mestre entalhador João Amado.

236 Informação inédita cedida pelo investigador Manuel Costa, seu descendente.

237 LAMEIRA, 1987, pp. 9 e 26.

238 VALENÇA, 1997 - 1998, p. 112.

239 LAMEIRA, 1987, pp. 9 e 45.

240 Esta assinatura corresponde à que assinou no Livro das Devassas de 1711, quando ainda morava na cidade de Faro, onde foi inquirido pelo bispo do Algarve, D. António Pereira da Silva (LAMEIRA, 1987, p.45).

241 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 199 e 200.

242 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 205 a 209.

243 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 201 a 203.



São Pedro. Dec. de 1730. João Amado (?).
Igreja paroquial do Ameixial.
Museu Municipal de Loulé-Stills Fotografia.



Nossa Senhora do Rosário. Finais do sec. XVII.
Igreja paroquial de Pêra.

tendo feito provavelmente a escultura do orago.

Por afinidades com as esculturas atrás mencionadas de São Clemente e de São Pedro, atribuímos a este profissional diversas imagens, existentes nas seguintes igrejas paroquiais: **São Pedro**, no Ameixial, em Querença, em Santa Catarina da Fonte do Bispo, em Moncarapacho (ver p. 78), em Albufeira, em Vaqueiros e em Budens. **São Luís**, nas ermidas de Nossa Senhora da Conceição e de Nossa Senhora da Boa Hora e no Ameixial, todas no concelho de Loulé e na ermida homónima, em Faro. **São Brás**, no Alportel e **São Martinho**, em Estoi (ver p. 79).

João Baptista Severino (1683 - f. cerca de 1724)

Mestre entalhador, escultor e debuxador, de nacionalidade italiana, mas com oficina aberta na cidade de Faro desde 1682, data em que faleceu um colega seu, Gaspar Cavalheiro, *natural de Malines, Reino da Flandres*²⁴⁴, que o deixou por herdeiro e testamenteiro. Pertenceu à confraria das Almas na igreja matriz de São Pedro²⁴⁵. Foi responsável pela formação de dois dos irmãos da sua mulher, Manuel Martins e Gaspar Martins.

Em 1705, concertou a imagem de Nossa Senhora da Conceição, orago de uma das capelas da igreja da sé, em Faro, tendo recebido por esta tarefa 4\$500 réis²⁴⁶.

Atribuímos a este profissional a autoria da imagem de Nossa Senhora do Amparo, na igreja paroquial do Ameixial (ver p. 159) e por algumas afinidades com esta última escultura, Nossa Senhora do Carmo e da Conceição, respetivamente, na igreja paroquial e na igreja da Misericórdia, em Moncarapacho, Nossa Senhora da Conceição: em São Brás de Alportel, na ermida de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Loulé e na igreja paroquial da Mexilhoeira Grande e finalmente Nossa Senhora do Rosário na igreja paroquial de Pêra.

João da Costa Amado (1769 - f. 1772²⁴⁷)

Mestre entalhador e escultor residente em Loulé. Era filho do anteriormente mencionado João Amado, tendo dado continuidade à sua oficina.

²⁴⁴ Informação inédita cedida pelo investigador José Cabecinha.

²⁴⁵ LAMEIRA, 1987, p. 12.

²⁴⁶ LAMEIRA, 1987, p. 12.

²⁴⁷ Informação inédita cedida pelo investigador Manuel Costa, seu descendente.

Em 1769, concluiu a execução do retábulo de Nossa Senhora da Graça, na igreja paroquial da Mexilhoeira Grande²⁴⁸, sendo eventualmente da sua autoria a imagem do orago deste templo, Nossa Senhora da Assunção (ver p. 195).

João de Cristo (1796)

Mestre entalhador e escultor com oficina aberta *na corte e cidade de Lisboa, na Rua dos Mouros, no Bairro Alto*. Em 1796, ajusta a feitura do já inexistente retábulo-mor da igreja da sé de Silves de acordo com *um risco que se acha rubricado por Francisco Fabri, arquiteto régio, o qual o dito reverendo prior e mais beneficiados elegeram para fiscalizar a sua execução (...) a dita obra a haviam ajustado com beneplácito do excelentíssimo senhor bispo deste Algarve não só por letras, mas vocalmente*²⁴⁹.

Atendendo à proximidade deste profissional com o arquiteto Francisco Xavier Fabri, é possível ser da sua autoria a escultura de São Sebastião (ver p. 71), encomendada pelo prior de Martinlongo, em 1791- 1792²⁵⁰, por intermédio do então bispo do Algarve, D. Francisco Gomes do Avelar.

Joaquim José de Barros Laborão (década de 1780 - f. 1820)

Mestre escultor com oficina aberta em Lisboa, a partir dos meados da década de 1780, junto ao Paço da Rainha. Em 1793, integra a irmandade de São Lucas²⁵¹.

Atendendo a algumas afinidades formais, atribuímos a este profissional duas esculturas: a de Nossa Senhora da Conceição, orago da igreja matriz de Santa Maria, em Tavira (ver p. 204) e a de Santa Justa (ver p. 203), na freguesia de Martinlongo, esta última executada em 1792 - 1793²⁵².

Joaquim Machado de Castro (cerca de 1777 - f. 1822)

Natural de Coimbra, era filho do mestre entalhador e escultor Manuel Machado, com quem iniciou a aprendizagem. Muito jovem, veio para Lisboa, onde foi discípulo do escultor José de Almeida e, em 1756, já em Mafra do italiano Alessandro Giusti, onde permanece até 1771. É nomeado escultor da Casa

248 SIMÕES, 2005, p. 86.

249 LAMEIRA, 2000, pp. 414 e 415.

250 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 63.

251 SALDANHA, 2017, p. 2.

252 LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 85.



Gravura representando Joaquim Machado de Castro.
Fonte BARREIRA, 1905, p. 517.

Real e Obras Públicas, em 1782 e cinco anos mais dirigiu *As Aulas Públicas do Desenho do Nu*. Foi ainda agraciado com o Hábito de Cristo²⁵³.

É possível atribuir-lhe a autoria da imagem de Nossa Senhora da Encarnação, padroeira da igreja matriz de Vila Real de Santo António (ver p. 196), executada por volta de 1777²⁵⁴, a de Nossa Senhora da Luz (ver p. 206), orago da igreja paroquial de Lagoa²⁵⁵, eventualmente nos primeiros anos do século XIX, ocasião em que se executa o retábulo-mor e Santa Ana e a Virgem, na igreja matriz de São Pedro, em Faro (ver contracapa).

José da Costa (1794)

Mestre entalhador, escultor e debuxador com oficina aberta em Faro, na freguesia de São Pedro. Em 1773, recebe dos mesários da ordem terceira do Carmo, desta cidade, 1\$600 réis por preparar a imagem de Nossa Senhora e pôr olhos de cristal²⁵⁶.

Em 1794, trabalha para a confraria das Almas, na igreja matriz de São Pedro, em Faro, tendo então concertado o Anjo São Miguel, o Anjo da Guarda e o Menino e pôs olhos de cristal em todos, por 4\$800 réis. De anotar que os referidos olhos foram mandados buscar a Lisboa, tendo custado 1\$220 réis²⁵⁷.

Nos princípios do século XIX, é provável ter executado o retábulo do Senhor Jesus, na igreja da sé, em Silves, incluindo as imagens do Senhor Crucificado (ver p. 205), de Nossa Senhora das Dores e de São João Evangelista, estas última de roca.

Por afinidades com a referida escultura do Senhor Crucificado de Silves, atribuímos a autoria da imagem idêntica existente na matriz de São Pedro, em Faro, local para onde trabalhou em várias ocasiões.

José Pedro da Cruz Leiria (1876 - 1905)

Santeiro, natural de Faro. Aprendeu a trabalhar a madeira e o barro em Lisboa, onde teve oficina aberta, transferindo-se depois para a cidade de Faro.

Segundo o jornal *Distrito de Faro*, de 16 de março de 1905,

253 MACHADO, 1823, pp. 212 a 214.

254 HORTA CORREIA, 1997, pp. 180 a 183.

255 FERREIRA DE ALMEIDA, 1974, p. 306.

256 Faro, Arquivo da ordem terceira do Carmo, *Livro da despesa*, de 1770 a 1809, 1773-1774, fl. 26 v.º.

257 LAMEIRA, 1987, p. 16.

Parte de trás de uma escultura de barro contendo a assinatura de José Pedro da Cruz Leiria e o cronograma 1876.



entre outras obras fez a imagem de São José, em madeira, ainda subsistente num dos retábulos laterais da igreja paroquial de Porches - Lagoa.

Ainda neste ano de 1905, restaurou a imagem de Nossa Senhora do Pé da Cruz (ver p. 157), na cidade de Faro, conforme inscrição existente na parte detrás desta escultura.

Manuel Francisco Xavier (1757 - 1779)

Reputado mestre entalhador, escultor, debuxador e empreiteiro²⁵⁸, morador na cidade de Faro. Aprendeu a profissão na oficina do seu pai, Francisco Martins Xavier, à qual deu continuidade. Pertenceu à confraria das Almas, onde desempenhou o cargo de *deputado* nos anos de 1788 e 1790 e à do Santíssimo Sacramento, ambas na igreja matriz de São Pedro²⁵⁹.

Em 1770, assume a feitura de cinco retábulos na igreja matriz de Lagoa²⁶⁰, incluindo eventualmente o do Senhor Crucificado e a imagem do orago.

Em 1775, conclui o entalhe do retábulo de Santa Efigénia, atualmente de São Simão Stock, tendo provavelmente executado a atual escultura do orago (ver p. 21), assim como as imagens de São João da Cruz e Santo Ângelo (ver p. 29).

Em 1779, ajusta a feitura do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Olhão, devendo ser da sua autoria a escultura do orago²⁶¹.

Neste templo, a 14 de abril de 1784, assume várias obras: o revestimento em talha do arco triunfal, duas urnas para os retábulos colaterais e três pequenas imagens de Cristo Crucificado²⁶², subsistindo somente duas.

Atribuímos a este profissional a autoria das seguintes esculturas: na igreja paroquial de Olhão: o Senhor Crucificado (ver p. 200) e Nossa Senhora da Boa Morte; e mais dois Senhores Crucificados, um na igreja matriz de Vila Real de Santo António e o outro na ermida de Santa Ana, em Albufeira.



São João da Cruz. Meados do sec. XVIII. Igreja do Carmo, em Faro.



Nossa Senhora da Conceição. 1779. Igreja matriz de Olhão.

²⁵⁸ Em 1760, assumiu a profunda reconstrução da igreja matriz de São Pedro, bastante danificada pelo terramoto de 1755 e em 1769, a construção das torres da igreja paroquial de Estômbar, obra que desistirá pouco depois (LAMEIRA, 2000, p. 327).

²⁵⁹ LAMEIRA, 1987, p. 12.

²⁶⁰ LAMEIRA, 2000, p. 327.

²⁶¹ LAMEIRA, 2000, p. 315.

²⁶² LAMEIRA, 2000, p. 328.

Manuel Martins (1718 - f. 1742)

Reputado mestre entalhador, debuxador e *escultor famoso*, residente em Faro, na Rua dos Capuchos. Tal como o seu irmão, o anteriormente referido Gaspar Martins, aprendeu a profissão na oficina do seu cunhado, o italiano João Baptista Severino, residente nesta cidade desde 1683. Gaspar Martins, denunciou-o em 1705, na devassa²⁶³ promovida pelo distinto bispo do Algarve D. António Pereira da Silva: *disse que na Rua do Forno de Luís Álvares mora Catarina de Belém, casada com Gaspar dos Reis, soldado, o qual é parente dele testemunha, em cuja casa entra seu irmão, dele testemunha, Manuel Martins, com alguma frequência, sendo primo segundo do dito Gaspar dos Reis e se murmura na vizinhança desta entrada por ser muito repetida, como ele testemunha também, o que dá algum escândalo e pede a Sua Ilustríssima ponha nisso emenda.*

À semelhança da maior parte dos oficiais *mecânicos* ou *mesteirais* residentes na freguesia de São Pedro, integra-se na confraria das Almas desta igreja matriz, em 1721²⁶⁴.

Em 1718 e 1719 executa três retábulos, o mor e dois colaterais, na igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Portimão, tendo nesta ocasião provavelmente executado a imagem de Nossa Senhora do Carmo existente neste templo.

A 17 de fevereiro de 1721, compromete-se a entalhar o retábulo-mor da igreja matriz de Portimão e *assim mais três imagens, a saber, uma de São Pedro, outra de São Paulo e outra de Nossa Senhora da Conceição, sendo esta de altura de sete palmos e a mesma nos ditos santos*²⁶⁵. Esta escritura não se realizou, pois, uma nova foi celebrada um mês depois com um outro mestre.

No dia 28 de dezembro de 1724, assume com o prefeito do colégio da Companhia de Jesus, em Faro, a fazer um retábulo com arco, pela modesta quantia de 140\$000 réis, comprometendo-se a *dar a dita obra feita e acabada e posta na dita capela até ao fim do mês de outubro deste presente ano que embora vier de 1725. De entre as condições exigidas referimos também será obrigado a fazer duas imagens de quatro palmos e meio cada uma que convém, a saber, uma de*



Nossa Senhora do Carmo. Dec. de 1720.
Manuel Martins (?). Igreja do extinto colégio,
em Portimão, atualmente da Misericórdia.
Foto Marco Pedro.

²⁶³ Inquirição de testemunhas sobre o comportamento dos fiéis e do clero de uma determinada freguesia, que decorriam com alguma frequência.

²⁶⁴ LAMEIRA, 1987, p. 27.

²⁶⁵ LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 224 a 226.

*São Francisco de Bórgia e outra do beato São Francisco de Regis, com suas peanhas para se colocarem nos dois nichos colaterais da mesma capela*²⁶⁶. Apesar de não subsistirem estas duas imagens, atribuímos a autoria da escultura de Santa Bárbara (ver p. 168), orago desta capela, atualmente existente na vizinha matriz de São Pedro.

A 14 de novembro de 1732, contrata com o juiz da confraria de Nossa Senhora do Pé da Cruz, em Faro, o reverendo arcediogo de Tavira, a feitura de *um trono de madeira para a Senhora do Pé da Cruz* (ver p. 157) *ser nele colocado e posto em sua igreja, (...) com declaração que os quatro anjos que constar no dito risco e debuxo, os dois que estão à boca da tribuna serão de quatro palmos de altura, fora a peanha e os dois que estão ao pé da Senhora serão à medida e proporção da dita obra e para as velas que há de levar o dito trono fará vinte meios corpos à imitação de uns que estão n capela da Senhora dos Prazeres da santa sé*²⁶⁷. Estes quatro anjos ainda existem, dois deles parcialmente adulterados por um restauro, subsistindo somente quatro dos referidos meios corpos (ver p. 52).

A 20 de agosto de 1735, ajusta o entalhe do grandioso retábulo-mor da igreja da ordem terceira do Carmo, em Faro. As quatro esculturas de vulto perfeito, que estão incorporadas nos tramos laterais deste retábulo parecem-nos ser da autoria de Manuel Martins: São Dionísio (ver p. 86) e São Telésforo no corpo superior e Santo Elias (ver p. 171) e Santo Eliseu (ver p. 50) no corpo inferior, devendo estas últimas corresponder às que foram doadas, em 1729, por um irmão da ordem terceira²⁶⁸.

No seu testamento, realizado em 1742, pouco antes de falecer, *deixa de esmola ao Senhor Nazareno do colégio da Companhia de Jesus cinco mil réis para ajuda do seu custo*, escultura que será realizada, por volta de 1744, pelo seu colega Miguel Nobre, como veremos adiante.

Por afinidades com algumas das suas, atribuímos a este mestre as seguintes esculturas:



São Telésforo. 1741. Manuel Martins (?).
Igreja do Carmo, em Faro.
Foto Marco Pedro.

266 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 163 a 165.

267 LAMEIRA, 2000, p. 388.

268 Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo, de 1714 a 1822*, 1729, fl. 16.



Santa Eufémia. Segundo quartel do sec. XVIII.
Manuel Martins (?).
Igreja paroquial de São Brás de Alportel.

-Na igreja paroquial do Algoz: Santa Bárbara e Santa Luzia. Na igreja paroquial de Alte: São Francisco e São Vicente Ferrer. Na igreja paroquial de Cacela: Nossa Senhora do Carmo (ver p. 170). No Museu Municipal de Lagos: São José (ver p. 183) e Santa Bárbara. Na ermida de Nossa Senhora do Pilar, em Loulé: uma santa não identificada. Na igreja paroquial de Moncarapacho: o Senhor Morto (ver p. 173). Na igreja paroquial de Santa Barbara de Nexe: a imagem do orago. Na igreja paroquial de São Brás de Alportel: Santa Eufémia. Em Tavira, na igreja da Misericórdia: a Virgem e a sua prima Santa Isabel (ver p. 166) e na igreja matriz de Santiago: Nossa Senhora do Rosário (ver p. 67). Na igreja paroquial de Vaqueiros –Alcoutim: dois Anjos tocheiros (ver p. 174). Na igreja matriz de Vila do Bispo: Nossa Senhora do Carmo.

Manuel Vieira (1765)

Reputado mestre escultor, natural do Porto, mas com oficina aberta em Lisboa, na Calçada de Santo André, desde 1755 e com atividade documentada até 1788²⁶⁹.

Atribuímos a este profissional a escultura de Nossa Senhora da Conceição, na igreja paroquial de Monchique, adquirida em Lisboa em 1765 e que custou a elevada quantia de 60\$000 réis²⁷⁰ (ver p. 194).

Miguel Nobre (1742 - f. 1752)

Mestre entalhador, escultor e debuxador com oficina aberta em Faro. Pertenceu à confraria das Almas, na igreja matriz de São Pedro²⁷¹ e à ordem terceira de São Francisco²⁷². Foi responsável pela formação do seu filho e continuador, também chamado Miguel Nobre.

A 25 de outubro de 1742, de parceria com o seu colega de profissão, Domingos Madeira, também morador, na cidade de Faro, compromete-se com os mesários da irmandade das Almas, na igreja matriz de Santa Maria, em Lagos, a fazer um retábulo para a sua capela, assim como uma imagem, ainda subsistente, de São Miguel²⁷³ (ver p. 177).

²⁶⁹ MENDES, 2017, p. 14.

²⁷⁰ Arquivo Paroquial de Monchique, *Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Conceição de Monchique*, 1765, fl. 44 v.º.

²⁷¹ LAMEIRA, 1987, p. 31.

²⁷² Arquivo Distrital de Faro, Livro de Notas do tabelião de Faro, *José da Silva Ribeiro e Costa*, 1752, fls. 73 v. e 74.

²⁷³ Arquivo Distrital de Faro, *Livro de Notas do tabelião de Lagos*, António Guerra, 1742.

Em 1743, por encomenda da ordem terceira de São Francisco, em Faro, executa a imagem de roca de Nossa Senhora das Dores, pela quantia de 2\$400 réis e, em 1751, a de Nossa Senhora Mãe dos Homens para a capela do convento, por 14\$400 réis²⁷⁴. Enquanto a primeira escultura ainda subsiste num dos retábulos do cruzeiro da igreja, desconhece-se o paradeiro da segunda.

No dia 21 de abril de 1744, assume com os mesários da irmandade do Senhor dos Passos, da igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Faro, a feitura de um retábulo para a sua capela²⁷⁵. É muito provável que tenha executado também a imagem de roca do orago (ver p. 81), atualmente na vizinha matriz de São Pedro, para a feitura da qual o escultor Manuel Martins deixou de esmola no seu testamento 5\$000 réis, conforme mencionámos antes.

Em 1745, encontra-se a executar o retábulo da ermida de Nossa Senhora da Conceição, em Loulé²⁷⁶, tendo provavelmente realizado as imagens de São Miguel e do Anjo da Guarda (ver p. 181).

Atribuímos a este profissional as seguintes esculturas: três Arcanjos São Miguel: um na igreja paroquial de Alcantarilha, outro na de Paderne (ver p. 184) e o terceiro na da Mexilhoeira Grande. O Anjo da Guarda, na igreja paroquial de Santa Bárbara de Nexe. Nossa Senhora da Boa Morte, na igreja paroquial no Algoz e Santa Bárbara, na ermida de Nossa Senhora do Carmo, em Alcantarilha.

Miguel Nobre (1752 - 1796)

Mestre entalhador e escultor com oficina aberta em Faro. Pertenceu à irmandade da Misericórdia e às confrarias do Santíssimo e das Almas na freguesia de São Pedro, tendo nesta última exercido as funções de *deputado*, *escrivão* e *juiz*. Foi ainda irmão da ordem terceira do Carmo. Como resultado do seu prestígio, chegou a desempenhar funções na Câmara desta ci-



Anjo da Guarda. Cerca de 1745. Miguel Nobre (?). Igreja paroquial de Santa Bárbara de Nexe.

274 LAMEIRA, 1987, p. 31.

275 LAMEIRA, 2001 - 2002, pp. 166 a 168.

276 LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 210.

dade²⁷⁷.

Da sua obra como escultor, somente temos conhecimento que, em 1771, recebeu 1\$200 réis dos mesários da ordem terceira de São Francisco, em Faro, *por uma peanha para Santa Isabel*²⁷⁸, imagem existente num dos retábulos do transepto da igreja.

Por afinidades com algumas imagens do Arcanjo São Miguel que o seu pai e mestre executava, atribuímos a da igreja paroquial do Algoz – Silves e a de Lagoa, ambas denotando já alguma graciosidade.

Nicolau Juzarte (década de 1540)

Mestre entalhador natural de Tavira e muito provavelmente com oficina aberta nesta cidade na década de 1540. Em 1542, deslocou-se a Sevilha, onde de parceria com Nufro de Ortega, se comprometeu a executar o grandioso retábulo-mor, ainda subsistente, da igreja paroquial de Santana, no bairro de Triana²⁷⁹. À semelhança do seu conterrâneo, o mestre pedreiro e escultor André Pilarte, deve ter feito a aprendizagem na cidade de Lisboa.

Atribuímos a Nicolau Juzarte dois retábulos tavirenses, ambos inexistentes: o da capela-mor da igreja da Misericórdia e o da capela de Jesus, incluindo as esculturas de Cristo Crucificado, Nossa Senhora e de São João, na igreja matriz de Santa Maria. De realçar que este último exemplar é assim descrito em 1554: *feito de novo (...) andam por baixo dele como o altar da Conceição de Lisboa*²⁸⁰.

Pedro Alves (1669)

O único dado que dispomos deste imaginário remonta a 1669, ocasião em que recebeu dos mesários da prestigiada irmandade da Misericórdia, de Faro, 20\$500 pelas imagens que fez para esta Casa²⁸¹.

Tomé da Costa (1751 - f. 1756)

Mestre entalhador, escultor e debuxador com oficina aberta em Faro. Pertenceu à confraria do Santíssimo, na igreja matriz de São Pedro e à ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo²⁸².



São Miguel Arcanjo.
Terceiro quartel do sec. XVIII.
Igreja paroquial do Algoz.

277 LAMEIRA, 1987, pp. 31 e 32.

278 LAMEIRA, 1987, p. 32.

279 PALOMERO PÁRAMO, 1983, pp. 122 a 124.

280 LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 77.

281 LAMEIRA, 1987, p. 19.

282 LAMEIRA, 1987, p. 17.

Aprendeu a profissão na oficina do sogro, o reputado mestre Manuel Martins.

A 20 de fevereiro de 1751, de parceria com o já referido Francisco Xavier Guedelha, passa um recibo declarando que se encontram pagos da quantia *de três moedas de ouro de 4\$800 réis cada uma* por terem executado a imagem, já inexistente, de São Vicente Ferrer, orago de uma das capelas laterais da igreja do Carmo. Por sua vez, a 3 de novembro de 1753, estes dois profissionais declaram ter recebido 18\$000 réis pela execução de mais duas imagens para o mesmo retábulo: Santo António (ver p. 190) e Santa Maria Madalena de Pazzi²⁸³ (ver p. 70).

Em 1754, de parceria com o referido Francisco Xavier Guedelha, assume a feitura dos dois retábulos colaterais da igreja da Santa Casa da Misericórdia, em Faro²⁸⁴, devendo ter executado duas imagens que ainda aí se encontram: o Senhor Preso e o busto do Senhor Jesus das Recolhidas.

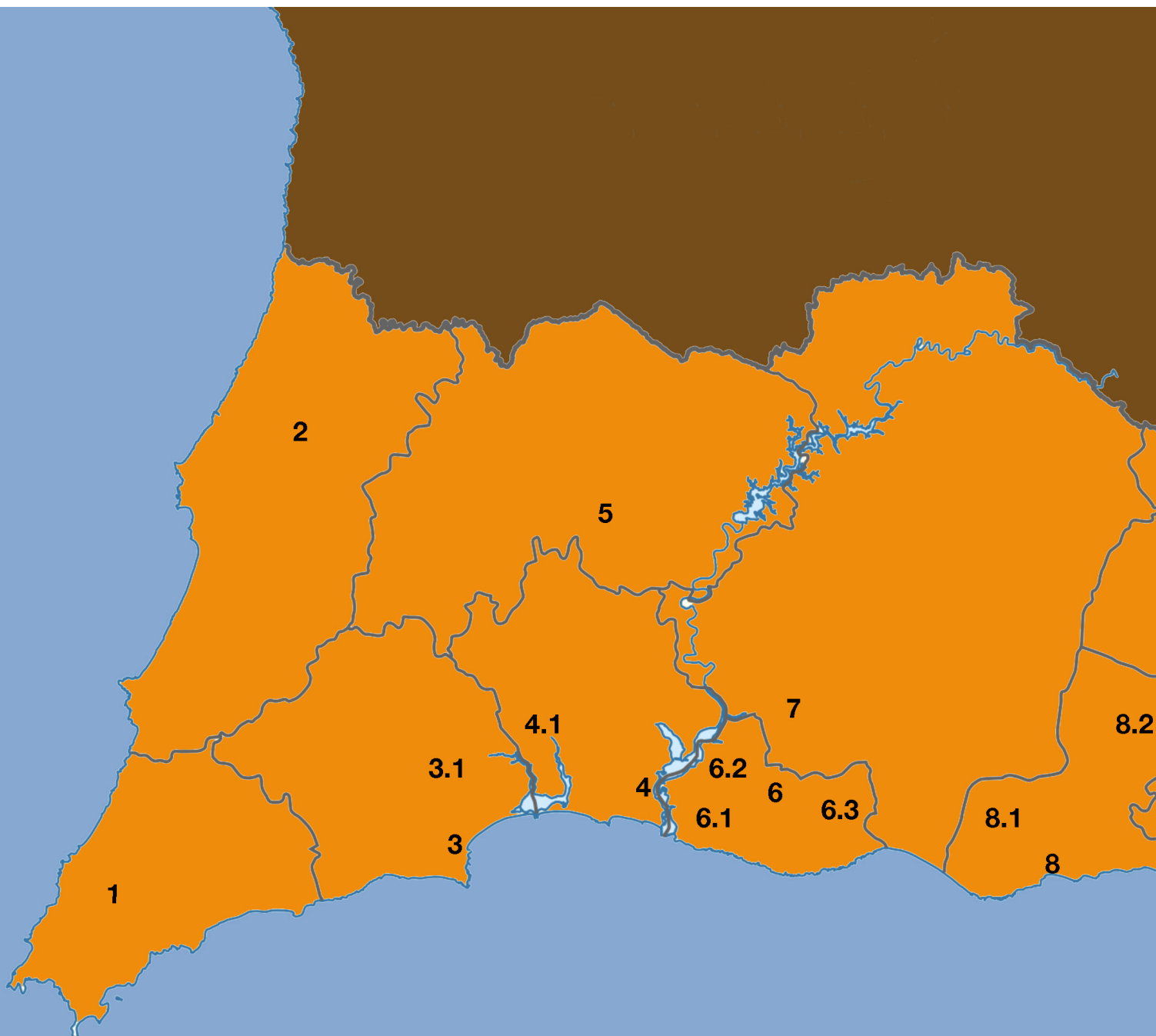
Atribuímos à oficina dirigida por este profissional, de parceria com Francisco Xavier Guedelha, as seguintes esculturas: São Sebastião, na ermida homónima, em Faro. Santo António: na igreja paroquial de Nossa Senhora da Piedade, no Algoz (ver p. 100) e dois anjos tocheiros, na ermida de Nossa Senhora da Boa Hora, nos arredores de Loulé.



Senhor Jesus das Recolhidas. Cerca de 1754. Igreja da Misericórdia, em Faro.

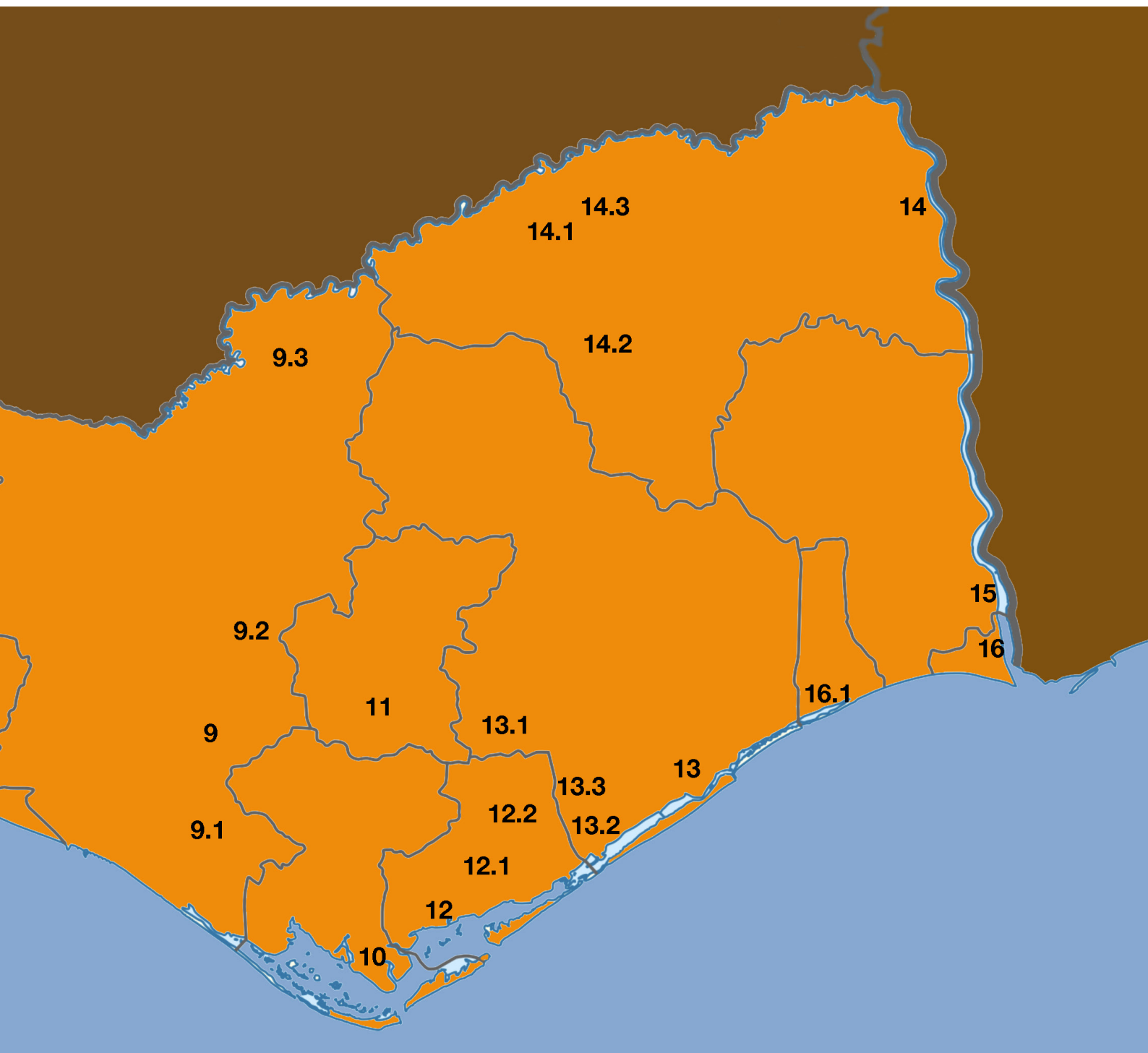
283 LAMEIRA, 2001-2002, p. 183.

284 LAMEIRA, 2001-2002, pp. 169 a 171.



MAPA DE LOCALIZAÇÃO DAS ESCULTURAS SELECIONADAS

- 1- Vila do Bispo
- 2 - Aljezur
- 3 - Lagos
- 3.1 - Odiáxere
- 4-Portimão
- 4.1-Mexilhoeira Grande
- 5-Monchique
- 6-Lagoa
- 6.1-Ferragudo
- 6.2-Estômbar
- 6.3-Porches
- 7- Silves
- 8-Albufeira
- 8.1-Guia
- 8.2-Paderne



- 9-Loulé
- 9.1-Almancil
- 9.2-Querença
- 9.3-Ameixial
- 10-Faro
- 11-São Brás de Alportel
- 12-Olhão
- 12.1-Quelfes
- 12.2-Moncarapacho
- 13-Tavira
- 13.1-Santa Catarina da Fonte do Bispo
- 13.2-Luz de Tavira
- 13.3-Santo Estevão
- 14-Alcoutim
- 14.1-Martilongo
- 14.2-Vaqueiros
- 14.3-Giões
- 15-Castro Marim
- 16-Vila Real de Santo António
- 16.1-Cacela



Pormenor do retábulo de Nossa Senhora da Conceição, em Loulé. 1745. Museu Municipal de Loulé-Stills Fotografia.

Catálogo das esculturas selecionadas



Pormento do Arcanjo São Gabriel. Igreja matriz de Castro Marim. Foto Cátia Pereira.



Santa Ana e a Virgem. Proveniente de uma igreja de Tavira. Escultura de meio relevo, de alabastro (93 x 38 cm). Século XV: importada da Inglaterra, eventualmente de uma oficina de Nottingham. Foto Museu Municipal de Faro.



Nossa Senhora da Conceição. Altar lateral da igreja da sé, em Silves. Escultura de pedra policromada (160 x 62 cm).
Finais do século XV: eventualmente Diogo Pires-o-Velho, com oficina aberta em Coimbra.
Foto Jorge Correia - Município de Silves.



São Sebastião. Orago de uma ermida, nos arredores de Moncarapacho - Olhão, atualmente no Museu paroquial. Escultura de madeira estofada (90 x 26 cm).
Finais do século XV: eventualmente executada na região.
Foto Martina del Rio.



Nossa Senhora da Orada. Altar-mor da ermida de Nossa Senhora da Orada, nos arredores de Albufeira. Escultura de madeira estofada e policromada (107 x 40 cm).
Finais do século XV: eventualmente importada de Lisboa.
Foto Paróquia de Albufeira.



Nossa Senhora da Luz. Orago da igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz de Tavira.
Escultura de madeira estofada e policromada (52 x 19 cm).
Finais do século XV, princípios do XVI: autoria desconhecida.



Nossa Senhora da Piedade. Altar lateral, na igreja conventual dos Capuchos, em Tavira, proveniente da capela-mor vizinha igreja monástica de Nossa Senhora da Piedade. Escultura de madeira estofada e policromada (126 x 94 cm).
 Finais do século XV, princípios do XVI: importada da Flandres, eventualmente de uma oficina de Antuérpia.
 Foto Diogo Sousa.



Archanjo São Gabriel. Primitivo altar-mor da ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim.

Escultura de pedra com vestígios de policromada (132 x 44 cm).

Antes de 1518, sendo então referenciada nas Visitações da Ordem de Santiago (CAVACO, 1987, p. 32): eventualmente Diogo Pires-o-Moço, com oficina aberta em Coimbra.

Foto Cátia Pereira.



Nossa Senhora da Relíquia. Altar-mor da ermida de Nossa Senhora da Relíquia, na freguesia de Giões - Alcoutim, atualmente na igreja paroquial. Escultura de madeira estofada e policromada (72 x 27 cm). Princípios do século XVI: autoria desconhecida.
Foto José Bernardo Carvalho.



Nossa Senhora com o Menino. Altar lateral da igreja paroquial de Santo Estevão – Tavira, originária da vizinha igreja paroquial de Moncarapacho. Escultura de madeira estofada e policromada (38 x 15 cm).
Princípios do século XVI: importada da Flandres, eventualmente de uma oficina de Malines.
Foto Martina del Rio.



Nossa Senhora da Consolação. Primitivo retábulo-mor da igreja de Nossa Senhora da Conceição, em Alcoutim. Escultura de madeira estofada e policromada (74 x 26 cm). Antes de 1518, sendo referenciada nas Visitações da Ordem de Santiago, de 1518 (CAVACO, 1987, p. 45). Eventualmente importada de Lisboa.
Foto Fernando Dias - Município de Alcoutim.



São Sebastião. Igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ferragudo, proveniente da ermida de São Sebastião, em Estômbar (REIS, 2017, p. 145). Escultura de madeira estofada e pintada (84 x 24 cm). Primeiras décadas do século XVI: autoria desconhecida. Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.



Nossa Senhora com Menino. Antigo retábulo-mor da igreja matriz de Santa Maria, em Tavira, atualmente na igreja conventual dos eremitas de São Paulo. Escultura de madeira estofada e policromada (112 x 40 cm). Muito provavelmente importada da Flandres. Pouco antes de 1534, quando é referenciada nas *Visitações da Ordem de Santiago* (CAVACO, 1987, p. 160).



São Brás. Capela-mor da igreja paroquial de São Brás de Alportel, atualmente no Museu do Traje. Escultura de barro com vestígios de policromia (84 x 37 cm). Pouco antes de 1534 (DUARTE, 2015, p. 30). Eventualmente importada de Lisboa. Foto Museu do Traje de São Brás de Alportel.



São Pedro. Igreja matriz de Nossa Senhora da Conceição, em Portimão, proveniente da destruída ermida de São Pedro. Escultura de pedra, exceto a mão direita, de madeira, resultante de acréscimo posterior (80 x 35 cm). Segundo quartel do século XVI: muito provavelmente importada de Lisboa. Foto padre Mário Sousa – paróquia de Portimão.



Nossa Senhora da Conceição. Primitivo retábulo-mor da igreja paroquial de Martinlongo – Alcoutim.

Escultura de madeira estofada e policromada (121 x 40 cm).

Pouco antes de 1554, sendo então referenciada nas Visitações da Ordem de Santiago (LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 116).

Autoria desconhecida.

Foto Raquel Martins.



Nossa Senhora com o Menino. Antigo retábulo-mor da igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Querença - Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (138 x 45 cm). Pouco antes de 1554, sendo então referenciada nas *Visitações da Ordem de Santiago* (LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 103). Autoria desconhecida.



Nossa Senhora. Capela lateral, na ermida de Nossa Senhora dos Mártires, em Castro Marim.

Escultura de madeira estofada e policromada (130 x 40 cm).

Pouco antes de 1554, sendo então referenciada nas *Visitações da Ordem de Santiago* (LAMEIRA e RODRIGUES, 1988, p. 42).
Eventualmente importada de Lisboa.

Foto Cátia Pereira.



Nossa Senhora da Conceição. Orago da igreja matriz de Vila do Bispo. Escultura de madeira estofada e policromada (138 x 45 cm). Cerca de 1554 (algum tempo depois da elevação a sede da freguesia). Autoria desconhecida.



Nossa Senhora com o Menino. Igreja paroquial de Nossa Senhora d'Alva, em Aljezur. Escultura de madeira estofada e policromada. Pouco antes de 1565 (MARTINS e CABANITA), 2001 - 2002, p. 259).
Foto Ruy Ventura.



Nossa Senhora, a Virgem e o Menino. Orago da ermida de Santa Ana, em Loulé, atualmente no Museu Municipal. Escultura de madeira estofada e policromada (130 x 40 cm). Pouco antes de 1565 (MARTINS e CABANITA, 2001 - 2002, p. 248). Eventualmente importada de Lisboa. Museu Municipal de Loulé - Stills Fotografia.



São Sebastião. Altar-mor da ermida de São Sebastião, em Aljezur, atualmente na igreja paroquial.

Escultura de madeira estofada e policromada (93 x 46 cm).

Pouco depois de 1566, quando é mandado executar na Visitação da Ordem de Santiago (MARTINS e CABANITA), 2001 - 2002, p. 264).



Salvador. Primitivo altar-mor da igreja matriz do Salvador, em Alcoutim. Escultura de madeira estofada e policromada (60 x 30 cm). Pouco depois de 1566, data em que a igreja está praticamente concluída, não sendo ainda referenciada na Visitação da Ordem de Santiago, em 1566.
Foto Fernando Dias - Município de Alcoutim.



Nossa Senhora do Rosário. Orago de altar lateral, na igreja paroquial de Santo Estevão - Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (60 x 25 cm). Terceiro quartel do século XVI. Eventualmente importada de Lisboa. Foto Martina del Rio.



Senhor Crucificado. Altar lateral na igreja paroquial de São Sebastião, em Lagos.
Escultura de madeira estofada e policromada (183 x 154 cm). Consta ter acompanhado os portugueses a Alcácer Quibir (FERREIRA DE ALMEIDA, 1976, p. 307).
Terceiro quartel do século XVI. Eventualmente importada de Lisboa.
Foto Maria Fernandes - Paróquia de São Sebastião de Lagos.



Nossa Senhora com o Menino. Igreja do extinto convento da Graça, em Loulé, atualmente na igreja da Misericórdia. Escultura de alabastro com vestígios de douramento (42 X 16 cm).
Finais do século XVI: importada de Itália (SANTA MARIA, 1721, p. 587).
Museu Municipal de Loulé - Stills Fotografia.



Nossa Senhora com o Menino. Altar-mor da ermida de Nossa Senhora da Rocha, na freguesia de Porches – Lagoa, atualmente na igreja paroquial. Escultura de madeira estofada e policromada (115 x 34 cm).
Finais do século XVI: eventualmente importada de Lisboa.
Foto Ismael Medeiros – Município de Lagoa.



Nossa Senhora com o Menino. Altar lateral na igreja conventual de Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (144 x 46 cm).
Finais do século XVI, princípios do XVII: eventualmente importada de Lisboa.
Foto Elvira Gonçalves - ordem terceira de São Francisco de Tavira.



São Domingos. Igreja conventual de Nossa Senhora da Graça (SANTANA, 2006, p. 154), atualmente na igreja dos eremitas de São Paulo, em Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (98 x 40 cm). Princípios do século XVII: eventualmente importada de Lisboa. Foto Município de Tavira



São Lourenço. Primitivo retábulo-mor da igreja de São Lourenço, em Almancil. Escultura de madeira estofada e policromada (104 x 40 cm). Segundo quartel do século XVII: eventualmente importada de Lisboa. Foto Marco Pedro.



São Domingos. Orago de um altar lateral, na igreja da sé, em Faro. Escultura de madeira estofada e policromada (140 x 56 cm). Cerca de 1634 (data em que era reitor da sé, o instituidor da capela: Domingos Pereira da Silva); eventualmente importada de Lisboa. Foto Maria del Rio.



Nossa Senhora do Desterro. Primitivo retábulo-mor da igreja conventual de Nossa Senhora do Desterro, em Monchique, atualmente na ermida de São Sebastião. Escultura de madeira estofada e policromada (100 x 46 e 52 x 30 cm).

Década de 1630: eventualmente importada de Lisboa.

Foto José Gonçalo Silva - Junta de Freguesia de Monchique.



Nossa Senhora da Guia. Orago da ermida de Nossa Senhora, na Guia - Albufeira.
Escultura de madeira estofada e policromada (42 x 22 cm)
Anos de 1640, pouco mais ou menos (SANTA MARIA, 1716, p. 400).
Foto Dinis Nascimento - Junta da Freguesia da Guia.



Senhor Crucificado. Retábulo-mor da igreja paroquial de Santiago, em Estômbar - Lagoa. Escultura de marfim (54 x 42 cm), a de maiores dimensões no Algarve. O resplendor de prata é muito posterior. Meados do século XVII: eventualmente adquirida na região de Goa. Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.



São Crispiniano. Altar de São Crispim e São Crispiniano, na igreja matriz de Santa Maria, em Tavira, atualmente na igreja conventual dos eremitas de São Paulo. Escultura de madeira estofada e policromada (100 x 34 cm)
Meados do século XVII: modesto entalhador da região.



São Roque. Retábulo de Nossa Senhora da Conceição, na igreja da sé, em Faro. Escultura estofada e policromada (64 x 30 cm). Meados do século XVII: eventualmente importada de Lisboa. Foto Maria del Rio.



Nossa Senhora da Encarnação. Orago de um retábulo lateral, na extinta igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Faro, atualmente na matriz de São Pedro. Escultura de madeira estofada e policromada (92 x 33 cm).

Meados do século XVII: eventualmente importada de Lisboa.

Foto Maria del Rio.



Nossa Senhora do Rosário. Orago de um retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Monchique. Escultura de madeira estofada e policromada (92 x 38 cm). Meados do século XVII: eventualmente importada de Lisboa. Foto José Gonçalo Silva - Junta de Freguesia de Monchique.



Arcanjo São Miguel. Altar das Benditas Almas do Purgatório, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Odiáxere – Lagos. Escultura de madeira estofada e policromada (59 x 35 cm). Meados do século XVII: eventualmente executada na região algarvia. Foto diácono Nuno Francisco – Paróquia de Odiáxere.



Nossa Senhora das Ondas. Orago de um retábulo lateral na igreja de São Pedro Gonçalves Temo, em Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (64 x 25 cm). 1659: data em que foi encontrada na praia pelos pescadores (SANTA MARIA, 1716, p. 426).



Nossa Senhora da Piedade e trono em talha, na ermida do Pé da Cruz, em Faro. Escultura de madeira estofada e policromada (155 x 140 cm) Terceiro quartel do século XVII (SANTA MARIA, 1716, pp. 373), 1732: trono em talha - Manuel Martins (LAMEIRA, 2000, p. 388). Foto Marco Pedro.



Senhor Morto. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Albufeira. Escultura de madeira estofada e policromada (146 x 52 cm). Terceiro quartel do século XVII: eventualmente executada por um mestre entalhador algarvio. Foto Santa Casa da Misericórdia de Albufeira.



Nossa Senhora do Amparo. Primitivo retábulo-mor da igreja paroquial de Santo António, no Ameixial – Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (114 x 50 cm).
Finais do século XVII: eventualmente João Baptista Severino, mestre italiano com oficina aberta em Faro. Museu Municipal de Loulé - Stills Fotografia.



Santa Catarina. Orago de um altar lateral, na igreja paroquial de São Sebastião de Quelfes – Olhão. Escultura de madeira estofada e policromada (42 x 20 cm).
Finais do século XVII: eventualmente executada por um mestre com oficina aberta na cidade de Faro.
Foto Martina del Rio.



Nossa Senhora da Conceição. Orago de um retábulo lateral, na igreja conventual de São Francisco, em Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (77 x 32 cm).

Cerca de 1705: data de ajuste notarial do retábulo (LAMEIRA, 2000 - 2001, pp. 250 a 252); eventualmente executada por Gabriel Domingues da Costa, morador na cidade de Faro.

Foto Elvira Gonçalves - Ordem terceira de São Francisco de Tavira.



Nossa Senhora da Glória. Retábulo-mor da destruída igreja dos Capuchos, em Lagos, atualmente na igreja paroquial de São Sebastião. Escultura de madeira, encarnada e policromada (206 x 74 cm). Pouco antes de 1708: António de Caminha, morador no Rio de Janeiro (SANTA MARIA, 1716, pp. 449 e 451). Foto Maria Fernandes - Paróquia de São Sebastião de Lagos.



Nossa Senhora da Conceição. Igreja da sé, em Silves. Escultura de madeira, encarnada e policromada (52 x 24 cm). 1709: Gaspar Martins, mestre com oficina aberta na cidade de Faro (LAMEIRA e del RIO JOÃO, 2022, 98). Foto Jorge Correia - Município de Silves.



São Libório. Igreja paroquial de São Brás de Alportel. Escultura de madeira, encarnada e policromada (81 x 38 cm).
1710: Gaspar Martins - Gaspar Martins, mestre com oficina aberta na cidade de Faro.
Foto Martina del Rio.



São José e a Virgem Maria. Retábulo lateral, na igreja de São José do Hospital, em Tavira. Imagens de roca ou vestir. A imagem de Nossa Senhora tem uma cruz de ouro e um anel de diamantes e coroa de prata (PINTO e PINTO, 1968, p. 106). Pouco antes de 1721: ocasião em que ocorreu o milagre, tendo São José suado três vezes (VASCONCELOS, 1937, p. 240).



Visitação. Retábulo-mor da igreja da Misericórdia, em Tavira. Grupo escultórico de madeira estofada e policromada (116 x 52 cm). Cerca de 1722: data em que é executado o retábulo (ANICA, 1983, p. 56) - provavelmente Manuel Martins, *insigne escultor* com oficina aberta em Faro. Foto Marco Pedro.



Nossa Senhora da Boa Morte. Retábulo das Almas, na igreja matriz de São Pedro, em Faro. Escultura de roca ou de vestir, encarnada e policromada (153 x 36 cm). Cerca de 1724: eventualmente Manuel Martins, que então executa o retábulo (LAMEIRA, 2001-2002, 157). Foto Marco Pedro.



Santa Bárbara. Orago de um retábulo lateral, na extinta igreja do colégio da Companhia de Jesus, em Faro, atualmente na matriz de São Pedro. Escultura de madeira estofada e policromada (108 x 56 cm).

Cerca de 1724: eventualmente Manuel Martins, que então executa o retábulo (LAMEIRA, 2001-2002, 163).

Foto Marco Pedro.



Santa Efigénia. Retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Luz, em Lagoa. Escultura de madeira estofada e policromada (60 x 35 cm). Depois de 1724: mestre com oficina aberta em Faro. Foto Inácio Gravanita.



Nossa Senhora do Carmo. Anterior retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, em Cacela – Vila Real de Santo António. Escultura de madeira estofada e policromada (100 x 38 cm).

Depois de 1724 (ano em que é executada para a ordem terceira do Carmo, em Faro, a imagem processional que lhe serviu de modelo): muito provavelmente Manuel Martins, *insigne escultor* com oficina aberta em Faro.

Foto Marco Pedro.



Santo Elias. Retábulo-mor da igreja do Carmo, em Faro. Escultura de madeira estofada e policromada (148 x 66 cm). 1729: ano em que foi doada por um irmão da ordem terceira - Manuel Martins (?). 1770: o cabido da sé doa a casa de prata. Foto Marco Pedro.



São Pedro. Retábulo-mor da igreja paroquial de São Clemente, em Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (130 x 60 cm). 1730: João Amado, mestre entalhador então com oficina aberta em Loulé, que também assume a feitura do retábulo e da imagem de São Clemente (LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 199). Foto Museu Municipal de Loulé.



Senhor Morto. Antigo altar do Espírito Santo, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Graça, em Moncarapacho – Olhão. Escultura de madeira estofada e policromada (160 x 48 cm).
Década de 1730: provavelmente executada por Manuel Martins, *insigne escultor* com oficina aberta em Faro.



Anjos tocheiros. Igreja paroquial de São Pedro, em Vaqueiros - Alcoutim. Esculturas de madeira estofada e policromada (62 x 35 cm). Cerca de 1740: provavelmente executadas por Manuel Martins, *insigne escultor* com oficina aberta em Faro. Foto Marco Pedro



Menino Jesus. Altar do Santíssimo Coração de Jesus, na igreja conventual de São Francisco, em Tavira. Escultura de madeira, de vestir, estofada e policromada (70 x 30 cm). Cerca de 1740: provavelmente executada por Manuel Martins, *insigne escultor* com oficina aberta em Faro. Foto Elvira Gonçalves – Ordem terceira de São Francisco de Tavira.



São João Baptista. Sacrário do retábulo-mor da igreja da ordem terceira do Carmo, em Faro.

Escultura de madeira estofada e policromada (62 x 26 cm).

1741: data em que foi estofada por Clemente Velho de Sarre (LAMEIRA, 2001 -2002, p. 177), tendo sido eventualmente esculpida por Gaspar Martins, mestre com oficina aberta em Faro.

Foto Marco Pedro.



Arcanjo São Miguel. Primitivo retábulo das Almas, na igreja matriz de Santa Maria de Lagos. Escultura de madeira estofada e policromada (116 x 64 cm).
1742: Miguel Nobre e Domingos Madeira, moradores na cidade de Faro.
Foto Maria Fernandes - Paróquia de São Sebastião de Lagos.



Arcanjo São Miguel. Primitivo retábulo das Almas, na igreja matriz de Portimão.

Escultura de madeira estofada e policromada (90 x 40 cm).

1743: Francisco Xavier, mestre entalhador com oficina aberta na cidade de Faro, que então assume também a feitura do retábulo das Almas e da imagem do Senhor Crucificado (LAMEIRA, 2001-2002, p. 229).

Foto padre Mário Sousa - Paróquia de Portimão.



Nossa Senhora do Pé da Cruz. Orago de uma ermida em Querença – Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (90 x 56 cm). Cerca de 1745 (data de uma campanha de obras na ermida); eventualmente executada por um mestre algarvio. Foto Museu Municipal de Loulé - Marco Sousa Santos.



Santa Ana. Retábulo-mor da ermida de Nossa da Conceição, em Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (74 x 50 cm). 1745: data da feitura do retábulo (LAMEIRA, 2001-2002, p. 210). Museu Municipal de Loulé - Stills Fotografia.



Anjo da Guarda. Retábulo-mor da ermida de Nossa da Conceição, em Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (70 x 30 cm). 1745: eventualmente executada por Miguel Nobre, responsável pela feitura do retábulo (LAMEIRA, 2001-2002, p. 210). Foto Museu Municipal de Loulé.



Nossa Senhora da Conceição. Orago de um retábulo lateral, na igreja paroquial de Santa Catarina da Fonte do Bispo - Tavira. Escultura de madeira estofada e policromada (124 x 52 cm). 1747: Francisco de Ataíde, mestre com oficina aberta na cidade de Faro (LAMEIRA, 2001-2002, pp. 239 e 240). Foto Liliana André.



São José. Museu Municipal, em Lagos, proveniente da igreja do Espírito Santo ou do Compromisso Marítimo. Escultura de madeira estofada e policromada (82 x 36 cm). Cerca de 1748 (data da reconstrução da igreja): eventualmente executada por Manuel Martins, insigne escultor de Faro. Foto Museu Municipal de Lagos.



Arcanjo São Miguel. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Paderne - Albufeira.
Escultura de madeira estofada e policromada (60 x 46 cm).
Década de 1740: eventualmente executada por Miguel Nobre, mestre com oficina aberta em Faro.



Nossa Senhora da Conceição. Orago de um dos altares laterais da igreja matriz de Santa Maria, em Lagos, atualmente no Museu Municipal. Escultura de alabastro (80 x 30 cm). Primeira metade do século XVIII: aquisição em Itália. Foto Município de Lagos - Paula Campos.



São Camilo de Lélis. Retábulo-mor da igreja conventual dos camilos, atualmente da Misericórdia, em Portimão.

Escultura de madeira estofada e policromada (130 x 42 cm).

Primeira metade do século XVIII: imagem trazida de Lisboa quando os Clérigos Regulares Ministros dos Enfermos tomaram posse da igreja do extinto colégio, em 1780.



Cristo Crucificado. Altar do Senhor Jesus dos Milagres, na igreja paroquial do Salvador, em Alcoutim. Escultura de madeira estofada e policromada. 1750 (DICIONÁRIO GEOGRÁFICO, 1758, pp. 113 e 114). Eventualmente executada em Faro. Foto José Bernardo Carvalho.



Santo António de Lisboa. Paço episcopal de Faro. Escultura de madeira e marfim (44 x 19 cm). Meados do século XVIII: provavelmente originária de Goa, trazida pelo arcebispo-bispo D. frei Lourenço de Santa Maria, religioso franciscano, quando tomou posse da diocese algarvia.



Nossa Senhora da Conceição. Igreja de São Francisco, em Faro. Escultura em meio relevo, estofada e policromada (142 x 92 cm). Meados do século XVIII: eventualmente Tomé da Costa e Francisco Xavier Guedelha, continuadores da oficina de Manuel Martins. Foto Museu Municipal de Faro.



Santo António de Lisboa. Retábulo lateral, da invocação de São Vivente Ferrer, na igreja da ordem terceira do Carmo, em Faro. Escultura de madeira estofada e policromada (99 x 44 cm). 1753: Tomé da Costa e Francisco Xavier Guedelha (LAMEIRA, 2001 - 2002, p. 183). Foto Maria del Rio.



Nossa Senhora do Carmo. Igreja matriz de São Clemente, em Loulé. Escultura de madeira estofada e policromada (84 x 40 cm). Terceiro quartel do século XVIII: muito provavelmente importada de Lisboa. Foto Museu Municipal de Loulé.



Santa Maria Madalena. Igreja da Misericórdia, em Castro Marim. Escultura de barro policromada (64 x 36 cm). Terceiro quartel do século XVIII: eventualmente executada pelas religiosas bernardas de Tavira. Foto Cátia Pereira.



Nossa Senhora das Almas. Altar das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Portimão. Escultura de madeira estofada e policromada (64 x 38 cm). Terceiro quartel do século XVIII: muito provavelmente adquirida em Lisboa.



Nossa Senhora da Conceição. Orago da igreja paroquial de Monchique. Escultura de madeira estofada e policromada (186 x 70 cm). 1765: custou 60\$000 réis, (a de maior custo no Algarve), tendo sido adquirida em Lisboa, eventualmente ao escultor Manuel Vieira.



Nossa Senhora da Assunção. Orago da igreja paroquial da Mexilhoeira Grande - Portimão.

Escultura de madeira estofada e policromada (86 x 36 cm).

1769: custo do feito 14\$400 réis (SIMÕES, 2005, p. 169); João da Costa Amado (?), mestre que então executa diversos retábulos na igreja; custo do estofado: 12\$000 réis - Joaquim José de Mendonça, também morador em Loulé (SIMÕES, 2005, p. 171)

Foto Humberto Martins - Paróquia da Mexilhoeira Grande.



Nossa Senhora da Encarnação. Orago da igreja matriz de Vila Real de Santo António.
Escultura de madeira estofada e policromada (154 x 60 cm).
1776 (bênção solene da igreja): provavelmente executada por Machado de Castro (HORTA CORREIA, 1984, p. 372).



Santo Elesbão. Retábulo de São Simão Stock, na igreja da ordem terceira de Nossa Senhora do Carmo, em Faro. Escultura de madeira estofada e policromada (72 x 42 cm).

1777: custo do *feito* 9\$360 réis (*Livro da receita e despesa da Ordem terceira do Carmo*, fl. 39), eventualmente Manuel Francisco Xavier, mestre com oficina aberta em Faro, que então conclui o retábulo; 1779: custo do *estofado* 12\$000 réis (*Idem*, *ibidem*, fl. 47 vº). Foto Maria del Rio.



Nossa Senhora da Graça. Orago de um retábulo lateral, na igreja paroquial de Nossa Senhora da Assunção, na Mexilhoeira Grande – Portimão. Escultura de madeira estofada e policromada (120 x 52 cm). 1778: adquirida em Braga (SIMÕES, 2005, p. 87).



Santo António de Lisboa. Retábulo lateral, na igreja paroquial de Santiago, em Estômbar - Lagoa. Escultura de madeira estofada e policromada (89 x 35 cm). 1779: mandada executar em Lisboa (SIMÕES, 2008, p. 111). Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.



Senhor Crucificado. Retábulo das Almas, na igreja paroquial de Nossa Senhora do Rosário, em Olhão. Escultura estofada e policromada (165 x 150 cm).

Cerca de 1779: ano em que Manuel Francisco Xavier, com oficina aberta em Faro, ajusta o retábulo fronteiro, de composição idêntica. Foto Martina del Rio.



São Gonçalo de Lagos. Destruída igreja do Compromisso Marítimo de Lagos, atualmente no Museu Municipal. Escultura estofada e policromada (82 x 42 cm). Cerca de 1780 (ano em que a rainha D. Maria I recomenda que se cultue este beato no dia 16 de novembro). Muito provavelmente importada de Lisboa.
Foto Município de Lagos - Gil Barros.



Santa Rita de Cássia. Igreja paroquial de Nossa Senhora da Conceição, em Ferragudo - Lagoa. Escultura estofada e policromada (60 x 32 cm). Cerca de 1780 (ano em que a rainha D. Maria I recomenda que se cultue esta santa no dia 22 de maio). Muito provavelmente importada de Lisboa. Foto Ismael Medeiros - Município de Lagoa.



Santa Justa. Orago de uma ermida, na freguesia de Martinlongo – Alcoutim. Escultura de madeira estofada e policromada (82 x 38 cm). 1792 - 1793: importada de Lisboa (LAMEIRA e RODRIGUES, 1985, p. 85), eventualmente executada por Joaquim José de Barros Laborão, mestre com oficina aberta em Lisboa
Foto Raquel Martins



Nossa Senhora da Conceição. Retábulo-mor da igreja matriz de Santa Maria, em Tavira.
Escultura de madeira estofada e policromada (164 x 64 cm).
Finais do século XVIII: eventualmente Joaquim José de Barros Laborão, mestre com oficina aberta em Lisboa.
Foto Marta Pereira.



Senhor Crucificado. Retábulo do Calvário, na igreja da sé, em Silves. Escultura de madeira estofada e policromada (170 x 150 cm). Princípios do século XIX: eventualmente José da Costa, mestre entalhador com oficina aberta em Faro. Foto Jorge Correia - Município de Silves.



Nossa Senhora da Luz. Orago da igreja paroquial de Lagoa. Escultura estofada e policromada (155 x 60 cm).
Cerca de 1804 (data da execução do retábulo-mor); eventualmente Machado de Castro (FERREIRA DE ALMEIDA, 1974, p. 306).
Foto Ismael Medeiros – Município de Lagoa.



Nossa Senhora d'Alva. Orago da igreja paroquial de Aljezur. Escultura estofada e policromada (160 x 74 cm). 1809 (data da sagração da igreja): eventualmente Feliciano José Lopes Correia, mestre escultor lisboeta (VENTURA, 2021, p. 960). Foto Município de Aljezur.

Fontes e estudos citados nas notas e nos textos

Arquivo do cabido da sé de Faro, *Documentos avulsos*.

Idem, *Livro dos Acórdãos*, de 1737 a 1743.

Idem, *Livro dos Acórdãos*, de 1751 a 1758.

Idem, *Livro de Acórdãos*, de 1789 a 1820.

Idem, *Livro da Fábrica*, de 1711 a 1747.

Idem, *Livro da Fábrica*, de 1747 a 1769.

Arquivo Distrital de Faro, *Livro de Notas do tabelião de Lagos*, António Guerra, 1742.

Idem, *Livro de Notas do tabelião de Faro*, José da Silva Ribeiro e Costa, 1752.

Idem, *Livro da receita e despesa da confraria e mais coisas necessárias do glorioso Santo António do Alto*, de 1677 a 1736.

Idem, *Livro da receita e despesa de São Sebastião desta cidade de Faro*, de 1788 a 1830.

Arquivo Nacional da Torre do Tombo, *Habilitação do Santo Ofício*, maço 2, nº 13, 1692.

Arquivo da ordem terceira do Carmo de Faro, *Livro da despesa da ordem terceira do Carmo de Faro*, de 1770 a 1809.

Idem, *Livro do inventário da ordem terceira do Carmo*, de 1714 a 1822.

Arquivo do paço episcopal de Faro, *Livro da receita e da despesa da confraria de Santo António, de São Bartolomeu de Messines (1684-1788)*.

Idem, *Livro de registo do bispado do Algarve*, de 1672 a 1717.

Arquivo paroquial de Martinlongo, *Livro da fábrica da igreja matriz de Martinlongo*, de 1614 a 1817.

Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Assunção de Martinlongo, de 1769 a 1829.

Idem, *Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora do Rosário de Martinlongo, de 1668 a 1847 e estatutos dos assentos dos irmãos, 1789-1790*.

Idem, *Livro da receita e despesa da confraria do Santíssimo de Martinlongo*, de 1669 a 1868.

Arquivo paroquial de Moncarapacho, *Livro das visitas de Moncarapacho*, de 1678 a 1820.

Arquivo paroquial de Monchique, *Livro da receita e despesa da confraria de Nossa Senhora da Conceição*.

Arquivo paroquial de Paderne, *Livro das visitas da igreja de Nossa Senhora da Esperança de Paderne*, de 1660 a 1831.

Arquivo paroquial de São Pedro de Faro, *Livro do inventário da Casa do Compromisso Marítimo*, 1822.

Arquivo paroquial de Silves, *Livro da despesa da renda do pé do altar que as Mesas episcopal e capitular devem a esta igreja de Silves*, de 1699 a 1729.

ALEIXO, João Romero Chagas (2013) – *O culto a Nossa Senhora da Piedade, Mãe Soberana dos louletanos, em Loulé (1806-2013)*, dissertação de mestrado, Universidade de Coimbra.

ARAÚJO, Ana Cristina (1997) – *A morte em Lisboa. Atitudes e representações 1700 - 1830*, Lisboa.

- BARATA, Carolina (2008) – *Caracterização de materiais e de técnicas de policromia da escultura portuguesa sobre madeira de produção erudita e de produção popular da época barroca*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.
- BARRETO II, D. Francisco (1674) – *Constituições Sinodais do bispado do Algarve*, Lisboa.
- CARVALHO, Maria João Vilhena de (2004) – *Normas de inventário. Escultura. Artes plásticas e artes decorativas*, Lisboa.
- CARVALHO, Maria João Vilhena de e CORREIA, Maria João Pinto (2009) – “A escultura nos séculos XVI a XVII”, *Arte Portuguesa*, vol.7, Lisboa.
- CASTRO, padre João Baptista de (1762) – *Mapa de Portugal antigo e moderno*, tomo 1, Lisboa.
- CASTRO, Joaquim Machado de (1788) – *Discurso sobre as utilidades do desenho*, Lisboa.
- CAVACO, Hugo (1987) – *Visitações da Ordem de Santiago ao Sotavento algarvio*, Vila Real de Santo António.
- CONSTITUIÇÕES DO BISPADO DE ÉVORA (1534), Lisboa.
- DIAS, Pedro (1995) – “As outras imagens; o Maneirismo na escultura portuguesa”, *A Pintura Maneirista em Portugal. Arte no tempo de Camões*, Lisboa, pp. 134 a 163.
- DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – “Alcoutim”, vol. 2, nº 12, pp. 113 a 130.
- DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – “Alvor”, vol. 3, nº 51, pp. 375 a 392.
- DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – “Castro Marim”, vol. 10, nº 226, pp. 1503 a 1514.
- DICIONÁRIO GEOGRÁFICO (1758) – “Moncarapacho”, vol. 23, nº 172, pp. 1131 a 1140.
- DUARTE, Afonso da Cunha (2005) – *São Brás de Alportel. Memórias. Igreja e Instituições Religiosas*, São Brás do Alportel.
- DUARTE, Afonso da Cunha (2015) – *São Brás de Alportel. Memórias. Monumenta Blasiana*, São Brás do Alportel.
- FONSECA, Jorge (2016) – *Religião e liberdade. Os negros nas irmandades e confrarias portuguesas (séculos XV a XIX)*, Lisboa.
- FONSECA, Jorge e SABÓIA, João (2001 - 2002) – “Os negros de Faro e a confraria de Nossa Senhora do Rosário”, *Anais do Município de Faro*, XXX - XXXI, pp. 113 a 131,
- FERREIRA DE ALMEIDA, José António, coord. (1976) – *Tesouros Artísticos de Portugal*, Lisboa.
- GUERRA, Luís de Bivar – org. (1975) – *Documentos para a história da arte em Portugal. 13. Arquivo do Tribunal de Contas. Colégios de Portalegre, Portimão, Faro, Angra, Ponta Delgada e Funchal (Companhia de Jesus)*, Lisboa.
- HENRIQUES, Francisco Xavier de Almeida Costa (2015) – *Portais para o espaço divino. Geometria e narrativa no retábulo escultórico do Renascimento*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- HORTA CORREIA, José Eduardo Capa (1984) – *Vila Real de Santo António. Urbanismo e Poder na política pombalina*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- LAMEIRA, Francisco (1987) - “Elementos para um dicionário de artistas e artífices que trabalharam a madeira em/para a cidade de Faro nos séculos XVII a XIX”, separata dos *Anais do Município de Faro*, XVI, pp. 1 a 62.
- LAMEIRA, Francisco (2000) - *A Talha no Algarve durante o Antigo Regime*, Faro.
- LAMEIRA, Francisco (2001 - 2002) - “Documentos para a história do Algarve”, *Anais do Município de Faro*, XXX - XXXI, pp. 133 a 257.
- LAMEIRA, Francisco (2010) - *A Igreja de Santo António de Lagos*, Lagos.

- LAMEIRA, Francisco e REIS, Mónica Esteves (2016) – *Retábulos no Estado de Goa*, (Promontoria Monográfica História da Arte 12), Faro.
- LAMEIRA, Francisco e del RIO JOÃO, Martina (2022) – *Os irmãos Martins: Manuel e Gaspar - os mais reputados mestres entalhadores e escultores algarvios na primeira metade de Setecentos*, (Promontoria Monográfica História da Arte 28), Faro.
- LAMEIRA, Francisco e RODRIGUES, padre Manuel (1985) – *A escultura de madeira no concelho de Alcoutim do séc. XVI ao XIX*, Faro.
- LAMEIRA, Francisco e SANTOS, Maria Helena Rodrigues (1988) – *Visitação de igrejas algarvias. Ordem de Santiago*, Faro.
- LANGHANS, Franz-Paul (1945) – *As corporações dos ofícios mecânicos*, Lisboa.
- MACHADO, Cyrilo Volkmar (1823) – *Coleção de memórias relativas às vidas dos pintores, escultores, arquitetos e gravadores portugueses e estrangeiros que estiveram em Portugal*, Lisboa.
- MARTINS, Luísa Fernanda Guerreiro e CABANITA, padre João Coelho (2001 - 2002) – “Visitação das igrejas dos concelhos de Faro, Loulé e Aljezur pertencentes à Ordem de Santiago, 1565”, *Al-íyā - Revista do Arquivo Histórico Municipal de Loulé*, nº 8, pp. 183 a 282.
- MENDES, Rui Manuel Mesquita (2017) – “Novos contributos para a história da escultura religiosa em Lisboa (séculos XVI, XVII e XVIII)”, *Inverine: Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Lisboa, pp. 6 a 22.
- OLIVEIRA, Maria Gabriela Gomes de (1992) – “Uma irmandade volante do século XVIII. O folheto *Lágrimas das Almas*”, *Línguas e Literaturas. Revista da Faculdade de Letras do Porto*, II série, vol. IX, pp. 349 a 354.
- PALOMERO PÁRAMO, Jesus M. (1983) – *El retablo sevillano del Renacimiento. Análisis y evolución (1560- 1620)*, Sevilha.
- PINHEIRO E ROSA, José António (1972) – “Procissões de Faro”, Separata dos *Anais do Município de Faro*, Faro.
- PINTO, Maria Helena Mendes e PINTO, Vítor Roberto Mendes (1968) – *As Misericórdias do Algarve*, Lisboa.
- REIS, João Vasco (2017) – *Com os olhos no “Céu”. Os templos de fé do concelho de Lagoa*, Lagoa.
- RIO JOÃO, Martina del (2021) – “O retábulo da capela do Santíssimo da igreja paroquial de Estoi”, *Anais do Município de Faro*, pp. 255 a 269.
- SALDANHA, Sandra Costa (2011) – “Santa Maria, Mãe dos Homens. Difusão do culto pela imagem: arte e iconografia”, *Inverine: Revista dos Bens Culturais da Igreja*, Lisboa, pp. 11 a 15.
- SALDANHA, Sandra Costa (2017) – “Joaquim José de Barros Laborão (1762 -1820). O percurso de um escultor na transição de Setecentos”, *Boletim do CEIB - Centro de Estudos da Imaginária Brasileira*, vol.21, nº 67, Belo Horizonte, pp. 1 a 6.
- SANTA MARIA, frei Agostinho de (1716) – *Santuário Mariano*, 6, Lisboa.
- SANTA MARIA, frei Agostinho de (1721) – *Santuário Mariano*, 7, Lisboa.
- SANTANA, Daniel (2006) – “São Domingos”, *Espírito e Poder. Tavira nos tempos modernos*, Tavira, pp. 154 e 1555.
- SANTANA, Daniel (2018) – *Diogo Tavares e Ataíde. Arquiteto algarvio (1711- 1765)*, Lisboa
- SANTOS, Isabel Maria Dâmaso de Azevedo Paz dos (2014) – *Do altar ao palco. Santo António na tradição literária, artística e teatral em Portugal e Espanha*, tese de doutoramento, Universidade de Lisboa.
- SERRÃO, Vítor (2010) – “A pintura no mosteiro de Santa Mónica em Goa (c. 1606 – 1639). Encomendantes, artistas, funções. Arte e devoção em Goa no tempo dos Filipes”, *Atas do 2.º Colóquio de Artes Decorativas*, Lisboa, pp. 337 a 374.
- SIMÕES, João Miguel (2005) – *A igreja de Nossa Senhora da Assunção da Mexilhoeira Grande*, Lisboa.

SIMÕES, João Miguel (2008) – *A igreja de Santiago de Estômbar*, Lagoa.

SIMÕES, João Miguel (2008a) – *O Convento da Graça, antigo mosteiro de São Francisco de Loulé*, Lisboa.

TIRGOALA, Filipa de Albuquerque Ribeiro Christellys Soromenho (2015) – *Cânones, movimento e expressão na representação da figura humana*, dissertação de mestrado, Universidade de Lisboa.

VALADARES, Álvaro de (1949) – *Guia do visitante das igrejas de Faro*, Faro.

VALENÇA, Manuel (1997 - 1998) – “Presença franciscana em Faro – Séc. XVI – XX”, *Anais do Município de Faro*, XXVII-XXVIII, pp. 35 a 114.

D. VASCONCELOS, Damião A. de B. (1937) – *Notícias históricas de Tavira (1242 - 1840)*, Lisboa.

I. VASCONCELOS, padre Inácio da Piedade (1733) – *Artefactos simétricos e geométricos (...)*, Lisboa.

VENTURA, Maria da Graça Mateus e MARQUES, Maria da Graça Maia (1993) – *Portimão*, Lisboa.

VENTURA, Ruy (2015) – “A renovação barroca da igreja matriz de Bordeira (Aljezur)”, *Invenire. Revista dos Bens Culturais da Igreja*, nº11, pp. 35 a 39.

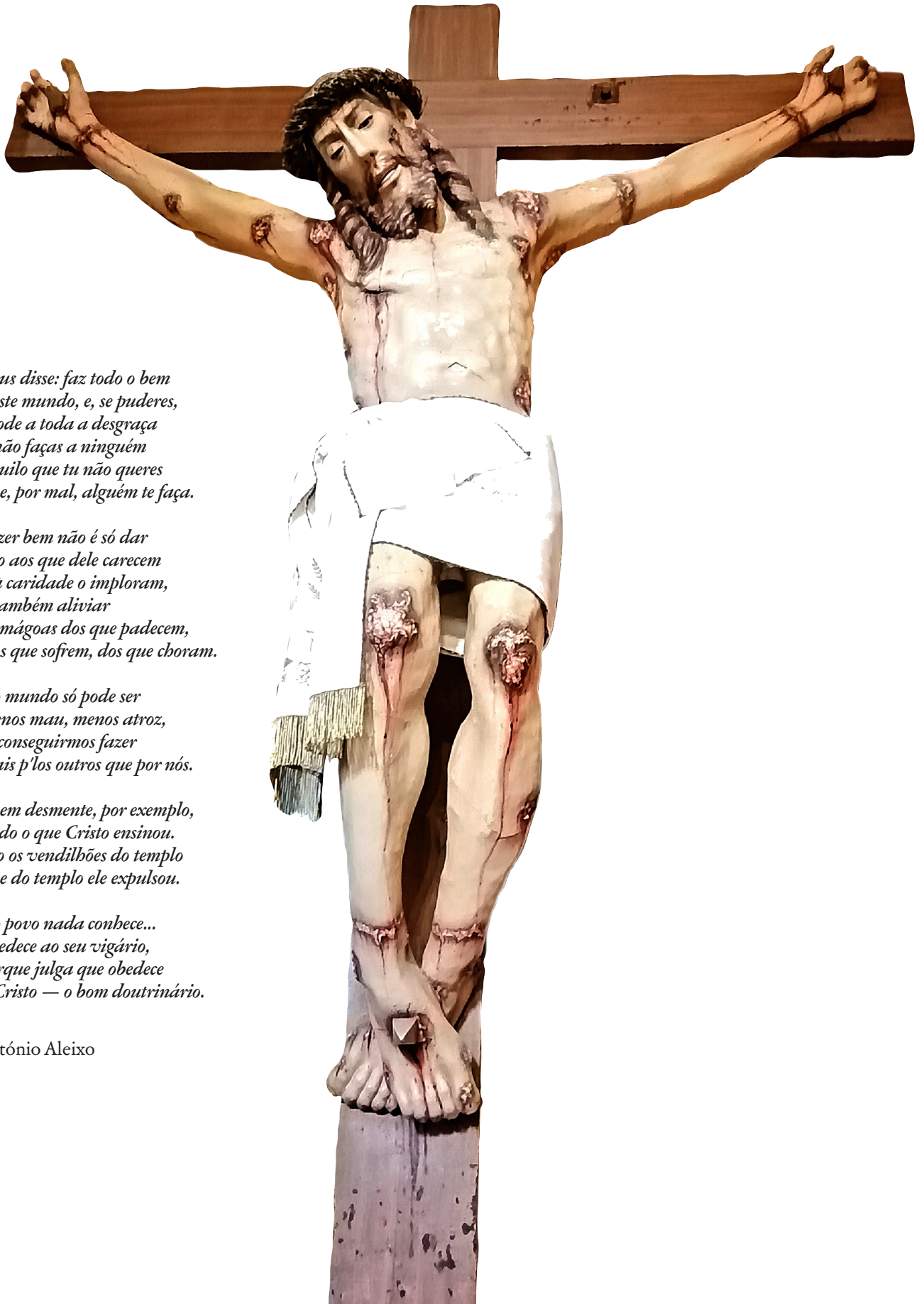
VENTURA, Ruy (2021) – “Comendador, povo e bispo na edificação e ornamentação da igreja matriz de Aljezur”, *Atas do VIII Encontro sobre Ordens Militares*, Palmela, pp. 937 a 961.



Santa Luzia. Primeira metade do sec. XVIII.
Igreja matriz de Aljezur.



Alvor. Portal principal da Igreja paroquial. Foto Mario Novais.



*Deus disse: faz todo o bem
Neste mundo, e, se poderes,
Acode a toda a desgraça
E não faças a ninguém
Aquilo que tu não queres
Que, por mal, alguém te faça.*

*Fazer bem não é só dar
Pão aos que dele carecem
E à caridade o imploram,
É também aliviar
As mágoas dos que padecem,
Dos que sofrem, dos que choram.*

*E o mundo só pode ser
Menos mau, menos atroz,
Se conseguirmos fazer
Mais p'los outros que por nós.*

*Quem desmente, por exemplo,
Tudo o que Cristo ensinou.
São os vendilhões do templo
Que do templo ele expulsou.*

*E o povo nada conhece...
Obedece ao seu vigário,
Porque julga que obedece
A Cristo — o bom doutrinário.*

António Aleixo

Senhor Jesus.
Igreja paroquial de Alvor.
Foto padre Miguel Ângelo Pereira.

